

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA**

**MIRO O MAR,
MORAIS NO GRANDE TABULEIRO?**

TÂNIA MARA CASSEL TROTT

Florianópolis

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TÂNIA MARA CASSEL TROTT

**MIRO O MAR,
MORAIS NO GRANDE TABULEIRO?**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira, Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Linha de Pesquisa Literatura Catarinense, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Junkes

**FLORIANÓPOLIS
2005**

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Ênio (em memória), à D. Júlia, minha mãe e ao Sílvio (em memória), que pelo exemplo de suas vidas, mestres se fizeram; aos demais familiares e amigos pelo apoio e incentivo dados durante o percurso deste trabalho.

Ao Frédy, pela compreensão e estímulo sempre presentes e nossos filhos Frederico, Luna e Isadora, colaboradores em todos os momentos.

Ao professor-orientador Dr. Lauro Junkes, inicialmente por acreditar neste trabalho e pela oportunidade em realizá-lo, como também pela simplicidade, amizade e segurança que transmitiu ao longo da pesquisa.

Ao escritor Miro Morais, que pelos seus contos me levou a repensar e a refletir sobre a vida e seus destinos, a cada questionamento colocado, a recompensa da beleza e da simplicidade de viver, por disponibilizar publicações e materiais preciosos para a construção do estudo e também pelo agradável bate-papo em sua casa, na soleira da Lagoa da Conceição.

À Prof^a Dr^a Daniela Schneider, pela acolhida em suas aulas de Psicologia Existencial.

Aos professores Dr^a Alai Garcia Diniz e Dr. Carlos Eduardo Capela pelas suas observações e sugestões dadas por ocasião do Exame de Qualificação desta dissertação.

À Lícia Cassel da Silva e Eliane Dias Debus pela solicitude e paciência em ouvir minhas aflições ou entusiasmos pela pesquisa, e sobretudo pelas leituras e comentários dessas páginas, apontando sugestões ora enriquecedoras, ora encorajadoras.

Ao Colégio de Aplicação/UFSC, instituição na qual trabalho, pela concessão de Afastamento Integral no ano de 2004 para que concluísse a pesquisa e procedesse a escrita desse trabalho e em especial, aos colegas da disciplina de Língua Portuguesa, que possibilitaram a minha saída para realização do mesmo.

Aos cidadãos brasileiros, que por intermédio de uma Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, me oportunizaram este estudo.

Uma fronteira
não é o ponto onde algo termina,
mas, como os gregos reconheceram,
a fronteira é o ponto a partir do qual
algo começa a se fazer presente.

Martin Heidegger

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 COMEÇO DE JOGO: DISPOR AS PEÇAS	8
2 AO COLOCAR-SE DIANTE DO TABULEIRO	13
2.1 AS PEDRAS MOVEM-SE PARA RETRATAR UM HOMEM	14
2.2 RECEPÇÃO DO ESCRITOR PELA CRÍTICA LITERÁRIA	20
2.3 O ESCRITOR DESLOCA AS PEÇAS NUMA ESTRUTURA INOVADORA	26
2.4 ESTRUTURA NARRATIVA: QUE LAÇOS UNEM HISTÓRIAS AUTÔNOMAS? .	30
2.5 EM CADA OBRA UMA JOGADA: TEMAS AFINS, LANCES DEFINIDOS	55
3 EM JOGO A EXISTÊNCIA	61
3.1 PRIMEIRO LANCE: EXISTIR?	62
3.2 SEGUNDO LANCE: CAMINHOS	72
3.3 TERCEIRO LANCE: TEMAS COMUNS, PLURAIS POSIÇÕES	83
3.4 UM LANCE À FRENTE: É POSSÍVEL PRECISAR O EXISTENCIALISMO?	91
4 ARREMESSO DAS PRIMEIRAS PEÇAS	93
4.1 POSSIBILIDADES DE LANCES	94
4.2 O PRIMEIRO BOTE	98
4.3 A EXISTÊNCIA ARMA SUAS ESTRATÉGIAS	108
5 FINAL DE PARTIDA	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	134

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a obra *A coroa no reino das possibilidades*, do escritor catarinense Miro Morais e pretende realizar o entrecruzamento entre a corrente filosófica existencialista e a história veiculada no romance, cujo tema principal é comum e pertinente: a busca incessante da liberdade. Inicialmente investigamos a trajetória literária do autor, seu estilo ficcional, temática e sua recepção na crítica literária. A seguir, percorremos a história, temas e principais pensadores da filosofia existencialista, vertente filosófica que se propalava nos meios intelectuais na época em que o romance foi escrito. Logo, reconhecemos a forte influência que essa corrente de pensamento exerceu na poética literatura de Miro Morais, que numa escrita lúdica e lúcida nos leva a refletir sobre a vida, a liberdade e o sentido da existência.

Palavras-chave: literatura – filosofia – existencialismo

ABSTRACT

The main objective of this research is to study the work ‘A coroa no reino das possibilidades’ (*The crown in the kingdom of possibilities*) by Miro Moraes, a writer from Santa Catarina and it intends to cross the philosophic existentialist stream and the history drawn in romance, which main topic is common and pertinent: the nonstop search for freedom. At first the author’s literary trajectory, his fictional style, thematic and his reception in the literary criticism are investigated. Next, we go through the history, themes and main thinkers of the existentialist philosophy, which was the philosophic line that propagated among the intellectual environments at the time the romance was written. Therefore, we recognize the strong influence that such stream of thoughts had on the poetic literature of Miro Moraes, who, with a light and lucid writing, leads us to a reflection about life, freedom and the meaning of existence.

Key words: literature - philosophy - existentialism

1 COMEÇO DE JOGO: DISPOR AS PEÇAS

Agora a casa está cheia desta agradável presença. Deito-me na rede do avarandado, à hora em que o sol se transforma em uma grande maçã roçando as linhas mais altas da Serra do Mar e sinto seu cheiro forte e soberbo aproximar-se como um manto de paz. Fecho os olhos sem pensar em nada, gozando apenas o prazer de um mundo reconstruindo-se a cada momento e para me unir ainda mais a esse mundo, a sua língua quente, enorme, escorre por minhas mãos lentamente, como um óleo prodigioso, capaz de curar todas as feridas e proteger a alma contra todas as desconfianças.

Miro Morais

Primeiro a leitura. Conto a conto. Entre um e outro; parar, pensar. Ler mais um pouco. Refletir. Intrigar-se. Foi o que bastou para nos sentirmos participantes, elementos imprescindíveis na obra de Miro Morais.

E com o olhar, às vezes, perdido em pensamentos, às vezes, grudado na leitura, podemos perceber que a obra nos envolve pelo seu carácter atemporal. Os temas abordados e as reflexões a que o autor nos expõe são atualíssimas.

Dentre as obras do escritor, selecionamos como *corpus* o romance *A coroa no reino das possibilidades*. É uma narrativa que possibilita leituras de diversos prismas, ângulos, temas, enfim, variadas interpretações, de acordo com as preferências, conhecimentos e experiências de cada leitor.

Este é um ponto de partida, o leitor já de início sente-se co-participante das histórias trazidas pelo narrador-personagem, seja nas suas constantes indagações, seja espelhadas na

sua própria experiência de vida. Cada investigação sobre a vida, a liberdade, o sentido da existência, merece uma reflexão e para tanto, nós leitores, buscamos nas nossas próprias vivências a resposta para isso. Jean Paul Sartre elucida essa idéia em sua obra *Que é a literatura?* apresentando o leitor como integrante do processo criador da obra e declara que:

A leitura é um exercício de generosidade; e aquilo que o escritor pede ao leitor não é a aplicação de uma liberdade abstrata, mas a doação de toda a sua pessoa, com suas paixões, suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores. Somente essa pessoa se entregará com generosidade; a liberdade a atravessa de lado a lado e vem transformar as massas mais obscuras da sua sensibilidade (SARTRE, 1989, p. 42).

Com isso, a forma escrita não se estanca quando é impressa, ela ganha novo contorno, cada vez que é submetida a um novo leitor. Ele exerce sua liberdade e individualidade, tornando o texto diferente, extraindo dele sentimentos, perspectivas, desvendamentos. A leitura é um ato de decifração e nós, leitores, assumimos compromisso em relação ao romance em questão.

Buscar o sentido para a existência e lutar incessantemente pela liberdade é o que Miro Morais propõe o tempo todo em sua obra. E desses dois grandes temas, desdobram-se outros, como a angústia, a escolha, a solidão, o individualismo, a subjetividade, a vida e a morte. Temas tão presentes em nossas vidas. Cotidianos, mesmo que sutis. Existimos de uma forma diferente. Somos capazes de pensar sobre nós mesmos, sobre o mundo no qual nos encontramos e fazemos escolhas, estabelecendo o nosso futuro. Esse é o princípio da liberdade.

Eis o que configura a Filosofia Existencialista, que, entrelaçada com a linguagem poética utilizada pelo autor, é assunto de relevância na pesquisa que ora realizamos, é ela que dá originalidade à literatura de Miro Morais. E é neste aspecto que propomos aprofundar as investigações em torno de sua obra *A coroa no reino das possibilidades*. Pois é através dessa

escrita impregnada de poesia que o escritor nos revela sua concepção de mundo tipicamente existencialista: trata de problemas do “existir”, da falência das relações humanas, da necessidade de isolamento e, em meio a uma série de escolhas e possibilidades, caminha em direção à busca da liberdade.

Modernamente há contos que vivem mais da mera sugestão, da maneira como o autor coloca e recria ou reflete sobre um tema. E menos da história em si a ser contada. Miro Morais faz parte destes autores, atualíssimo em suas colocações, não apenas por seu talento e extrema sensibilidade, mas por sua autenticidade e inquietação constantes; sua visão de mundo vai até o mais profundo dos problemas existenciais abordados. Em sua obra, há entrelinhas a serem refletidas, decifradas, deixadas à inteligência e experiência do leitor. Exige a participação deste para concluir o que ali está dito, diretamente ou apenas insinuado.

Com uma literatura pessoal, inteligente e plena de sugestões, Miro Morais constrói sua obra de forma simples e revela a linguagem cotidiana dos pescadores do interior da Ilha de Santa Catarina. Os capítulos-contos escorrem com facilidade, resultado de uma elaboração cuidadosa. Histórias do dia-a-dia dos pescadores, da mesmice da vida, rápidos apanhados de algum fato, lembranças do passado, reflexões sobre sociedade e política, e sobretudo, a angústia de viver e a busca incansável pela liberdade, sempre numa conotação psicológica e existencialista. Tudo se ergue, se cria e funde em histórias da melhor textura e acabamento, plenas de interesse e emoção, às vezes sofridas, deixando que o leitor, com sensibilidade e inteligência, reflita e complete o que ali se mostra.

A história criada pelo autor que nos propomos analisar sugere estar assentada sobre um tabuleiro de jogo de xadrez, como o próprio título do romance anuncia: *A coroa no reino das possibilidades*. Em linguagem metafórica o autor faz-nos sentir neste tabuleiro, o mundo em que vivemos. E nós, viventes inconformados diante das contradições sociais, das pressões,

da massificação da vida moderna, somos as peças que se movem, sempre em busca de respostas para nossas angústias, para o sentido da existência, para nossa condição humana, visando sempre ao lance final, ao xeque-mate: alcançar a tão almejada liberdade.

Retrataremos, ao longo dos capítulos deste trabalho, esse movimento de peças e inúmeros lances que o autor proporciona sutilmente em sua literatura. Seguiremos, junto com o narrador-personagem, em busca de um estudo das possibilidades, esperando ver coroado de êxito cada lance.

Outra característica da obra de Miro Morais que merece especial atenção é a estrutura fragmentada da narrativa, contrariando o modelo tradicional, em que há linearidade dos acontecimentos e dos elementos da narrativa e o autor adota o encadeamento dos fatos do início ao fim. A obra *A coroa no reino das possibilidades* possibilita duas experiências de leitura. A primeira feita conto a conto, isoladamente. A leitura do conto isolado basta para a sua compreensão; o leitor vai registrando cenas, fatos, ações, reflexões, questionamentos. Os acontecimentos constituem-se em pequenas histórias. Há uma independência em cada registro a ser narrado. A segunda experiência requer que os trechos sejam lidos realmente como um capítulo, parte de um todo. Entrelaçados os capítulos-contos, obtém-se uma narrativa em que, pela presença do narrador-personagem, pelo fio condutor de seus questionamentos, e pelo espaço onde ocorrem os acontecimentos, a unidade da obra é mantida e garante o encadeamento dos fatos a que o narrador se refere.

Simultaneamente a essa estrutura narrativa, a palavra soberana e insinuante do personagem aparece muitas vezes carregada de linguagem figurada; por entre símbolos e metáforas o autor vai tecendo suas histórias, outra marca de Miro Morais. Com ela o protagonista busca respostas para seu íntimo, suas angústias diante da existência, enfim, da

problemática da vida. Juntos, narrador-personagem e nós, leitores, procuramos compreender antes de tudo o ser que somos nós.

Há necessidade evidente de realizarmos um estudo teórico da Filosofia Existencialista, vertente filosófica que se espalhou pelo mundo nos meios intelectuais na época em que o romance foi escrito: seu percurso histórico, seus temas e principais pensadores.

Se é impossível delimitar fronteiras entre a linguagem poética e a Filosofia Existencialista, pois estas permitem relações e não se limitam a revelações por si só, trataremos, então, das possibilidades de realizar entrecruzamento entre a Filosofia Existencialista e a história narrada em *A coroa no reino das possibilidades*, porque tanto essa linha de pensamento filosófico, quanto as angústias e indagações do narrador-personagem nos remetem à mesma temática: a busca incessante da liberdade.

O existencialismo representa a vida como uma série de lutas entre o indivíduo e os outros. O primeiro é forçado a tomar decisões. Daí, instaura-se o conflito: o problema são os outros, que também fazem suas escolhas. Existe sempre uma relação possível entre um e outro, entre uma figura simbólica e um dado filosófico-social. Portanto, a função original dos símbolos é precisamente essa revelação existencial do ser humano a si próprio.

Para tanto, o estudo será estruturado em três partes. A primeira abordará uma síntese biográfica do autor e sua recepção pela crítica literária, bem como sobre seu estilo ficcional e a estrutura narrativa utilizada no romance; o segundo capítulo destacará um estudo do existencialismo, vertente filosófica que se propalava nos meios intelectuais na época em que a obra foi escrita, seu percurso histórico, seus temas e principais pensadores. O entrecruzamento desta corrente filosófica e a história veiculada no livro em estudo, analisando os questionamentos colocados pelo narrador-personagem, será o objeto do último capítulo.

2 AO COLOCAR-SE DIANTE DO TABULEIRO

Honrar um pensador não é elogiá-lo,
nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra,
mantendo-o, dessa forma, vivo,
e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo
e mantém sua relevância.

Cornelius Castoriadis

2.1 AS PEDRAS MOVEM-SE PARA RETRATAR UM HOMEM

Miro Morais, nome pequeno, cheio de aliterações, fácil memorizar. Vem de graça bem mais extensa: Altamiro Morais Mattos.

Filho da terra de Santa Catarina, aldeia de Gravatal, município de Tubarão. Nasceu em junho de 1937 e exerceu múltiplas atividades no curso de sua vida: foi agricultor, domador de cavalos, cronista social, jornalista profissional, pesquisador, planejador, professor universitário, autor de projeto para a UNESCO, Reitor da Fundação Educacional do Oeste, em Chapecó e Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura.

No começo, a vida simples e rude que levava no interior e também as atividades rurais que desenvolvia. Logo, transfere-se para Florianópolis, busca desenvolver sua vida cultural, primeiro como estudante e depois como professor. Trazia consigo a inquietação espiritual e, versátil, como indivíduo do nosso tempo, aprimorou seu lado intelectual. Mostrou-se sempre em dia com as manifestações da vanguarda cultural, enveredando para a área das Ciências Humanas. Formou-se em Filosofia e a seguir atuou como professor na área de Sociologia, apontando sempre as questões do mistério humano e sua existência neste mundo, sem deixar de considerar o lado místico do ser. Ele próprio assim se justifica em entrevista à *Revista Fatos e Fotos*, de 24 de outubro de 1968:

Desde a infância, entre cavalos indomados e tão liberto quanto estes – a vida me assusta. Não aceito com humildade esse fato banal que é o mistério do homem no mundo. Não importa saber existir bilhões de criaturas humanas. O surpreendente se reflete em cada vida. Talvez por isso os contínuos mergulhos em atividades intelectuais: o teatro, a filosofia, a sociologia. E como soma de tudo o inevitável: a literatura.

Começou cedo a escrever poemas e contos. Aos catorze anos, influenciado por Edgar Allan Poe, escreve e publica sua primeira história. Mais tarde, outro grande escritor lhe marcaria o espírito com profunda influência: Albert Camus.

Teve representativa atuação no jornalismo, onde exerceu toda a espécie de atribuições. Participou das atividades de cinema e teatro no Grupo Sul, movimento do Círculo de Arte Moderna em Santa Catarina. Este grupo era formado por jovens intelectuais que lutavam pelas posições estético-literárias do Modernismo e por implantá-las por aqui, apesar do atraso de 25 anos em relação à Semana de Arte Moderna de 1922, acontecida em São Paulo. Não era um movimento unicamente literário, seu objetivo era a divulgação da Arte Moderna em seus variados segmentos: literatura, teatro, música, cinema, artes plásticas e outros.

Lina Leal SABINO (1981, p. 57-58) fala-nos da atuação do Grupo Sul na sétima arte e o objetivo que acalentavam: produzir seu próprio filme, contando com recursos tanto financeiros, técnicos e sobretudo, humanos desta terra. E encontramos Miro Morais fazendo parte do elenco, dessa forma revelado pela autora:

Os organizadores de *O preço da ilusão*, filme inspirado no neo-realismo italiano, procuram valorizar o material humano catarinense. Os artistas são escolhidos dentre pessoas comuns, não interessando possuir experiência diante das câmeras.

Buscam pelos jornais os interessados a trabalhar no primeiro filme a ser rodado em Santa Catarina. Dentre os muitos candidatos procede-se à seleção da qual resulta o seguinte elenco:

- Lílian Bassanesi (Maria da Graça)
- Emanuel Miranda (Maninho da Silva)
- Celso Borges (Dr. João Castro)
- José Vedovato (Assis)
- Ilmar Carvalho (Edmundo Souza)
- Adélcio Costa (Paulo)
- Sinova Wanderley (Lúcia)
- Murilo Martins (Roberto)
- Sileide Costa (Celeste)
- José Mauro (Ferreira)
- **Miro Morais** (Miro Morais)
- Félix Kleis (Cel. Flores)
- Lourdes Silva (D. Olga)
- Claudinor Lisboa (Sr. Auto)

Ainda no Grupo Sul, colaborou com as últimas publicações da Revista *Sul* – Revista do Círculo de Arte Moderna, de cunho literário e sem publicação regular. Pelo país todo, na década de 40, proliferavam tais produções e esta revista foi mantida por uma década entre os catarinenses.

Distanciados geograficamente, mas unidos pelas mesmas propostas intelectuais e cujo desejo era inovar, os escritores envolvidos nessas publicações recebem influências da mesma fonte: Marx, Proust, Gide, Kafka, Sartre, Camus e outros pensadores. Por isso convergem para o mesmo ideal: “dar um auxílio no sentido de que a cultura se torne patrimônio do povo.”, argumenta Celestino SACHET (1985, p.93-94), autor que evidencia a participação de Miro Morais nessa Revista, ao afirmar que:

Em 10 anos de existência, “*SUL*”, entre outros, contará com A. Boos Jr., Antônio Paladino, Doralécio Soares, Eglê Malheiros, Hugo Mund Jr., João Paulo Silveira de Souza, Osvaldo Ferreira de Melo, Ody Fraga, Salim Miguel e Walmor Cardoso da Silva, como redatores; Aldo Nunes, Dimas Rosa, Ernesto Meyer Filho, Hiedy de Assis Corrêa, Pedro J. Bosco e Walter Wendhausen, como ilustradores. Além desses nomes, podem ser contados, entre seus colaboradores ou representantes: Guido Wilmar Sassi, Marcos de Farias, Glauco Rodrigues Corrêa, Carlos Aduino Vieira, Arnaldo Brandão, Itolino Perruffo, **Miro Morais**, Carlos Ronald Schmidt, Ilmar Carvalho e Lausimar Laus.

Confirmamos também sua participação nas atividades do Grupo Sul em Lauro JUNKES (1982, p.102) que reafirma: “**Miro Morais** [...] participou das atividades de cinema e teatro no Grupo Sul, além de ter publicado um poema no último número da Revista. Posteriormente praticou a ficção.”

E sobre o Grupo Sul e sua atuação o autor conclui que “[...] é evidente a grande importância e influência que teve o Grupo Sul no desenvolvimento da literatura em Santa Catarina. A renovação estético-literária que pregou e praticou foi decisiva para modificar os ares e a temperatura cultural do nosso Estado”.

Ao longo de sua vida como escritor, Miro Morais colaborou com suplementos literários em jornais de Santa Catarina e de outros centros culturais. Escreveu ensaios, poemas e contos, mas atingiu a plenitude nesta arte com a publicação de dois romances: *A coroa no reino das possibilidades*, cuja 1ª publicação foi feita pela Editora Leitura, Rio de Janeiro, em 1967 e em 2ª edição pela Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, em 1981, obra que à época de seu primeiro lançamento foi acolhida por críticos literários brasileiros como uma das melhores revelações literárias do ano e *Cândido Assassino*, lançado ao público em 1983, pela Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis.

Este último, produzido após 15 anos em relação ao primeiro, representa um lento e seguro amadurecimento do autor. O resultado dessa luta, travada em seus questionamentos sobre a realidade humana, o habilitou a concorrer em 1982, no Concurso Nacional de Romance, ao Prêmio Cruz e Souza, levando-o ao mérito de melhor autor catarinense. Nós, leitores, hoje, desfrutamos dos benefícios dessa batalha do autor, uma vez que a obra apresenta profundidade filosófico-social e estrutura original, logo, identifica-nos com problemas tão nossos e tão atuais.

Miro Morais ainda participou da *Antologia de autores catarinenses*, editada pela Editora Laudes, Rio de Janeiro, em 1970, com a narrativa: “Sobre o cansativo fuzilamento do Barão, segundo testemunho detalhado do Nozinho”, uma das vinte histórias que se inter-relacionam em *A coroa no reino das possibilidades*, sua obra de estréia literária; de *Panorama do conto catarinense*, Editora Movimento, Porto Alegre, de 1974, com o conto: “A coroa no reino das possibilidades (II)” e de *Este mar Catarina*, publicado pela Editora da UFSC, Florianópolis, em 1ª edição de 1983 e em 2ª edição de 1984, com o capítulo-conto: “A coroa no reino das possibilidades (I)”, também extraído do primeiro romance do escritor.

O relançamento da sua primeira obra *A coroa no reino das possibilidades*, após quinze anos da sua primeira edição, vem confirmar o grande escritor existente em Miro Morais. Temos o resultado de sua experiência humana em busca de uma verdade pura e a luta angustiada contra o condicionamento social. Nela se harmonizam, como em raras ocasiões acontece na ficção, a sensibilidade, a inquietação de uma grande experiência intelectual e domínio técnico.

Não é à toa que esse autor é reconhecido como precursor da técnica de organização de uma narrativa através de capítulos-contos que, apesar de manterem independência, são internamente articulados, ou seja, os acontecimentos ligados entre si, quando isolados, constituem pequenas histórias.

O autor compõe, assim, uma história mais ampla, localizada num mesmo espaço geográfico, histórico e social, com personagens comuns, com fatos encadeados e, sobretudo, pela presença do narrador-personagem, mantendo dessa forma, a unidade da obra.

E Antônio Hohlfeldt apressa a marcha das pedras. No posfácio de *A coroa no reino das possibilidades*, considera-se estar diante de “[...] um escritor que foge ao comum dos

escritores brasileiros, aproximando-se mais à tradição européia de literatura, eminentemente de fundo filosófico, que por trás do enredo está verdadeiramente a inquirir o sentido do homem e das coisas, da maneira mais ampla possível.”

Considerações dessa ordem também encontramos em Iaponan SOARES (1974, p. 126), que se refere a Miro Morais como um dos novos escritores catarinenses que parece mais empenhado em aflorar no seu trabalho ficcional uma mensagem de cunho nitidamente filosófico, e conclui a respeito do autor: “Escreve como vive – abismado diante das distâncias que separam os homens e lutando para diminuí-las”.

Em entrevista ao jornal “*O Estado*”, de Florianópolis, em 15 de outubro de 1981, Miro Morais definiu aquilo que talvez seja a mais forte motivação de sua existência:

A sociologia é a lógica dessa áspera fantasia que o homem criou para encurralar os instintos. Mas felizmente somos também inventores de várias formas de burlar os censores: a literatura, o sonho e a mentira são algumas delas, ou o amor, fermento da melhor magia. Eu postulo a literatura. É nela que se encontra o melhor questionamento entre o Homem e o Universo.

A seguir, destacaremos alguns comentários da crítica literária tanto na ocasião do primeiro lançamento de *A coroa no reino das possibilidades*, em 1967, como em sua segunda edição em 1981. São peças complementares ou justificativas que deixam mais nítido o retrato do escritor e sua época.

2.2 RECEPÇÃO DO ESCRITOR PELA CRÍTICA LITERÁRIA

É o próprio escritor que faz o apelo em publicação de circulação carioca, *O Jornal*, de 30 de agosto de 1968: “[...] que suas obras sejam vistas, debatidas, discutidas, execradas ou louvadas – mas não ignoradas”.

O romance *A coroa no reino das possibilidades* despertou grande entusiasmo na crítica. Em 1967, por ocasião do lançamento ao público, foi saudado como uma das melhores revelações literárias do ano, quer pela riqueza de sua linguagem, sua estrutura ou a filosofia de vida que põe em questão. O que bem justifica o êxito de Miro Morais na ficção brasileira.

A obra representa não apenas um acontecimento cultural isolado, mas a participação do estado catarinense na Literatura Brasileira, conforme revela Geraldo CARVALHO (*Jornal O Norte*, Recife, 23 de abril de 1968): “Santa Catarina está na ordem do dia. Dela recebemos *A coroa no reino das possibilidades*, contos de Miro Morais, publicação da Editora Leitura.” Ou ainda o encontramos em artigo de Esdras do NASCIMENTO (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de junho de 1968) que redige a manchete: “Miro Morais, um autor contra a massificação”, dentre outros artigos encontrados em jornais de diversas cidades do país.

Nesse sentido, arrolaremos alguns fragmentos da recepção do escritor pela crítica literária, tanto na ocasião da 1ª edição, em 1967, como na da 2ª edição, em 1981. Esclarecemos que adotamos a ordem cronológica das publicações.

No romance os sucessos se apresentam de modo a revelarem a significação profunda das coisas. Ainda que resistam, se revelam. O que Miro Morais oferece, induz a pensar, ou é mesmo a ação pensante em marcha, dentro da ação.[...] A linha de pensamento de Miro Morais se encontra na direção existencialista, que é exatamente a de Camus e Sartre. Isto se nota quando os objetos se mostram aparentemente dispersos e sem sentido; eis quando

subitamente se organizam e entram a ter sentido arredor de algo.[...] Sinto-me satisfeito com o romance de Miro Morais, com sua visão filosófica a abrir o coração dos acontecimentos da Ilha e do Mar. Vem trazer nas páginas abertas de um livro novo, a significação profunda dos acontecimentos do mundo que se constrói no viver quotidiano que nos cerca (PAULI, E. Como julgar o livro de Miro Morais. **O Estado**, Florianópolis, 26 novembro 1967).

Evaldo Pauli dirige-se ao referido escritor na condição de seu professor no curso de Filosofia e fala sobre os novos valores que a Universidade Federal de Santa Catarina promete para a comunidade. Vê o escritor como um artista que já superou o subdesenvolvimento mental, o mesmo acontecendo com o seu leitor. O vê com outros olhos, pois o mesmo romance que fala de questões da Ilha de Santa Catarina, traz consigo reflexões para a significação do Mundo.

Miro Morais pertence a uma classe de espíritos a quem as realidades do mundo moderno e as confusões duma sociedade em processo de transição perturbam e desencantam. Idealizando a fuga para os ambientes simples, a evasão da cidade para a convivência praieira, entre homens rudes que dizem coisas verdadeiras em linguagem desartificosa [sic], o moço de que lhes estou falando parece filiar-se aos que esperam que a sociedade evolva para melhores formas de vida sem que o homem deixe de contar exclusivamente com os efeitos das reformas exteriores. Há nas páginas do livro, porém, sugestões oportunas, acerca das ilusões a que se escravizam muitos e segundo as quais os males duma sociedade se curariam com recuos da civilização. O homem, no entanto, é o grande culpado, esteja ele na cidade, nos campos ou nos mares (NEVES, G. Prosa de Domingo. **O Estado**, Florianópolis, 31 março 1968).

A apreciação que Gustavo Neves faz de *A coroa no reino das possibilidades* remete-nos ao pensamento de que ninguém consegue fugir de si mesmo. Nessa história o protagonista, ao evadir-se da cidade, convive verdadeiramente com uma comunidade simples de uma praia da Ilha. Apesar do lugar paradisíaco e do convívio singelo e sincero com seus habitantes, há também sofrimento; ninguém foge à dor, constatada no último conto do livro que descreve a morte de Nozinho. Além disso, refere-se a Miro Morais como um desses valores que as letras catarinenses muito devem esperar.

A escrita ao lado da pesca – é o catarinense Miro Morais. Primeira experiência no campo da ficção – é mais um jovem que ingressa na arte de escrever a vida e seus problemas: a desintegração da personalidade humana num mundo massificado e em decomposição. Essa, a seu ver, a tragédia de existir. [...] Licenciado em Filosofia, na falta de clima no Brasil para defender teses, encontrou na literatura um veículo sólido para manifestação de suas preocupações existenciais. [...] O mar e o sol são os grandes personagens do livro. É através desses elementos que o autor faz com que haja o encontro do homem consigo mesmo. [...] um autor cuja maior satisfação em relação ao público é simplesmente ser lido. Miro Morais é parte de seu livro: Toda literatura tem como fonte e raiz a experiência humana. Só depois é que ela transcende na imaginação e assume formas que nada têm a ver com a pessoa do autor (NASCIMENTO, E. Miro Morais, um autor contra a massificação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 junho 1968).

Para Esdras do Nascimento *A coroa no reino das possibilidades* veicula não só uma história em que os personagens, diante do mar e sob o sol, vão ministrando ensinamentos e pela poesia falam da vida e do amor. Há, sobretudo, manifestações filosóficas em suas falas, revelando preocupações existenciais. Considera o escritor essencialmente filósofo que, para tanto, busca na própria experiência humana a fonte e raiz de sua literatura.

A coroa no reino das possibilidades, de Miro Morais, Edição da Fundação Catarinense de Cultura, Fpolis, 1981. Esta reedição, que se fazia necessária, de um livro lançado há mais de 15 anos, virá, por certo, confirmar tudo o que foi dito a propósito deste livro quando de sua publicação. Composto de uma série de histórias independentes, mas que se completam e unem formando como um que um romance, nele se conjugam a preocupação com o fazer literário e com os destinos do homem (MIGUEL, S. Livros. **Jornal de Santa Catarina**, Florianópolis, 15 outubro 1981).

Em nota, o crítico literário Salim Miguel anuncia a reedição de *A coroa no reino das possibilidades*. Fazia-se necessária a recolocação do romance ao público, pois na obra há preocupação com o fazer literário que complementa e discute os destinos do homem.

O desempenho de Santa Catarina na cultura brasileira está exigindo uma reavaliação que corrija a superficialidade de certos julgamentos, nesse instante em que a cultura catarinense desperta para o seu justo lugar no contexto da nacionalidade.[...] Hoje, sofrendo o impacto da cultura de massa e da civilização eletrônica, a província vê ameaçado todo o seu passado mítico e folclórico.

Enfrenta o choque do futuro que, ao universalizar seus limites, lança-a no impasse de sua liberdade.[...] Ao pescador e ao lenhador, os dois personagens de um mundo já em transição, sucedem, agora, os personagens participantes do drama presente, cuja primeira saída estaria no questionamento existencial e na busca de uma solução para o impacto do progresso. Miro Morais, em *A coroa no reino das possibilidades*, falará desse impasse do homem da cidade grande que, cansado de toda a sua civilização e cultura, tenta uma volta às origens e à inocência perdida. Mas a volta é inútil, pois aquele mundo também não o satisfaz, como o peixe sempre adiado do velho pescador Nozinho (VIEIRA, L.A. Para um conceito de catarinidade. **Boi de Mamão**, outubro 1981, n.05).

Luiz Antônio Vieira traz à tona a discussão sobre o despertar da catarinidade, do sentimento e da consciência de uma alma e de um homem catarinense. Fala-nos do progresso que abre novos caminhos, da literatura e sua caminhada moderna, em que o homem e a história se conjugam na evolução da sociedade. Com isso a cultura catarinense passa a sofrer as contradições do seu tempo. Os conflitos e buscas existem em seus representantes, como o pescador surpreendido pela cultura eletrônica em seu ofício ancestral de tecer redes.

Levando-se em conta que essa história foi escrita e publicada nos anos 60 (a presente edição sai 15 anos depois da primeira, saudada como “uma revelação” e esgotada em pouco tempo), pode-se pensar nela como uma concessão ao romantismo *hippie* da época. Contudo não é assim. É para buscar o sentido da existência que o personagem se isola.[...] Se alguma influência se faz manifesta nesse romance é, em primeiro lugar, a do existencialismo tal como concebido por Albert Camus, com o seu sentido de angústia, o seu humanismo, a sua preocupação essencialmente ética.[...] Solitário, mas não egoísta, o herói do romance não procura aproximar-se apenas da natureza, mas também dos homens e mulheres que habitam o recanto de mundo onde foi parar. O romance passa a constituir-se simultaneamente de episódios ligados às vidas dos personagens que ele vai encontrando e pelos indícios do seu próprio crescimento interior, resultante da sabedoria que os ilhéus lhe vão transmitindo, mais com gestos e pequenas, mas significativas ações, do que com palavras (PONTES, M. Jogo da vida. **Jornal do Brasil-Especial**, Rio de Janeiro, 28 março 1982).

A sabedoria dos pescadores, de suas crianças e de suas mulheres é que, com supremacia, conseguiu mudar a vida interior do solitário personagem do romance de Miro Morais. Para o crítico, o livro se constrói numa linguagem transparente e poética. Cada uma das 20 histórias que compõem o conjunto encerra uma reflexão sobre determinado aspecto do

problema da existência, esse filosofar nasce menos do monólogo interior do narrador culto e mais dos diálogos de pescadores, velhos e crianças acerca dos fatos corriqueiros da vida.

Na trilha da obstinada perquirição do homem interior e suas reais motivações, seus anseios de vida plena, sua identidade por trás das palavras, dos gestos, dos atos, Miro Morais escreveu *A coroa no reino das possibilidades*, obra recentemente reeditada pela Fundação Catarinense de Cultura. [...] O escritor nos prescreve a harmonia com a natureza, a intimidade do mar, a companhia dos peixes, o vagar de uma meditação descompromissada, “sentado sobre uma pedra, os pés mergulhados na frescura das águas”, assegurando que “não há livro que supere em sabedoria, em prazer, em beleza, uma boa pescaria de caniço”. No reino da literatura, também muitos são chamados e poucos os escolhidos. A estes, raros e bravos, a coroa dos vencedores, a que por certo Miro Morais tem direito (CALDEIRA, A. O reino e a coroa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 abril 1982. Letras e Livros).

Miro Morais é empossado por Almiro Caldeira como soberano, parafraseando a própria obra do escritor *A coroa no reino das possibilidades*. Em sua criação literária é reconhecido por utilizar-se de elevados valores e instrumentos de interpretação social ou análise psicológica, a aproximação com a natureza e conseqüente distanciamento dos bens materiais e intelectuais acumulados pela civilização, tudo em busca do regresso do indivíduo às origens, à natureza, para reconstituir-se na integridade de si mesmo.

Miro Morais é um catarinense conversador e agradável, que faz o tempo transcorrer descontraído em sua prática de bate-papo. Cultiva ditos bem-humorados como o de que “o leitor brasileiro é um bicho tão raro quanto o escritor, já que, num país de 120 milhões de habitantes, eu sou considerado sucesso literário com uma edição de três mil exemplares”. É justamente em homenagem a esse público leitor, de certa forma, que agora volta, em segunda edição, 16 anos após a primeira, seu romance *A coroa no reino das possibilidades*, que alterou a estrutura do romance brasileiro, já que foi o primeiro no Brasil composto de contos-capítulos, formando um conjunto de 20 contos ou episódios cujo trabalho de montagem e interligação fica a cargo inteiramente do leitor (ANTONELLI, R. Miro, um premiado autor catarinense. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 dezembro 1982, Ilustrada).

Ronaldo Antonelli tece comentários a respeito da pessoa irreverente de Miro Morais, da estrutura do seu primeiro romance, e sobretudo sobre a importante e decisiva participação

do leitor na montagem e interligação dos episódios desse romance. Encerra falando sobre a arte literária, que tem algo de transcendente, que denuncia, reivindica e auxilia a reconstrução do homem, espelhado na obra do escritor catarinense em questão.

Ultimamente, é freqüente notar que os autores se voltam com entusiasmo para o subjetivismo, ao introspectivo, ao homem dirigido para si mesmo, mergulhado no insondável de sua própria mente. Dir-se-ia uma ânsia de perscrutar o mundo das capacidades da razão e invadir avidamente os horizontes sem fim da fantasia. Eis a senda e a seqüência em que flui o livro de Miro Morais. O livro espelha bem o espírito de um observador, como já é conhecido Morais, cujo desejo de renovação e aprimoramento é uma constante nos vários campos de atividade cultural a que se entrega, ardoroso e combativo. Em seu presente trabalho, transparecem, a curtos espaços, os lampejos de talento pairando no poético e na capacidade de fazer aflorar aos olhos atentos do leitor estes horizontes de sensibilidade que a ficção permite exaltar e enriquecer (SANTAELLA, A. A propósito de um livro premiado. **O Estado**, Florianópolis, 12 abril 1983, p. 14).

A história do homem em conflito consigo mesmo, suas dúvidas e angústias são temas que Miro Morais aborda ao escrever sua obra. Antônio Santaella considera o autor de forte espírito observador e talentoso, fazendo aflorar no leitor toda a sensibilidade que sua ficção permite exaltar e enriquecer.

Se a prática do romance, em termos quantitativos, está muito longe de uma competição com os gêneros conto e poesia na literatura de Santa Catarina, três ou quatro romancistas podem ser apontados, cuja qualidade da obra já mereceu a atenção da crítica nacional. Entre eles, sem a menor dúvida, inclui-se o romancista Miro Morais (SOUZA, S. de. Miro Morais. **O Estado**. Florianópolis, 12 fevereiro 1984, p. 24).

Em entrevista a Silveira de Souza, o escritor Miro Morais fala da influência da filosofia existencialista em seus dois romances publicados. Relata sua experiência com o mar e os pescadores e principalmente, da abertura existente em seus romances, que não oferecem uma resposta pronta ao leitor. E conclui dizendo que escreve com a sensação de continuidade e ressurgimento.

A crítica literária e recepção do escritor, iniciada em fins de 1967 estende-se mais incisivamente até o ano de 1984. No ano seguinte à reedição de seu primeiro romance *A coroa no reino das possibilidades*, acontecida em 1981, o escritor é premiado no Concurso Nacional de Romance – Prêmio Cruz e Souza, como melhor romance de escritor catarinense, em que concorreu com seu segundo romance *Cândido Assassino*, publicado em 1983, pela Fundação Catarinense de Cultura. Essa premiação, em ato prestigiado por intelectuais de todo o país, gerou intensa atividade da crítica catarinense e nacional.

2.3 O ESCRITOR DESLOCA AS PEÇAS NUMA ESTRUTURA INOVADORA

Miro Morais, por seu espírito inquieto e versátil e mantendo-se em dia com as manifestações culturais de sua época, criou, sem sombra de dúvida, uma literatura que se espelha de modo revelador nessas suas experiências vividas. Sua temática é voltada para a indagação em profundidade do ser humano como indivíduo e como ser social, também as atitudes e os mitos que a cultura nele insere.

Diferentemente da literatura até então praticada, tipicamente regional, em que podemos ressaltar Salim Miguel, com o romance *Rede (1955) ou Almiro Caldeira* que, em 1961, edita *Rocamaranha*, exemplificando apenas a história da vinda dos açorianos para o Desterro ou tratando de temas como o dos fanáticos do Oeste, temos Guido Wilmar Sassi com *Geração do Deserto(1964)* ou ainda da história da vinda dos alemães para Santa Catarina, conforme nos traz Lausimar Laus com *O guarda-roupa alemão(1975)*, Miro Morais faz parte do grupo dos escritores ilhéus que enfoca o ‘homem urbano’. O indivíduo na grande cidade. O ser humano diante de sua angústia existencial.

Há nos seus textos o desejo de entrelaçamento da filosofia existencial, da linguagem simbólica e do poético. Em *A coroa no reino das possibilidades*, podemos exemplificar essa vontade de trazer aos leitores essas características:

Gira comigo a terra, ventre de todas as fecundações, até que deixe de ser e a outro corpo seja somada. Um após outro, o sol ilumina todos os recantos da terra, até que também ele se congele. E o mar, sem interrogar-se por que e até quando, move suas águas para que elas não apodreçam e a vida não cesse em seus espaços. Há pássaros e peixes. Plantas e homens se associam na irrevogável uniformidade. E acima de tudo, uma vontade para que assim deva ser. Essa vontade ressoa em mim e me integra ao imensurável. Seria estúpida a angústia diante dela, se existir não me tolhe nada. Antes, me dá o direito a assumir tamanhas dimensões (MORAIS, 1981, p.08).

É imprescindível apontar que o autor desenvolve em sua literatura uma linguagem extremamente simbólica. Reconhecemos no fragmento acima, a idéia da multiplicidade de significações que a obra nos oferece. O leitor co-participa, pois não é uma simples questão de saber. Tem a ver com o conhecimento que têm os homens de si mesmos. Atualmente com a intervenção cada vez maior da mídia, os avanços tecnológicos a favor de uma comunicação maior, mais rápida e eficiente, num mundo em que os símbolos estão presentes em todos os nossos sentidos, seria pouco dizer que vivemos num mundo de símbolos, porém um mundo de símbolos vive em nós.

O símbolo como portador de significados é rico em interpretações, e assim tão amplo, que mesmo significados opostos podem combinar-se em um único símbolo. É um importante instrumento revelador de aspectos da realidade que escapam a outros modos de expressão. Assim, temos um ponto de partida para explorá-lo em diferentes direções: uma busca pela mente, abertura do espírito para o desconhecido e o infinito, profundidades interiores e atitudes externas, revelações do inconsciente, procura entre o conhecido e o desconhecido. A interpretação dos símbolos é um caminho de aproximação individual com a

problemática da vida, do indivíduo e do universo, reunindo-se por imagens, sinais eternos e universais. A linguagem simbólica usada pelo escritor, permeada de filosofia existencial, leva ao encontro do ser humano consigo mesmo.

Dessa forma, não podemos delimitar fronteiras entre a linguagem simbólica e a filosofia existencialista, presenças fortes e constantes na obra de Miro Morais. A linguagem poética, evidenciada por símbolos e metáforas, não se limita a revelações por si só, permite várias possibilidades e relações e enseja cruzamentos com a vertente existencialista.

O próprio escritor argumenta no prólogo da segunda edição da mesma obra:

Nada há de mais profundamente humano e com tanta submissão à magia do que o envolvimento com a criação literária. É um risco polêmico afirmar isso, mas que fazer? Quando inexistem deuses capazes de expulsar os duendes coletivos e individuais que desconfortam [...] todas as explicações mágicas são elementos da felicidade.

Por outro lado, vale-se também da inovação da própria estrutura narrativa. No prefácio da sua primeira edição, Salim Miguel afirma que:

Na ficção brasileira dos últimos tempos, o livro de Miro Morais é, sem dúvida, uma experiência sob muitos aspectos nova e curiosa sempre. Fundindo e erguendo lentamente pequenas histórias, causos e casos, construindo uma galeria de tipos e personagens que logo se humanizam, dá, ao final, uma unidade que é o resultado de aparente fragmentação. Ao interligar aquelas vidas, passadas e presentes, o autor, num estilo um tanto filosofante, procura compreender e interpretar a raiz das coisas, busca respostas para os porquês, se interroga, interroga os seres, viventes e inanimados, interroga o próprio leitor.

O mesmo autor, em obra recente *Gente da Terra*, em que traça perfis de figuras e temas da cultura catarinense, refere-se a Miro Morais não como principiante, mas com domínio de seu instrumento de trabalho, a palavra, “onde cada palavra junta harmoniosamente à seguinte para adquirir um valor de símbolo”.

Não é por menos que o ensaio intitula-se “Miro Morais e as possibilidades da ficção”.

Seja em reflexões filosófico-sociais ou em linguagem puramente poética, afirma que ela, a palavra, para o escritor:

[...] é como um animal vivo e arisco, que é necessário domesticar, tornar maleável e prático, mas é preciso conseguir isto, mantendo-lhe a força e a autenticidade. [...] Figuras, paisagens, meio-ambiente, tudo se integra para transmitir a visão lírico-amarga do Autor. [...] este, procura nos fazer ver o que ele vê, sentir o que ele sente. Transportando-nos para aquele mundo – que não é o nosso, nem o dele. (MIGUEL, 2004, p. 48 -49).

Se possibilidade de ficção pode ser lida como um estilo próprio escolhido pelo autor, Lauro JUNKES (1992, p. 62-63), vem demonstrá-la pelo depoimento:

O romance de Miro vem marcado por fortes elementos da experiência sociológica, aprofundados em reflexão filosófica. Mas não se trata de frios romances de tese. Suas narrativas, ao contrário, centralizam a atenção no ser humano, na sua complexidade de caráter e na sua ânsia de realização pessoal, que esbarra nas convenções e massificações sociais.

De possibilidade em possibilidade, o escritor, consciente da evolução estética que produz, retrata, questiona, denuncia e divulga espaços, gentes e cultura desta terra. Janete Gaspar MACHADO (1986, p.79) elege Miro Morais como exemplo dessa consciência e considera que:

Miro Morais, pode ser visto como vanguardista na medida em que discute, dentro de suas narrativas, questões estéticas e utiliza a fragmentação na montagem dos capítulos que se oferecem como contos acabados, o que, na época de lançamento de seu primeiro livro, na década de 60, ainda representava novidade formal.

Por conseguinte, a competência singular do romancista estudado reside no seu estilo. Primeiramente é preciso definir o que é estilo: escolha de palavras, escolha de construções, escolha de ritmos dos fatos, escolha dos próprios fatos, escolha de temas, angústias, reflexões, para, só assim, conseguir uma composição perfeitamente pessoal. Estilo é escolha entre tantas possibilidades. Vamos ver o que Miro Morais escolhe.

2.4 A ESTRUTURA NARRATIVA: QUE LAÇOS UNEM HISTÓRIAS AUTÔNOMAS?

Em todo escritor se farão sentir os apelos do inconsciente
e a disciplina da razão; o culto do irreal e a sensação da realidade;
a vertigem dos sonhos e as limitações do cotidiano;
o delírio e a lucidez. Não que estes estados se misturem;
eles se superpõem e se completam.

Álvaro Lins

O escritor Miro Moraes, em seu primeiro romance *A coroa no reino das possibilidades*, traz-nos, como novidade à época de sua escritura, ano de 1967, uma narrativa estruturada em 20 capítulos-contos. Estes se interligam pelo narrador em primeira pessoa, autodiegético, segundo Gérard GENETTE (1972), o que é evidente desde o início da leitura até o último conto; pelo fio condutor dos questionamentos do narrador-personagem e pelo espaço em que acontecem as ações. O encadeamento dessas ações é que dá seqüência, organicidade e significação aos fatos, constituindo-se, assim, a trajetória de reconstrução de mundo do personagem. Na busca da reconstituição de um painel existencial, contrapõe o mundo primitivo, rude e ingênuo, mas livre nas suas vivências; ao mundo civilizado, sofisticado e opressor. Desse modo, o autor desenvolve uma literatura que abandona o enredo convencional, em proveito de uma linguagem trabalhada, artística e inventiva. Nada impede, porém, que cada fragmento seja lido e apreciado dentro dos seus próprios limites.

A forma de encaminhar os fatos e a razão que levou o escritor a interligá-los e ordená-los, como se apresentam no romance, causam estranheza ao leitor e uma certa dificuldade de leitura. A continuidade dos fatos não tem base lógica de causalidade temporal. A seqüência linear é substituída por um modo peculiar de encadear as ações. No romance os fragmentos são representados pelos capítulos-contos. São momentos, pinceladas de uma vida

que também é fragmentária. No mundo, nada mais somos do que frações do aqui e ali, muitas vezes vividos simultaneamente, inconscientemente. Diante disso, a obra constitui-se de composição aberta, onde é possível acrescentar quantos episódios ou aventuras quisesse na narrativa, sem com isso alterar a sua estrutura. Em *A personagem do romance*, Antônio Cândido, refere-se a esse processo de construção dizendo que:

Na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CÂNDIDO, 1998, p.72).

Encaixadas umas nas outras, as histórias fazem parte de uma literatura lúdica e lúcida, onde todos podem participar. O leitor, desorientado a princípio, aos poucos vai visualizando cada peça e, em lances certos, atribui sentido a cada capítulo-conto dentro do todo.

Outra marca de Miro Moraes é a palavra soberana e poética que ele dá ao seu narrador-personagem, em suas introspectivas reflexões sobre a vida e seus rumos, em suas demoradas conversas com seus amigos pescadores, em descrições do lugar ou ainda em narrativas de acontecimentos pitorescos nas redondezas da Praia de Sambaqui. Essa palavra aparece muitas vezes carregada de simbologia e metáforas, que só a experiência pessoal do leitor poderá interpretar. No conto “Alguns instantes do renascimento” podemos identificá-la:

Eu vivia só e, sem mais testemunho, embebedando-me com o céu escancarado de azul, o mar bordado de luz e sombras, as nuvens preguiçosas simulando seres efêmeros entre os distantes contornos dos montes cinzentos. [...] Aquelas coisas estavam ali sempre, mas sempre me atingiam com um impulso inesperado (MORAIS, 1981, p. 07).

Quem começa a ler *A coroa no reino das possibilidades* encontra, já no primeiro capítulo-conto, características que o perseguirão em todos os demais momentos da narrativa.

Uma delas é o poder do narrador-personagem de incitar, pelos seus questionamentos e reflexões acerca da condição humana, os leitores a colaborarem, a se colocarem no lugar ou participar de seus conhecimentos em suas próprias experiências de vida.

Em *A contemplação do mundo*, Michel MAFFESOLI (1995, p. 244) diz que “O que sentimos na arte é uma qualidade emocional simples ou única. É o processo dinâmico da própria vida: a oscilação contínua entre pólos opostos, entre alegria e pesar, esperança e temor, exultação e desespero”.

Temos a manifestação da inconsciência original do ser. Há experiências humanas que têm algum ponto de origem em experimentações passadas. Para contemplar esse pensamento, a Octávio PAZ (1972, p. 53) recorremos: “Como toda criação humana, o texto é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa em um tempo anterior a toda história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela”.

Em uma trama às vezes psicológica e introspectiva, às vezes divertida e curiosa, mas sempre repleta de muita inteligência, Miro Morais nos direciona o olhar sobre o comportamento humano, na sua complexidade de caráter, remetendo-nos sempre à conquista da liberdade, ou seja, é a eterna corrida pela realização pessoal.

A seguir, trataremos de identificar conto a conto alguns elementos da estrutura narrativa de *A coroa no reino das possibilidades*. Estes se apresentarão na seguinte ordem: título do conto, enredo e personagens, temporalidade, espaço e ambiente e por fim, a temática. Desejamos com isso, reconhecer as histórias em si e a disposição das mesmas no romance. Outrossim, pretendemos também rastrear algumas linhas condutoras que marcam a obra, além das citadas anteriormente, ou seja, o que permite serem autônomas ou o que permite seja a obra constituída como romance.

Como se deu a grande morte

Enredo / Personagens – Fatigado de suas atividades burocráticas e da massificação da vida urbana, o narrador-personagem, num aparente ataque de loucura, anuncia à sua amante a decisão de retirar-se para um lugar ainda primitivo da Ilha. Simbolicamente chama essa passagem do mundo civilizado ao primitivo de “morte” e conseqüente “renascimento”, o que aponta para uma atitude drástica e radical. Deixaria para trás todas as coisas vistas e vividas. Confiante no seu desejo de viver plenamente, despede-se de Ofélia, dizendo que, para continuar amando, às vezes é preciso fugir.

Temporalidade – O tempo transcorrido na história do protagonista vai desde o seu desaparecimento em uma das reuniões de trabalho até a noite, quando se despede de Ofélia. Há na narrativa pouca ação e maior predomínio de análises interiores e comentários do personagem. Apesar disso, pode-se identificar sensivelmente o tempo cronológico nas atitudes tomadas pelo protagonista até despedir-se de sua amante. Ocorre a presença também de recuo no tempo, quando o narrador menciona o episódio da morte de uma funcionária, sua colega.

Espaço / Ambiente – Um restaurante, na cidade, é o local onde se passa a ação da narrativa. É um lugar neutro para o encontro de indivíduos de relacionamento não estável, revela a necessidade de esconderijo, caracterizando-se por ‘mal iluminado’. Quanto às condições sociais, os personagens provêm do círculo urbano e burocrático, que nos remetem ao plano psicológico, ou seja, a angústia de uma decisão a ser tomada. Esse clima opõe-se ao personagem principal, estabelecendo o conflito. Este, por sua vez, impulsiona as atitudes do protagonista, há um corte, abrindo caminho para uma nova vida, uma mudança comportamental, em que busca sentido para sua existência, longe das massacrantes atividades urbanas.

Temática – Passagem de um mundo civilizado, mas massificado pelas atividades burocráticas, a um mundo primitivo, simples e livre.

Alguns instantes do renascimento

Enredo / Personagens - O narrador-personagem, ao chegar a sua nova morada, encontra-se só, porém atônito diante de tanta beleza natural. Percebe que tudo sempre existiu; apesar disso, o ‘novo’ o impulsiona a emoções. Tudo é muito simples e poético.

Depois de alguns dias, recebe a visita de dois de seus novos amigos: Zeca e Nozinho, pescadores e moradores do lugar. Chamam-no apenas de ‘o homem’. Com eles aprende o caminho de retorno ao mundo primitivo: “Bastava-me ser. Bastava sentir-me existindo”.

Temporalidade - Este conto ocupa o período de alguns dias, não precisos, quantitativamente, na narrativa.

O tempo cronológico é um referencial na história. O enredo é linear até o momento em que Nozinho faz recuos no tempo para falar ao personagem principal sobre o antigo morador do rancho onde se encontravam. Após este episódio, retorna à linearidade dos fatos.

Espaço / Ambiente – O espaço é único e novo: sua nova morada em Sambaqui revelada por uma linguagem extremamente poética. As descrições, por meio de comparações e metáforas, vão indicando que o ambiente social é também simples e belo. É o mundo ainda primitivo de uma comunidade de pescadores. O ‘estar’ nesse novo contexto, apesar da solidão inicial e da vibração diante da nova vida, o leva a uma mudança radical em seu estado psicológico: reconhece os caminhos para um ambiente simples e sereno.

Temática – Primeiras impressões do novo mundo do personagem.

O céu começa na terra

Enredo / Personagens – Numa saída para pescar, o protagonista conversa com Zeca, inicialmente sobre a investida de seu sogro para levá-lo de volta à cidade, ao que ele respondera com atitudes e palavras de quem estava realmente louco. Depois refletem sobre as condições do mundo primitivo e do mundo civilizado. Sob uma forte tempestade de vento, questionam sobre a vida e a morte, sobre o céu e o inferno.

Temporalidade – A duração do conto é curta. Os fatos ocorrem na ordem natural, mas sem indicações precisas do tempo transcorrido.

Espaço / Ambiente – Se o espaço físico é inicialmente a praia, onde os pescadores se preparam para sair ao mar em direção às ilhas, logo o ambiente é o mundo sábio dos pescadores, percebido pelas reflexões entre os personagens, que reconhecem o prazer e a afeição pelo mundo simples.

Temática – Gosto pela vida.

O santo pelo silêncio em seu amor ao pássaro

Personagens – Ao passear pelos restos de uma fortaleza, o protagonista faz prolongadas reflexões sobre os valores das gerações passadas, seus ideais e as angústias de hoje, o rompimento com certas normas, o aprender a existir com liberdade. Zeca o acompanha, mas nele não há conflitos, ele apenas ‘livremente habita’, não manifesta nenhum sentimento de respeito ao local, tem consciência apenas de si próprio, guia-se apenas pelo que é, “sem angústias, nem dúvidas”. Após horas de espera e frustrada pescaria, Zeca tenta salvar um pássaro, que não sabia voar, nem se defender dos perigos da mata.

Temporalidade – Narrativa predominantemente voltada a movimentos interiores. O narrador, já de início, abre o episódio refletindo sobre a vida, suas heranças e as direções a

tomar. Somente no final é que o personagem retorna ao mundo referencial e cita alguns sinais de tempo cronológico.

Espaço / Ambiente – O espaço físico é uma ilha e as ruínas de um símbolo histórico.

Desencadeia-se neste ambiente, o conflito do protagonista e uma série de preocupações a respeito do sentido da vida, fornece índices para o grande tema do romance: a filosofia existencialista.

Temática – Vão da existência humana, suas angústias e destinos, rumo à liberdade e ao sentido de viver.

As serpentes amorosas

Enredo / Personagens – Chega a primavera, o protagonista observa o ritual amoroso das serpentes. Isso faz o passado ressurgir, lembra de Ofélia, procurando insaciavelmente alguém. Inquieto, sentia um certo prazer sensual escalando garopas. Zeca vem ao seu encontro, fala de seu relacionamento com Tida. Logo chegam Zonta, o velho Nozinho, Noca e Joca da Quina, este último reclamando da exploração injusta do negociante, Sr. Altino, para com os pescadores. Todos vão embora, no ar o cheiro excitante de ervas. Apenas Nozinho fica mais um instante.

Temporalidade – Narrativa linear. Ocorre dos últimos raios de sol que caíam sobre as Ilhas Ratonas até a noite que chegou tranqüila e agradável. Apenas um recuo de tempo, lembranças de Ofélia, a faz afastar-se da ordem natural das ações.

Espaço / Ambiente – A narrativa ocorre em um só local: na praia, próximo ao rancho em que o protagonista mora provisoriamente. Há muitas descrições, estas indicam o poético do lugar e remetem às carências afetivas e sexuais do personagem principal.

O grupo social é formado pelos moradores do lugar, agora inconformados pela exploração comercial do Sr. Altino.

Temática – A simplicidade e sensualidade do amor.

O aprendiz

Enredo / Personagens – O protagonista e seu garoto, este em uma de suas visitas, inicialmente andam pela mata à procura de coquinhos com gosto de tâmaras. Logo, rememora tempos de vento e chuva em que brincava com a criança que tão pouco conhecia. Entre uma conversa e outra, um ensinamento, um conselho, uma pergunta, sempre com respostas serenas e sadias. No ambiente prático a vida é um jogo – é preciso aprender.

Temporalidade – Não há indicação exata do momento em que ocorrem as ações. Entre reflexões e lembranças, há recuos e logo a narrativa retorna ao encadeamento dos fatos.

Espaço / Ambiente – O lugar são os morros, as colinas e o mar, avistando-se as Ilhas Ratonas. O interior do rancho, que servia de moradia, também é descrito. O clima é familiar, pois pai e filho mantêm diálogo constante.

Temática – Relacionamento entre pai e filho.

O morto sem dono

Enredo / Personagens – Noca e Nozinho rebocam em sua canoa um homem morto, descarnado pelos siris e pelo tempo que estivera na água. O narrador-personagem, seu filho, Zeca e Zonta largaram a construção da casa e correram em direção à praia. Decidiram levar o defunto aos guardas da capitania. Ao chegarem lá, suspenderam o corpo que, quando esticado, estourou, deixando o ar com cheiro insuportável e a água manchada também de coisas fétidas.

Temporalidade – O tempo é predominantemente cronológico. Todos os fatos são colocados um após o outro. Não há registros de recuos ou tempo psicológico.

Espaço / Ambiente – A praia, o mar, o porto da capitania. Há descrições iniciais do paraíso onde se encontram. O aparecimento do “morto” confronta-se com esse cenário maravilhoso.

Os pescadores querem retirá-lo da água para preservar a pesca de bagres. Este gesto aponta para uma consciência ambiental dos moradores do local.

Temática - Da matéria física ao nojo existencial.

Alguma coisa percorre a noite

Enredo / Personagens – Há um mistério entre os pescadores. Falam dele com respeito e inocência. No velho rancho, sob uma chuva fina e renitente, acomodados entre os caixotes, os pescadores Joca da Quina, Vado, Noca, Zonta, Nozinho, Zeca e o protagonista tecem diálogos sobre inexplicáveis acontecimentos no mar. Todos são resistentes ao falar sobre o fato. Falam da vida, da morte, de ambição e de simplicidade, mas sobretudo de coisas estranhas e inesperadas.

Temporalidade – O tempo decorre em uma noite.

O conto traz lembranças de antigos casos, porém retorna a linearidade dos fatos.

Espaço / Ambiente – No velho rancho que servia de moradia improvisada ao protagonista, a reunião de homens, para conversas e cachaças, dá-se entre um e outro caso de pescador e sua vida no mar.

Temática – Não se deve falar do que não se entende neste mundo.

Da tempestade de bons efeitos

Enredo / Personagens – Em meio a grande temporal, os pescadores Zeca, Joça da Quina, Nozinho, Vado, Zonta e o protagonista reúnem-se para demoradas conversas. Bebendo cachaça, mostram-se indiferentes com a política e relatam experiências de medicina caseira.

Temporalidade – Os fatos ocorrem do anoitecer à meia-noite, quando um violento temporal invade o lugar.

Espaço / Ambiente – O velho rancho que servia de moradia improvisada ao protagonista. A reunião é de companheiros de pesca.

Temática – Vida despreocupada, mas sábia, dos pescadores.

... de infelizes intenções

Enredo / Personagens – Em um canto da praia, os personagens Zeca, Noca, Vado, Nozinho e o protagonista removem a galharia e descobrem uma majestosa gruta, para a qual sugerem diversas finalidades de uso.

Temporalidade – Predominantemente cronológico.

Espaço / Ambiente – Em meio à mataria da beira do mar, os pescadores resolvem dar uma maquilagem nas coisas da natureza.

Temática – Descoberta de uma gruta à beira-mar.

A infeliz história do Padre Donato que se perdeu de Deus e dos homens

Enredo / Personagens – No tempo da pior tirania entre o reinado e a república, numa pequena comunidade, um sargento ordenou a Padre Donato que executasse cinco homens da sua paróquia. Passada uma noite, o próprio vigário cavou as sepulturas, enterrou-os e rezou por eles. Desse fato em diante, o pároco sentia-se reservado a uma grande missão:

conversas isoladas com os paroquianos, bênçãos especiais e muito ouro, jóias e dinheiro ofertados pelos fiéis em louvor aos interesses diabólicos da alma. Além dessa fortuna em donativos, também a professora provocara-lhe sentimentos profanos. Preso e deportado, saiu do lugar sem nenhuma despedida, levando algumas roupas e a riquíssima fortuna. Em lugar isolado, cercado pelo mar e o mangue, refletia sobre sua perdição: “Teria sido de fato a sedução do ouro, ou minha renúncia à luxúria e meu amor aos homens, que me atirou aqui?” Longas noites e longos dias se fizeram. Inquieto e sem respostas para suas indagações, sem esperanças, morre embebido no ouro derretido, proferindo em latim a elevação do cálice.

Temporalidade – O caso de Padre Donato chegou até ao personagem principal de *A coroa no reino das possibilidades*, através de conversas com os pescadores e, até estes, através de seus antepassados. Esse mergulho no tempo traz uma narrativa linear, a sucessão dos fatos é cronológica, predominantemente. O tempo psicológico surge quando Padre Donato é exilado na ilha de lama, onde as noites tornam-se mais longas e os dias apenas instantes: “Distantes as esperanças, tragadas no tempo”.

Espaço / Ambiente – O espaço físico reduz-se à pequena aldeia e logo o exílio na ilha de lodo.

O quadro social deixa transparecer o período de grande apreensão entre o reinado e a república, levando o personagem Padre Donato a intensa tensão interior, dividindo-o entre valores individuais e sociais. Psicologicamente o personagem se desestrutura, levando-o ao suicídio.

Temática – Conflito entre religiosidade e vida profana, aguçada por fortes ambições materiais.

O último milagre de amor à beira da fonte

Enredo / Personagens – O protagonista retorna à cidade para resolver duas coisas importantes: inicialmente, questiona-se sobre a vida isolada e desajustada que leva e reflete sobre Padre Donato que, em sua solidão, acabou por consumir sua existência humana; por outro lado, sente necessidade de alguém, de um ser amado. Diante disso, volta ao outro mundo, o civilizado, para sempre ou por alguns dias. Saciado de suas carências, mas violentamente sufocado pela rotina e pelas relações tumultuosas da cidade, no quinto dia decide voltar à vida simples em Sambaqui, onde o silêncio revela a grandeza de tudo o que acontece. Grandeza esta que Padre Donato não foi capaz de absorver na sua solidão.

Temporalidade - O tempo que prevalece é o cronológico. A narrativa transcorre pontualmente em cinco dias.

Espaço / Ambiente – Há o retorno à cidade, ao mundo civilizado e hostil: nas suas ruas, no ônibus, no restaurante e no quarto de hotel, tudo se apresenta como absurdo e entediante.

Ao decidir-se voltar à pequena praia, percebe a grandeza de uma vida silenciosa, mas capaz de curá-lo de suas inquietudes. Há, pois, uma decisão consciente, após o confronto.

Temática – Na solidão, o reencontro do indivíduo com o mundo.

Inesgotáveis novidades

Enredo / Personagens – Em rápido relato, o protagonista conta de seu retorno para Sambaqui e o reencontro com os seus amigos pescadores, os quais fazem a invariável pergunta: “- Quais são as novidades, homem?” O prazer do convívio simplesmente toma conta da história.

Temporalidade – História curta, apenas alguns momentos, o tempo é predominantemente cronológico.

Espaço / Ambiente – Na pequena aldeia de pescadores: os pés descalços, as roupas remendadas e seus chapéus de palha, aliados a um ritmo lento e pausado de viver, demonstram a simplicidade dessa comunidade.

Temática – Momentos da vida sem história, apenas o prazer do convívio.

Para aprender a festejar a morte

Enredo / Personagens – A morte da velha Candinha deixa pai Nonô lastimando-se da própria sorte. O acontecimento desencadeia no protagonista uma série de reflexões e constatações sobre o modo de viver, encarar a vida e morrer dessa gente modesta: “[...] esta gente nasce e vive só, sem disso fazer tragédia [...]” Todos prestam sua última homenagem à velha: mulheres, crianças, pescadores, as filhas da morta “[...] ninguém chorava, porque a dor pertence à vida.” D. Candinha, festeira que era, dessa vez sai mais cedo, mas “[...] deixou-lhes a porta aberta, para que comessem e bebessem”.

Temporalidade – Prevalece o tempo cronológico. O personagem principal faz algumas digressões ao refletir sobre a morte e a liberdade que esta traz consigo, e retoma a ordem natural em que os fatos ocorreram.

Espaço / Ambiente – O ambiente é de uma comunidade de pescadores. A casa de D. Candinha é onde ocorre o velório, configurando-se aí o espaço físico.

Temática – Festejar a morte, porque a dor pertence à vida.

Sobre o valor do diálogo com os peixes

Enredo / Personagens – O personagem faz considerações sobre o valor de coisas simples como uma pescaria. Logo envereda a falar de seus livros que, após a mudança, ainda não foram abertos. Rediscute os valores da intelectualidade e dos princípios de liberdade, justiça e amor para com seus companheiros. Conclui que “[...] não há livro que supere em sabedoria, em prazer, em beleza, uma boa pescaria de caniço”.

Temporalidade – Apesar do conto ter nuances de enredo psicológico, a narrativa é de ordem cronológica.

Espaço / Ambiente – O personagem fala do mar e seus recantos, próprios para uma boa pescaria de caniço.

Temática – Confronto entre simplicidade natural e sofisticação urbana, entre verdades racionais e liberdade, justiça e amor.

O amoral sorridente

Enredo / Personagens – Nordeste. Chega como tormenta, um forte vento e logo desaparece. Os pescadores Joca da Quina, Nozinho, Zonta e Zeca, entre diálogos filosofantes, relatam suas peripécias: casos de adultério, assassinatos e surras. Nele também há ternura quando diz: “[...] -Quem foi que te disse que flor atrapalha vôo de passarinho?”

Temporalidade – Há recuos no período transcorrido em cada caso contado sobre Nordeste. Entretanto, existe um fio de tempo cronológico, que tece o diálogo dos pescadores.

Espaço / Ambiente – A ação se dá entre pescadores. Apesar de haver uma espécie de pacto de verdades entre eles, acreditam em “[...] revelações daquele que veio de terras distantes, trazendo consigo a imagem de grandes cidades”.

Temática – Quem anda em volta sempre acha uma saída.

**Sobre o cansativo fuzilamento do barão,
segundo testemunho detalhado do Nozinho**

Enredo / Personagens – O protagonista, inicialmente, fala das ilhas chamadas Ratonas, que parecem “dois enormes ratos verdes, boiando nas águas mansas da baía”. Passa então a relatar o caso que Nozinho assistiu na ilha maior, no tempo em que o forte era usado como depósito de presos inimigos do governo. Naquela ocasião, devido a uma violenta tempestade, Nozinho abrigou-se na guarita e assistiu ao desembarque de prisioneiros e ao fuzilamento de um barão: na primeira tentativa, a morte foi uma farsa, o pobre homem acreditava fazer valer seu título de barão; mas o “grande soldado” outra vez comandou a rajada de tiros e desta vez a morte de fato foi inevitável.

Temporalidade – O espaço de tempo é marcado cronologicamente. As ações ocorrem durante a noite até a madrugada.

Espaço / Ambiente – A história é relatada por um pescador que se abrigou, uma noite, num forte na ilha maior de Ratonas.

Na fortaleza, o quadro social altera-se, revelando o ambiente de ditadura e dos desmandos do Marechal de Ferro.

Temática – Inclemência dos poderosos.

... da miserê pescaria

Enredo / Personagens - O protagonista aproveita uma pescaria de caniço para refletir sobre as contradições entre a vida civilizada e a tranquilidade da pequena aldeia de pescadores. Da ambição de ser homem e seu excessivo valor ou de ser apenas livre. Os dois espaços são simbólicos e para cada um existe “[...] uma fenda no muro, por onde eu queria

fugir”, pensava ele. São movimentos interiores, com emoção “[...] concilia sua existência às mais infinitas extensões”.

Ao voltar-se para o mundo referencial, vê-se envolvido pelas reclamações de Nozinho acerca de seu costume de pescar de caniço, até que um baiacu enorme cai-lhe no anzol. Lutando com entusiasmo, consegue retirar o peixe da água, apesar da sua insistência em pescar de caniço, sob o pasmo do velho pescador.

Temporalidade – O tempo psicológico predomina nessa narrativa devido às vivências subjetivas do personagem e suas reflexões a respeito do sentido da vida. Além disso, há lembranças de episódios passados como justificativa da tomada de decisão do personagem “fugir” para um lugar à beira-mar.

Espaço / Ambiente –O espaço físico é a comunidade de pescadores na praia de Sambaqui. O pano de fundo é a civilização, que o personagem chama de pestilenta, opondo-se ao mundo paradisíaco e livre dos pescadores.

Temática – A vida em seu voo lento.

A coroa no reino das possibilidades (I)

Enredo / Personagens – O pescador Zeca mostra, deslumbrado, ao protagonista a rede centenária feita de corda de tucum. Conta das raras vezes que, em vão, ela foi ao mar: numa tentativa todos os peixes fugiram, as malhas eram muito grandes; noutra vez, agora contada por Nozinho, recolheram cem mil balaios de tainha, que, não consumidas, apodreceram e precisaram ser enterradas. Nozinho sabiamente diz que a rede só vai ao mar se for ocasião que enfeitice, se for oportunidade que valha a pena. Por insistência do protagonista, numa madrugada colocaram a rede de tucum no mar a cercar um cardume de corvinas. Depois de muita luta, primeiro para esticá-la e logo para puxá-la, os pescadores

assistiram e agüentaram o peso e a fúria de um leão marinho, que, além de comer todos os peixes, investia com violência contra a rede e dela, finalmente, se livra em imensos saltos no ar. Na rede, nem uma malha arreventada. Zeca preserva-a: “Quando Nozinho morrer, a rede ficará para ele”.

Temporalidade – O tempo cronológico e o encadeamento dos fatos só é interrompido para rememorações de alguns episódios sobre a rede de tucum.

Espaço / Ambiente – O espaço referencial é uma comunidade de pescadores.

O espaço social é representado de geração a geração pela posse da centenária rede de tucum, o que simbolicamente representa a continuidade da vida e de seus valores.

Temática – A vida é uma contínua rede de possibilidades.

A coroa no reino das possibilidades (II)

Enredo / Personagens - Após o enterro de Nozinho, dois dias de chuva. O protagonista encontra Zeca a cuidar da rede de tucum, que agora pertence a ele. Noca e Zonta estão doentes, de cama. O momento da morte de Nozinho e o cortejo por mar até o local do enterro são narrados pelo personagem principal. A cada fato contado, uma lembrança daquele que ensinou a humildade e a serenidade, uma reflexão sobre a vida e a morte, e sobretudo, sobre a infinita renovação que é a vida: em cada fracasso, há esperanças reiteradas e novas possibilidades. Nininha, a viúva de Nozinho, o faz voltar à realidade, tentando dar continuidade à vida também. Falava ao personagem sobre o respeito que tinham por ele e trazia-lhe um dos seus filhos para que criasse. Referia-se serena ao marido morto. O garoto ficou e a vida do protagonista estaria mais fortemente atrelada àquela gente.

Temporalidade – O tempo transcorrido cronologicamente é curto. Trata-se de uma manhã em que o sol aparece após dois dias de chuva.

O narrador afasta-se dessa ordem ao fazer suas dissertações sobre a vida e a morte, em comentários de profundidades filosóficas. Revela seu ponto de vista acerca das esperanças e novas possibilidades de viver, livrando-se de todas as angústias. Temos então o tempo psicológico predominando nesta última e decisiva história.

Espaço / Ambiente – Neste conto temos coroado o universo de uma comunidade de pescadores, na simplicidade e rusticidade do espaço referencial e no seu admirável sistema de valores em relação à vida e à morte, passados de geração a geração. O ambiente permanece tranqüilo apesar das adversidades da vida. Há um perfeito relacionamento entre as condições de vida que levam e o pensar e sentir de cada um: “[...] sentiam-se protegidos contra o sentimento da morte”.

Temática – A cada instante a vida oferece novas possibilidades.

Nestas vinte histórias, o protagonista, ou apenas “o homem”, na linguagem simples, ingênua e universal dos pescadores, ou quem sabe Zeca ou Zacarias, como lhe chamam na cidade, vai traçando seus desígnios de existir.

A começar pelas diferentes maneiras como o chamam, temos muito claro, no decorrer das histórias, o confronto dos limites de dois mundos: o mundo primitivo, tradicional e simples e o mundo civilizado, apressado e massificado, reconhecidos e distintos em diálogo do protagonista e Zeca, o pescador, no conto “O céu começa na terra” (p. 11):

[...] aqui não tem luz elétrica, colégios de crianças engomadas, televisão com bandidos, jornais com fotografias dos mortos e dos safados, horóscopos, perfumes, púlpitos, analistas, corretores, supersom, faqueiros, pregoeiros de cosméticos, vendedores de aptidões, não vem carro na porta. [...] Uma canoa como esta também tem o seu valor, não tem? Não precisa estrada, não precisa nada. A gente fica assim em cima do mar, boiando, indo para onde se quer. Não tem nem encruzilhada pra gente se perder.

Contados em primeira pessoa, o personagem relata fatos a ele relacionado em sua caminhada existencial, sua passagem de um mundo civilizado a um mundo primitivo, conforme observamos desde o primeiro conto “Como se deu a grande morte” (p. 03):

Vivia-se preso por um embaçado pensamento [...] a certeza de que todos os dias futuros seriam exatamente a continuidade de tudo aquilo. [...] Naquele instante usufruía os últimos momentos de vida. A morte de fato já havia se consumado, mas só agora o corpo ia ser transportado para o local do renascimento. Para trás ficariam todas as coisas que eu havia visto e tocado.

Numa linguagem viva, pulsante, entre elementos metafóricos e simbólicos, o protagonista faz suas reflexões filosóficas, vai se debatendo e há até um certo martírio, numa procura desesperada por respostas e por uma solução para sua condição neste mundo, procurando o sentido dos seres humanos e das coisas. O enredo de “O santo pelo silêncio em seu amor ao pássaro” (p. 19) traça possibilidades que sugerem destinos e estes nem sempre tão absolutos:

[...] não sabemos a direção a tomar. Enquanto isso, vivemos o grande momento de caos, o desespero que precede um vago encontro aflitamente desejado. Vivemos o desconforto de termos que proceder a grande mudança, sem que nos tenham dado endereço certo.[...] Quando tudo ao nosso redor se desfigura, quando tudo está em agonia e ainda nada se fez para reconstrução, ainda resta o mais importante, sob total deliberação nossa, para ser salvo ou perder-se – ainda resta o eu.

Esse conto remete-nos com relevância ao caráter de atemporalidade presente nos textos de Miro Morais. Impressiona a atualidade e a forma de tratar o assunto. É uma escrita de hoje para hoje, por isso o leitor também se identifica tão bem com suas angústias diante desse mundo. São construções mais filosóficas do que narrativas, sempre extraindo algo da existência humana:

Quando o homem atinge a consciência de si, o primeiro passo para o grande vôo a que se sente impelido, começa no momento em que rompe com seu ninho. O seu compromisso é saltar em direção ao seu destino [...]. A razão me levou a abandonar a tragédia coletiva, a massificação do sofrimento inútil. Passei a viver a dor que só a mim pertence, uma dor que ganha dignidade na medida em que assume uma finalidade e lentamente a realiza [...]. Não é nada fácil construir-se sozinho.

Além desse caráter atemporal, mas não deixando de ser atual, reserva-se a este conto desencadear o grande tema que permeará todo o romance: o vôo da existência humana em busca da liberdade, ou seja, a busca do sentido de existir que os filósofos existencialistas procuram desvendar. Esse desejo do escritor incorporar os discursos da sociologia, da psicologia e principalmente da filosofia ao texto criado está impresso nos textos “Alguma coisa percorre a noite” (p. 49), “Alguns instantes do renascimento” (p.07) e “Para aprender a festejar a morte” (p.85), quando o narrador interrompe as histórias para fazer seus comentários ou digressões. Assim, já ao final do romance, no texto “...da miserê pescaria” (p. 105), percebemos o protagonista não tão aflito diante da sua condição humana, mas preparado para o convívio contínuo dessas angústias do viver:

Da minha vida, só dispunha da certeza sufocante da responsabilidade em salvá-la. E cada segundo precisava ser sugado como um fruto, que tão logo existe, imediatamente apodrece [...]. Todavia eu lutava [...]. Nada se impõe. Não há compromisso com coisa alguma. Sou apenas livre, sou a própria liberdade [...] concilio minha existência às mais infinitas extensões [...].

E na tentativa de “aprender a existir, longe das profecias, dos catálogos e das coisas insepultas”, no convívio com os pescadores, “aprendeu a serenidade e os caminhos do retorno, onde foi encontrar as revelações que as coisas exibiram desde o primeiro momento da luz” (p. 08).

Exemplo disso encontramos no conto “Sobre o valor do diálogo com os peixes” (p. 89), em que o mundo sofisticado e o primitivo são contrapostos pelo fato de o protagonista ainda não ter aberto seus livros após a mudança. Nele rediscute os valores da intelectualidade e os princípios da liberdade, os livros representam a civilização, a cultura e ele chega a perguntar-se “...para que ler? [...] Vale a pena ter olhos tão claros à luz da razão e tão vastos abismos na alma?”(p. 90).

É a volta às origens, ao natural, ao primitivo. É a identificação do ser humano com a natureza, a possibilidade maior de sobrevivência, que o narrador-personagem encontra na sua busca incansável de um sentido para a vida humana: “Misturava-me às sementes e crescia com elas, ungido pela mesma humildade com que o solo faz surgir as plantas” (p. 09).

Toda a construção da narrativa direciona-se para propiciar um determinado impacto no leitor através de uma concentração de efeitos. Há oposições entre proposições veiculadas pelo protagonista e por outros personagens. Na elaboração desse impacto, o leitor sente-se envolvido nas reflexões sobre vida e morte, céu e inferno, bondade e maldade, conforme diálogo travado entre Zeca e o narrador-personagem, no final do conto “O céu começa na terra” (p. 11), onde encontramos a força máxima e o auge dessa oposição:

-Não tem jeito, rapaz! Do que eu gosto mesmo é da vida. E o diabo é que só agora eu sei disso.

-Isso não pode. Se vai morrer como é que quer levar a vida para o céu?

-Então eu desisto de outra coisa.

-Só o que faltava – gritou Zeca por trás de uma onda que atravessou a canoa entre nós – Perder o céu só porque não sabe o que quer!

-Como não sei? O que eu quero é viver, rapaz!

Nesse conto ou em outros que tratam desses questionamentos, como em “O santo pelo silêncio em seu amor ao pássaro” (p. 19), “Para aprender a festejar a morte” (p. 85) e mais evidentemente em “A coroa no reino das possibilidades (II)” (p. 117), o último e

decisivo episódio na vida de ‘o homem’, a estrutura enxuta das ações promove um efeito mais denso, mais perturbador e de notação psicológica no leitor, o texto não tem o tempo a seu favor, precisa atingir o alvo, o leitor, de forma mais ágil e menos hesitante.

As ações dos personagens são sumárias e, hierarquizadas, provocam no leitor um efeito marcante. Entretanto, a visão subjetiva que o narrador estabelece, sua interioridade, seu modo de pensar o mundo e o existir é que será a tônica do enredo dos contos e do romance como um todo.

“Como se deu a grande morte” (p. 03) é exemplar dessa construção da obra de Miro Morais. Ao analisarmos o personagem principal, as características físicas não estão presentes, nada se sabe sobre os seus traços ou atributos físicos. Há, entretanto, a predominância das suas características psicológicas, comportamentais e sentimentais. Indica assim que o mundo interior do personagem, suas inquietações e reflexões é o que interessa ser mostrado.

Embora não seja um romance intimista, é na ação interior que se desenvolve. Por isso o enredo dos contos é curto como entrecho e extenso como expressão dos sentimentos do protagonista. Este encurtamento da ação externa, este esvaziamento do real, visa exatamente acentuar a percepção das coisas, aumentar a faculdade de captar o que está, muitas vezes, fora do alcance dos sentidos.

Lado a lado com as dissertações lírico-amargas do narrador sobre questões por ele vividas, neste romance há a possibilidade de o leitor se descontraír com a história contada, de reconhecer que há momentos em que a vida não é tão dura, de conhecer um pouco mais de si e da realidade que o rodeia. Além disso, ele pode ainda sonhar com um mundo menos áspero, sem carências e necessidades do cotidiano. Essas passagens encontramos nos textos “O amoral sorridente” (p. 93), “... de infelizes intenções” (p. 61), “Inesgotáveis novidades” (p. 83), “As serpentes amorosas” (p. 31) e finalmente em “O aprendiz” (p. 37), em que a

linguagem poética do diálogo entre pai e filho nos coloca ensinamentos sobre cidadania, história e sentimentos, como amor e bondade.

Outro exemplo da realidade e das necessidades dos habitantes do lugar encontramos em “O amoral sorridente” (p. 93) e em “As serpentes amorosas” (p. 31) quando os pescadores mostram-se aborrecidos, insatisfeitos e inconformados nas suas relações comerciais com o comprador de peixes, o Sr. Altino. Aliás, este era a única alternativa de intermediação da venda da pesca daquela comunidade. O negociante sente-se muito confortável diante da situação, conforme se apresenta no diálogo entre os pescadores no conto “As serpentes amorosas” (p. 31):

- Chego lá, entrego o peixe e o camarão, ele pesa, mede, não diz quanto deu e eu não pergunto.

- Mas tu não vês que é ele quem maneja os instrumentos, homem? De quem é a balança, de quem é a medida do litro, de quem é o metro? [...]

Discutiam sem muita certeza do que estava certo ou errado. Não era um problema de justiça ou honestidade. Tudo girava em torno de troca de quantidade e o mais desorientado, por fundamentações do hábito, era Joca da Quina.

Os pescadores foram justicados por Nordestão: um dia não pagou a conta ao Sr. Altino e surrou-o sem dó nem piedade. Justificou seu ato dizendo ao comerciante: “O senhor já tem roubado muito dos pescadores. Isso fica por conta do que tem roubado” (p. 95). Este caso foi contado por Joca, um dos pescadores, em momento em que discorriam sobre as proezas de Nordestão, no conto “O amoral sorridente” (p. 93).

Não obstante, o escritor mantém-se perseguindo sempre a visualização dos confrontos, das contradições desse jogo que é a vida, e impõe ao protagonista questionamentos sobre as últimas conseqüências de uma vida isolada. O silêncio, a contemplação da natureza, a volta para dentro de si levam, conseqüentemente, o narrador-personagem à solidão, ilustrada no romance pela história de Padre Donato, cuja “solidão que

interrompe todos os atos da natureza, que atrofia todo o alento da criação, foi aos poucos consumindo todas as suas forças” (p. 69). Até certo ponto, há uma identidade entre eles, mas o desenlace trágico da vida do religioso colocou em dúvida as vantagens do isolamento, pois “a solidão acabou por consumir sua substância humana. Morreu como um animal, sem jamais ter compreendido coisa alguma de si ou do mundo...” (p. 74).

Na história “O último milagre de amor à beira da fonte” (p. 73), o narrador-personagem reflete sobre o destino de Padre Donato, contado por Nozinho, Noca e Joca da Quina. O religioso, dividido entre a vida religiosa e a profana, entre a modéstia e a ambição, não encontrou o caminho de um socorro Divino e acabou morrendo soterrado no lodo e no ouro roubado que derreteria. Pode-se conferir esta tragédia no conto “A infeliz história de Padre Donato” (p. 63) e a associação de idéias entre este e aquele inicialmente mencionado.

O protagonista, atordoado pelas dúvidas, volta à cidade em busca de novas possibilidades que possam esclarecê-lo sobre as conseqüências de uma vida isolada. Conclui que Padre Donato não soubera absorver a grandeza da solidão. Mais uma vez as contradições e o confronto entre o mundo primitivo e o civilizado foram pontos relevantes em suas decisões. É o caminho para o desfecho na busca que vive:

Foi como se eu tivesse descido por uma corda a um outro mundo.[...] A rotina dos hábitos havia devorado seus olhos. O grande monstro, anônimo e insano, que se esconde entre os homens quando estes se amontoam como formigas, estendia seus invisíveis tentáculos e devorava tudo, até a mais ordinária felicidade: o reencontro de um amigo (MORAIS, 1981, p. 74 -75).

Esta é a solidão imposta pela cidade grande e o protagonista “sem saber por quais fendas havia escorregado para aquele labirinto e por quais labirintos poderia evadir-me” (p. 80), descobre que o seu retorno ao mundo civilizado não poderia acontecer. Aliviado, volta ao seu recanto à beira mar, ao seu isolamento, onde:

A vida voltou a alargar os seus limites quando, divisei atrás da vegetação, brilhando ao sol da manhã, a casa branca, dominando toda a visão do mar e do infinito. [...] quando o silêncio revela a exata grandeza de tudo o que acontece. Essa mesma grandeza que o trágico religioso foi incapaz de absorver, tornando um flagelo a sua solidão (p. 80).

Os dois últimos contos, sob o título de “A coroa no reino das possibilidades” (p. 111,117), constituem o desfecho do romance e da trajetória do protagonista em direção ao sentido de existir. No primeiro conto, os personagens falam deslumbrados a respeito da centenária rede de tucum, que representa o entrelaçamento dos episódios da vida, das suas contradições, das suas vivências e das infinitas possibilidades. Essa trama é contínua e, como os peixes, nos é possível escorregar, fugir e emergir a cada instante.

No segundo conto de mesmo nome, “A coroa no reino das possibilidades (II)” (p.117), vemos o protagonista, não na sua plenitude de existir, pois a vida é busca contínua, um processo aberto para o futuro, é o ser humano como ser-no-mundo e o vir-a-ser, mas, conforme desejava, em equilíbrio interior, onde “em cada esperança desmentida, vêm chegar a vaga de outra esperança. Isso os salva de toda a angústia” (p. 119).

Este último conto marca o clímax dos anseios do personagem. Questionamentos que desde a primeira história nos foram repassados por reflexões, que ora transbordavam com maior ou menor intensidade por entre os capítulos-contos, atingem aqui o ápice e o âmago da questão. A morte de Nozinho marca o nódulo de depuração na psicologia do protagonista. O amigo que nada possuía e a nada aspirou, mas que lhe ensinara os caminhos da serenidade e da humildade, restitui ao personagem principal algumas questões a respeito da vida e morte, ambições e misérias, vida simples ou sofisticada. Contudo, a única certeza que realmente vê coroada é de que:

[...] no meio a tudo isso terei que continuar emergindo a cada instante em direção à vida. Vagas promessas de permutas e certeza de abandonos. No limiar

de cada hostilidade a nova ânsia de outra possibilidade. Seria preciso olhar cada dia como se olha o mar e esperar que do segredo das suas águas colha-se o grande peixe sonhado (MORAIS, 1981, p. 119).

A obra não começa, nem termina: ela continua. O escritor, que se prende à corrente filosófica existencialista, vê a existência humana como uma aventura que se explica por si mesma e sem saída.

Assim, de possibilidade em possibilidade, o jogador vai movendo as peças no grande tabuleiro do mundo até o xeque-mate. Compreende, por fim, que “não há qualquer conceito convencional de limites, tudo é uma só substância [...] Por algum tempo todos os mistérios se anulam. Nada é obscuro ao entendimento. O ritmo infalível continua [...]” (p. 107-108).

Enfim, a coroa, figura como emblema de vitória e do mais elevado nível da evolução espiritual do protagonista. Tanto este, como nós leitores, continuaremos em busca do reino das possibilidades, com soberania.

2.5 EM CADA OBRA UMA JOGADA: TEMAS AFINS; LANCES DEFINIDOS

O romance *A coroa no reino das possibilidades* baseia-se na história de um indivíduo, designado apenas por ‘homem’, que exercia um alto cargo, em um emprego burocrático. Vivia na cidade de Florianópolis, provavelmente no início da década de sessenta. Essa história ou as múltiplas histórias deste romance nos chega pelas descrições, narrativas e reflexões do narrador-personagem ou simplesmente pelo ‘homem’, narrada em primeira pessoa.

Obra escrita após os episódios de março de 1964, pode ser classificada como romance, contos, monólogos reflexivos, entretanto não é uma obra comum. O narrador pratica

um difícil e penoso mergulho em si mesmo, buscando uma identidade que justifique as razões de viver, de sentir e de se relacionar.

O narrador-personagem procurava a liberdade e o sentido para sua existência: frustra-se com suas ocupações burocráticas, com seus casos amorosos, com suas amizades, assim revelando-se uma pessoa desintegrada na sociedade em que vive.

Resolve transferir-se para o interior da Ilha, refugiando-se em Sambaqui, um vilarejo de pescadores, lugar que, na época, era só mar, pedras e morros. Este é o cenário. Conhece, então, algumas pessoas que irão ajudá-lo a encontrar um norte para sua existência, ou pelo menos clarear alguns de seus questionamentos. São simples pescadores, porém de uma sabedoria interior capaz de tirá-lo de seus conflitos e de levá-lo a perceber que a vida não é assim tão absurda. Todas essas pessoas são atuantes a seu modo, presentes, talhadas com espírito crítico e observador. Com eles mantém uma amizade verdadeira, com quem compartilha e desenvolve uma experiência e um sentido verdadeiro para si próprio, para os outros e para o mundo.

Entremeadas junto às histórias contadas, há reflexões e confrontos entre o narrador-personagem e seu “eu”, que age como seu interlocutor. É uma forma de diálogo que o personagem vai mantendo consigo mesmo. Poderíamos dizer que é um interlocutor imaginário com quem dialoga para explicar os fatos por ele vivenciados ou as condições dos humanos, da natureza e das coisas. O procedimento pode ser visto, por outro lado, como forma de afastar a sua própria solidão, visto que se encontra em ambiente diverso, sem família, sem amigos, somente ele e a natureza. Desse modo, através desses pensamentos, entra e sai do mundo referencial, procurando o sentido da sua existência. Nesse itinerário, onde verdade e loucura se aproximam, recua para dentro de si mesmo. Eis que não podemos negar um denso grau de introspecção ao romance de Miro Moraes.

Outra característica da obra é a presença do mar. Ele é uma constante na vida do 'homem', presente nos momentos de tensão reflexiva do personagem. É uma espécie de companheiro, grande, forte, vital, com quem procura identificar-se. Presença essa detectada por Salim MIGUEL (1990, p. 43) que, realizando estudos sobre o conto na literatura catarinense, argumenta que:

[...] há e é inquestionável, uma constante a marcar nossa literatura, um mesmo tema a percorrer os caminhos: a presença do mar. [...] A começar por Várzea até os mais recentes autores, o mar é uma presença constante, diríamos mesmo até obsedante. Que está na obra de um D'Eça, um Holdemar Menezes, um **Miro Morais**, um Almiro Caldeira, um Flávio José Cardozo, um Adolfo Boos Jr.

O romance passa ao longe do descritivismo da natureza por ela mesma, ou querendo mostrá-la como idílica ou romântica. O autor labuta por demonstrá-la como parte atuante nas relações humanas, interiores e psicológicas, pois aquele tipo de descrição é consequência de uma visão de mundo voltada para a exterioridade das coisas. Não é o caso da obra de Miro Morais, *A coroa no reino das possibilidades*, pois o mesmo consegue uma perfeita união de elementos diversos: ser humano, paisagem, sentimento, bicho, terra, água, pensamento, tudo é uma coisa só, girando em círculo, sem princípio nem fim, um continuando no outro, ou continuando o outro.

Em *Panorama do Conto Catarinense*, de Iaponan SOARES (1974, p. 08), na introdução, Carlos Jorge Appel fala-nos da obra de Miro Morais e da nova geração pós Grupo Sul como um movimento renovador em relação ao regionalismo catarinense, em que a tendência é reduzir o indivíduo à problemática sócio-econômica. Nestes autores as personagens assumem dimensões amplas, lutando consigo mesmas para superar as alienações advindas dos limites espaciais. Appel esclarece-nos a respeito desse conflito em que o mundo

mítico dos pescadores está prestes a desaparecer, nos termos de uma simbiose sociedade-natureza, em detrimento de uma sociedade opressora e tecnicista:

A volta à natureza, ao eu perdido, nos conhecidos moldes, não expressa as exigências da subjetividade magoada pela sociedade, porque a colocaria à margem da história. **Miro Morais** dá um passo à frente na relação homem-natureza, se tivermos como ponto de referência a literatura catarinense. Deixa ver que, se o homem faz parte da natureza, obedece, em compensação, a leis específicas, que o levam a outro tipo de relações. A tendência dos escritores catarinenses, preocupados com o mesmo conflito, era reduzir o homem ao conjunto de suas condições de existência, ao seu nível sociológico, portanto.

Desse modo, com os escritores contemporâneos, chegamos ao limiar de outra etapa da literatura catarinense, há passagem de um personagem como ser alienado a um ser histórico, submetido a uma finalidade humana consciente, que possibilita revelar o ser humano em toda a sua miséria e grandeza.

Cândido Assassino é o segundo romance de Miro Morais, surgido quase duas décadas depois da sua estréia, num momento em que a nossa literatura experimentava nova dinâmica, inclusive com a promoção de concursos literários, de que esta obra será vencedora. Nela, o escritor reconstrói de modo intencional um tema até certo ponto camuseano, conferindo-lhe, no entanto, uma nova conotação e dimensionamento. Um homem, em ato consciente e deliberado, assassina outro homem, sem qualquer razão lógica ou aparente. Toda a narrativa se desenvolve muito tempo depois do acontecimento, quando, após vinte anos internado num presídio e fazendo da existência um compromisso para explicar o motivo de seu ato, o assassino decide, no espaço de uma noite, proceder à análise de toda a sua vida. O autor se utiliza literariamente de uma ação extremada, que se situa nos limites do absurdo, para um aprofundamento reflexivo e poético do universo humano. Neste romance vê-se também a importância dada ao ser humano, sempre em busca de si mesmo. Ao final da

história, ainda em suas reflexões sobre o acontecido, o personagem procura convencer-se de que:

O absurdo é ter que admitir que matá-lo não foi importante. O grande sentido estava no ato. [...] E eu permaneço aqui, a cumprir, não a penitência de um cárcere, mas a deliberada e inevitável busca de uma explicação satisfatória. Em todo caso, não será com certeza esta noite que irei viver a felicidade de encontrar a resposta que procuro (MORAIS, 1983, p. 156).

Acudir. Elucidar. Complementar. Para tanto, não poderíamos deixar de citar ensaio de Walter Contrera, presente na Revista *Visão*, de 04 de Julho de 1983, em que o autor aborda e discorre sobre a temática presente nas obras de Miro Morais:

A coroa no reino das possibilidades – um dos melhores romances catarinenses da década de 60 – consegue levar para dentro da Literatura os grandes e angustiantes dramas do homem moderno que precisa desesperadamente fugir da civilização e se esconder na vida simples e ordenada dos pescadores de beira-praia. Numa sucessão de vinte histórias curtas e independentes, vividas no litoral norte da Ilha, o livro encontra em Virgílio Várzea a grande moldura para o enquadramento de heróis dentro de uma natureza com forte gosto de mar; em Othon d’Eça, a exatidão da linguagem e em Salim Miguel, a pureza d’alma e o lirismo de pobres Zecas, Nocas e Nozinhos, todos heróis de beira-mar e muito mais heróis lá fora em cima das ondas. Contudo, diferente dos três autores que lhe servem de fundo, **Miro Morais** apresenta, não apenas o mar, os pescadores ou uma vida suportada pelo homem da cidade, mas delineia o próprio homem urbano que precisa “encontrar-se” – no sentido filosófico do termo – junto ao mar e aos pescadores e que precisa ser mar e ser pescador. Tudo isto, num mundo de angústia e de desgraças. *Cândido Assassino* também é a história de uma angústia levada ao extremo de sua essência: depois de vinte anos isolado num presídio, a cumprir pena de assassinato, conscientemente cometido e sem razão plausível, um homem – no espaço de uma noite – reflete sobre seu ato e sobre sua vida. O livro está montado sobre a mística da palavra que “explode em toda a sua força, e em alguns momentos, chega a atordoar o leitor com seu brilho e sua precisão. A escolha é perfeita; como um artesão, o autor burila o texto”.

As histórias construídas pelo autor fazem com que o leitor se sinta forçado a partilhar da feita das mesmas, devido às inovações formais desenvolvidas pelo escritor. Em *Cândido Assassino*, também a condição humana é que toma conta da narrativa. Revela-nos a

inesgotável e complexa riqueza interior do ser humano. Há nesta obra, a exemplo de *A coroa no reino das possibilidades*, permanentemente questionamentos e reflexões sobre si, os outros e o mundo. Entende-se por reflexão o movimento pelo qual o pensamento volta-se e interroga-se a si mesmo.

Os ambientes, a sociedade, o mundo em que as pessoas vivem configuram como um reino de possibilidades. Somos seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por gestos e ações. A reflexão filosófica também se volta para esses relacionamentos que mantemos com a realidade circundante, pelo que dizemos e pelas ações que realizamos nessas circunstâncias. A literatura aparece como elemento que participa dos destinos destas relações na sociedade humana, por isso deve atender à realidade com que lida, volta-se para as vivências reais ou imaginárias de seus personagens ou leitores, sempre em busca da verdade. Empenha-se em conquistar o entendimento entre homem-natureza-vida.

Se para o escritor “[...] a imaginação do leitor jamais deve ser acorrentada” (GIANUCA, 1968), nós leitores, temos efetivamente, comprometimento frente à obra, seja pelo sentido que desejamos dar à nossa existência, seja pelas nossas próprias experiências em identificar-nos com símbolos e metáforas veiculados nas narrativas, resgatando não só aspectos sociais, mas principalmente as conquistas individuais de cada um.

3 EM JOGO A EXISTÊNCIA

E a vida,
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão
Mas e a vida?
Ela é maravilha ou é sofrimento
É alegria ou lamento
O que é? O que é?
Meu irmão?

Gonzaga Jr.

3.1 PRIMEIRO LANCE: EXISTIR?

Desde os tempos, que talvez nem se possa contar, até os dias que hoje vivemos, temos nos deparado com essa interrogação, estampada anteriormente por autor de música popular brasileira.

E são cientistas, filósofos, pensadores, poetas, escritores, psicólogos, enfim a humanidade, que é feita de carne e osso, mas também de paixão, que se debate em querer respondê-la.

E quanto mais assombrados refletimos, mais a questão se desdobra:

Antes do começo, o que existia? O nada? Como pensar sobre o nada sem supor a existência de algo? E o ser humano e sua existência? Quais suas necessidades? Por que tem conflitos? Em que é diferente de outros animais? Por que se sente inadequado ao mundo em que vive? Como se relaciona com o outro?

É certo que muitos já se perguntaram sobre isso, na tentativa de entender o porquê disso tudo, do mundo à nossa volta. Por que o mundo? Por que nós? O nada não é muito mais simples?

Reside, justamente no Nada, a provocação ao ser humano em avançar. A investigação sobre a natureza humana antecede, talvez, a história escrita e a própria filosofia.

Esta, como ato reflexivo, é tão antiga quanto o Homem. Tanto a formulação das perguntas como suas respostas têm sido diferentes de acordo com a época e a sociedade.

Na visão idealista não se conhece a realidade autêntica do homem e do mundo, senão uma artificial teoria das idéias – as essências – desligadas da realidade; e a visão realista, por seu lado, apresenta o fragmento das coisas que estão na existência, não vendo a totalidade da própria maneira de viver, da própria vida. Não levam em consideração que o indivíduo jamais se encontra só, mas sempre com as coisas, fazendo algo com elas, ele é inseparável das coisas. Enfim, o indivíduo encontra-se com seu ‘eu’ e com as coisas.

No século XIX, esse idealismo investigador começou a fracassar e durante certo tempo pensou-se que era possível construir uma imagem do mundo puramente científica, onde a preocupação foi a busca de objetividade como única forma válida e possível de conhecimento.

Surge a ciência, a sociedade moderna força a retomada de antigas questões. Mas agora, sob as lentes racionais, precisas, quantitativas e verificáveis. O que a ciência tem a dizer sobre essas questões, sobre a criação de todas as coisas? O que ela tem a dizer sobre o porquê de as coisas existirem? Nada. A ciência não explica o porquê. Ela explica o como as coisas acontecem. Esse entendimento é o seu domínio.

O século XVII foi o século das matemáticas, o século XVIII o das ciências e o século XIX o da biologia. O nosso século XX é o século do medo. O que mais efetivamente nos chama a atenção neste mundo em que vivemos é, em geral e em primeiro lugar, que a maioria dos homens [...] não tem futuro algum. Nenhuma vida é válida sem projeção no futuro. O medo e a angústia não são invenções dos filósofos, mas algo constitutivo da condição humana enquanto tal (CAMUS, 1953, p. 163).

E o século XX inicia-se como um mundo científico, onde tudo é absurdo. Albert Camus em seu escrito *Actuelles*, citado acima, vem revelar-nos essa angústia, dor e descoberta

do novo, que o nascimento do século traz consigo: se o século XIX começou cheio de esperanças no ser humano, acreditando firmemente no futuro da ciência, do progresso, da tecnologia, sucedeu-lhe o século XX, em que predominavam a dúvida, o sofrimento e a desilusão. Se, no século XIX, acreditava-se numa verdade absoluta, numa razão clara, simples e distinta, o século XX parece não acreditar em mais nada, vendo apenas enigmas e escuridão. O indivíduo se vê desprovido de certezas, permanentemente imerso no estranhamento, a debater-se contra forças que o obrigam a constantes transformações, o que, inevitavelmente, o desestabiliza e confere à vida um aspecto inconveniente e indesejável.

Uma infinidade de conflitos culminou com a explosão de um novo modo de fazer guerra: a 1ª Guerra Mundial, iniciada em 1914. Nunca tantos mortos (milhões de soldados e civis, por bombardeios, massacres, fome ou epidemias), nunca tanta sofisticação de gases asfixiantes, metralhadoras, balas explosivas, canhões e tanques. Em 1917, estourou a Revolução Russa, prenúncio de uma nova sociedade, radicalmente diversa da capitalista, também com milhões de mortos, deportados e mutilados. Em 1929, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York carregou de cores sombrias esse cenário, causando desemprego em massa, fome, extorsões e contrabandos, além de pressões econômicas das nações ricas sobre os países pobres. Mal refeito da 1ª Guerra e dos abalos da economia, o mundo se envolveu, em 1939, numa 2ª Guerra Mundial, ainda mais destruidora e cruelmente sofisticada. Os tiros dos campos de batalha terminaram em 1945, mas o conflito permaneceu aberto, pulsante como uma chaga viva. Não contentes com os 45 milhões de mortos, os interesses das nações e de seus dirigentes inauguraram a guerra fria. O clima da guerra fria se caracterizou pelo medo generalizado diante da constante ameaça de uma guerra nuclear, acusações mútuas entre americanos e soviéticos, espionagem e contra-espionagem, perseguições ideológicas e censura às artes e ao pensamento.

Apesar dos e em meio aos gritos de dor, debaixo dos bombardeios e contando com recursos financeiros, a ciência e a tecnologia se desenvolveram espantosamente. Além de artefatos bélicos, trabalhavam também para produzir invenções que trouxessem benefícios para a humanidade. O que o homem não havia conseguido em sua existência sobre a Terra, alguns países da Europa e Estados Unidos conseguiram na primeira metade do século XX. Máquinas, cidades, concreto, televisão, vacinas, automóvel, avião, domínio da energia atômica e informática são alguns inventos ou conhecimentos produzidos cientificamente nesse início de século.

Entretanto, uma coisa é certa: a preocupação com o interior do ser humano e com a maneira pela qual ele se relaciona consigo próprio e com o ambiente está sempre presente. O homem científico e a sociedade tecnológica não cumpriram uma promessa esperada: a melhoria da vida humana. Afinal se percebeu que as certezas da ciência não serviam em nada à causa de uma sociedade mais humana. O indivíduo da década de 50 se pergunta: Que sujeito é esse que domina as distâncias e se comunica em segundos e tem poder de explodir este planeta e, contudo, não se conhece?

A sociedade caminhava para o caos, para o agravamento da dominação e do extermínio. Poucas nações, poucos grupos dominavam quase toda a riqueza, os bens culturais e o poder político do mundo. Após duas guerras mundiais, a fé do homem em si mesmo e nas suas construções pelo mundo era decepcionante.

Lançado nas complicações cotidianas com sua miséria e complexidade, onde as coisas acontecem e não mais se concatenam, o sujeito se depara com a desumanidade característica do momento atual, em que as pessoas são apenas coeficientes. A guerra destruíra em pouco tempo comunidades, realizações materiais e tesouros de arte que haviam demorado séculos para se construir.

Otaviano José PEREIRA (1991, p. 12-13) fala-nos daquilo que leva o indivíduo a refletir: são os problemas que enfrenta no transcurso de sua existência, e esclarece:

[...] todos e cada um de nós nos descobrimos existindo no mundo (existência que é agir, sentir, pensar). Tal existência transcorre normalmente, espontaneamente, até que algo interrompe seu curso, interfere no processo alterando a sua seqüência natural. Aí, então, o homem é levado, é obrigado mesmo, a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo.[...] Da mesma forma, um obstáculo que é preciso transpor, uma dificuldade que precisa ser superada, uma dúvida que não pode deixar de ser dissipada são situações que se nos configuram como verdadeiramente problemáticas.

Nesse contexto, a Filosofia apareceu tentando explicar, ou melhor, achar a ponta desse emaranhado. Pensadores “lutavam” para ajudar a mudar o curso dessa história, ao verem a triste situação do mundo e de si mesmos. Angustiadados percebiam que a vida é incerta, é ambígua. Preocupavam-se em separar o certo do errado, em classificar quem era sujeito e quem era objeto: Há diferença entre o *eu* que pensa e as coisas exteriores ao pensamento? Buscavam, enfim, iluminar a existência humana. Era uma questão de sobrevivência, para o aflito indivíduo do pós-guerra, desvendar a vida humana.

Voltados especialmente para esse homem angustiado, que os filósofos dos anos 50 construíram seu pensamento. O mundo estava marcado por uma série de polêmicas filosóficas e políticas, a atmosfera era propícia ao aparecimento de movimentos de vanguarda. Chamados de *existencialistas*, não tinham a pretensão de se voltarem para a filosofia do mundo, ou das coisas; entretanto pretendiam, por excelência, ser uma *filosofia do homem*. Trata-se de uma filosofia de um sujeito aflito, ansioso diante do nada absoluto sobre o qual se configura a existência, dilacerado por contradições insolúveis, pressionado pelo seu cotidiano e tendo à sua volta os outros indivíduos, levando-o à angústia, desdobramento da solidão.

A filosofia tradicional, fundada no universalmente válido, em busca de leis gerais da realidade que estariam acima do tempo e das variações históricas do ser humano, apresenta-se

com as pretensões de ser ciência objetiva da verdade, de conhecimentos universais e necessários. Para esta filosofia, o especificamente individual, o peculiar, o característico de cada indivíduo e o subjetivo não podem nem devem ser objeto de reflexão. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1790-1831) postula que toda realidade pode ser explicada e compreendida por leis racionais, lógicas.

O existencialismo vem contra essa concepção filosófica. Alguns pensadores entendiam que a filosofia devia voltar-se para o homem, pois este tem seus problemas peculiares e intransferíveis, determinados por sua natureza específica e por sua situação histórica e social. Mostraram que a existência humana, a existência individual, deveria ser o ponto de partida e o termo de toda filosofia. Merleau-Ponty (1908-1961), na filosofia contemporânea, defende que não há determinismo ou escolha absoluta, que jamais somos coisa ou consciência nua.

Nascido da expressão da crise de existência em sentido universal, esta filosofia encarna o mal-estar, a desorientação, a angústia, as contradições, os anseios e as aspirações da consciência contemporânea. É uma filosofia que, atendendo às eternas exigências humanas, propõe à meditação a riqueza da existência, colocando no centro de sua reflexão o fato concreto da existência e, assim, diferenciando-se da filosofia clássica, que havia posto, no referido ponto central, as idéias e as essências, onde toda realidade poderia ser explicada e compreendida por leis racionais e lógicas do mundo científico.

Mas e o que significa existir? O que significa exatamente a afirmação “eu existo”? Será uma simples experiência do fato da nossa existência? Em que, então, o fato da nossa existência difere do fato da existência de outros seres animados ou inanimados? Será a existência o fato primordial, a partir do qual os outros fatos adquirem sentido: o fato da existência dos outros, da existência do mundo, da existência de Deus?

O *Existencialismo* aponta a prioridade da existência em detrimento da essência. A explicação do comportamento e da personalidade em termos de essência é rejeitada, propondo um estudo dos próprios fenômenos existenciais.

Desde os primórdios da filosofia há uma distinção clássica entre essência e existência, ambas contrapondo-se entre si. Por essência compreende-se que uma coisa é aquilo que essa coisa é. A essência, por exemplo, de uma janela é a própria janela. Dessa essência participam as demais janelas existentes, não importando materiais, formatos ou tamanhos. Mesmo ausentes não ficaremos impedidos de ter a idéia de ‘janela’, a sua essência, não implicando obrigatoriamente a existência concreta do objeto lembrado. Seriam como que objetos reais e virtuais, aqueles que existem efetivamente e aqueles que têm possibilidade de existir. A existência seria assim algo de concreto, definida por suas características que a distinguem de outras, enquanto a essência corresponderia a algo de abstrato, aquilo que essa coisa é em si mesma, sem necessitar de nada mais que a qualifique. Lembre-se que Platão falava do nosso mundo concreto como uma simples cópia imperfeita e nebulosa das essências que existiam no ‘mundo das idéias’.

Régis JOLIVET (1961, p. 83) em sua obra *As doutrinas existencialistas*, no capítulo dedicado ao estudo de Heidegger e Sartre, coloca-nos que:

No existencialismo contemporâneo, Heidegger e Sartre ocupam uma posição especial e inteiramente distinta dos outros existencialistas. Ambos recorrem à fenomenologia husserliana e, embora dela se distanciem muito, seguem-lhe, contudo, o método. Ambos se propõem, fundar uma ontologia, isto é, uma *ciência do ser*, se bem que o ser que eles encaram seja o *ser da existência humana*.

Estas considerações veiculadas pelo autor acima, são justificadas na sua plenitude na obra do próprio SARTRE (1987, p. 4-5-6): *O existencialismo é um humanismo* que passa a definir o que é o ser humano para o *Existencialismo*:

O que torna as coisas complicadas é a existência de dois tipos de existencialista: por um lado, os cristãos – entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica – e, por outro, os ateus - entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade. [...] O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. [...] de início não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. [...] Assim sendo, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é.

Para o existencialismo, o princípio de que a existência precede a essência só tem validade em relação ao homem, único ser que dá sentido a tal prioridade. Nesse sentido, que significa, então, dizer que a existência precede a essência?

Sartre preconiza que o indivíduo é primeiro para só depois ser isso ou aquilo, e à medida que continua a existir, o sujeito continua a escolher seus caminhos, a liberdade de escolha é a base e a essência da existência.

Sua essência surge como algo resultante de seus atos, daquilo que ele faz de si mesmo, algo a se realizar. O homem não é nada mais do que aquilo que projeta ser.

Em síntese, significa que o ser humano primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo, e que só depois se define, adquire sua essência; temos, portanto, exposto o princípio do existencialismo: da existência decorre a essência.

Por que se manifesta somente no homem que a existência precede a essência? Qual a diferença entre os seres humanos e as coisas?

No homem a existência precede a essência porque só ele é livre. Ao contrário dos outros seres, o homem não é predeterminado. O homem **existe** a pedra **é**. Tal diferença implica que o homem, diversamente dos demais objetos existentes no mundo, é livre. Ele é pura liberdade. A cada momento, o homem tem de

escolher aquilo que será no instante seguinte. O homem deve ser inventado todos os dias (SARTRE, 1987, p. 8-9).

Recorremos, novamente, a Régis JOLIVET (1961, p. 161-162), que procura esclarecer-nos sobre como Sartre aborda o tema **liberdade**, posto como centro da problemática em suas obras:

O ponto de vista que Sartre foca sempre em primeiro plano na sua obra é o da 'liberdade'. O seu objetivo consiste em desacreditar a idéia de uma necessidade, exterior a nós, derivando de uma estabilidade das coisas ou de uma ordem moral objetiva. Os indivíduos já não são tributários de um 'caráter' determinado ou de uma 'essência' definida, donde resultariam todas as suas propriedades e todos os seus atos, nem dos constrangimentos que lhes vêm de fora, ou seja, da Sociedade ou de Deus. O princípio primeiro da existência concreta dos indivíduos tem de se situar numa *opção profunda, absolutamente gratuita*, pela qual eles se escolhem absolutamente: é esta a 'liberdade'.

E contribui também para elucidar tal idéia, o estudioso João da PENHA (2001, p. 46), afirmando que:

É através da liberdade que o homem escolhe o que há de ser – escolhe sua essência e busca realizá-la. É a escolha que faz entre as alternativas com que se defronta que constitui sua essência. E é essa escolha que lhe permite criar seus valores. Não há como fugir a essa escolha, pois mesmo a recusa em escolher já é uma escolha. Ao escolher, o homem escolhe sua essência - e a realiza. Se o homem primeiramente existe, não sendo nada a princípio, se a idéia de Deus é eliminada, se a cada instante o homem tem de escolher aquilo que vai ser, então só a ele cabe criar os valores sob os quais dirigirá sua vida. Criando-os, torna-se responsável por tudo que fizer.

Diferentemente do pensamento filosófico contemplativo, voltado para as idéias abstratas, o Existencialismo volta-se para situações concretas do indivíduo, único ente que pode interrogar-se a si mesmo acerca de seu ser, na sua vida cotidiana e pelas experiências afetivas e imediatas como a solidão, o desespero do homem mergulhado no mundo, na angústia.

O que importa para esta corrente filosófica, não é o pensamento abstrato, a construção de um saber sobre o universo, mas o problema da existência: não a verdade essencial, eterna, objetiva, mas a verdade existencial, concreta, pensada e vivida por um sujeito.

O fato de existir pode ser incontestável. Já o sentido e a interpretação da existência não são únicos e indubitáveis; ao contrário, são diversos e diferentes. Por isso o existencialismo é, sem dúvida, uma importante corrente filosófica do século XX. Essa corrente filosófica difundiu-se como o pensamento mais radical a respeito do homem na época contemporânea. Surgiu em meados do século XIX, com o pensador dinamarquês Kierkegaard e alcançou seu apogeu após a II Guerra Mundial, nos anos cinquenta e sessenta, com Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. Os escritores e/ou pensadores dessa corrente colocam em questão as dúvidas da nossa própria vida. Escancaram nosso caos diário. Tomar contato com trabalhos de Sartre, Jaspers ou Camus é freqüentemente como ler, página a página, pensamentos e sentimentos íntimos, expressos com precisão e concretude.

É uma filosofia, como uma questão de fato, porque foi extensamente pronunciada por sujeitos instruídos, mas foi também e mais fundamentalmente uma mudança nas atitudes comuns humanas, que alteraram por sua vez todo aspecto da vida de nossa civilização: entende o homem como um ser finito, põe em questão o modo de ser do mesmo no mundo, e o próprio mundo. O que lhe interessa, portanto, é a relação homem-mundo, o indivíduo limitado em suas capacidades frente ao mundo. Seu objetivo é não só esclarecer ou interpretar os modos pelos quais o ser humano se relaciona com esse mundo, por meio de suas possibilidades cognitivas, emotivas e práticas, mas também de que maneira o mundo se relaciona com o homem, condicionando suas possibilidades.

3.2 SEGUNDO LANCE: CAMINHOS

O importante não é o que fazem do homem,
mas o que ele faz do que fizeram dele.

Jean-Paul Sartre

O existencialismo é um movimento filosófico e literário pertencente aos séculos XIX e XX, mas seus elementos primordiais podem ser encontrados no pensamento e vida de Sócrates que, preocupado em analisar a existência humana, profetizou: “conhece-te a ti mesmo”; na afirmação de Aristóteles de que a filosofia é a “ciência do existente enquanto existe”; no *Discurso do Método*, de René DESCARTES (1960, p.84), também se podem encontrar passagens de cunho acentuadamente existencialista, como sua confissão de que, após várias experiências, resolveu “estudar a si próprio e a escolher os caminhos a seguir”; ou ainda em Voltaire, que aconselhava que “não perdêssemos a medida humana das coisas”. Estas referências mostram que há certos elementos comuns que acabariam por desaguar no que modernamente é designado *Existencialismo*.

Como movimento filosófico, seu desenvolvimento deu-se na Europa, primeiro na Alemanha e logo a seguir na França, como consequência de uma tremenda crise, provocada sobretudo pelas duas guerras mundiais. O mundo deixou de ser um lugar aprazível e estava fracassado o projeto de que a humanidade conquistaria a justiça e o bem-estar social pela força de sua razão.

Nem a ciência ou a técnica se mostraram úteis para melhorar o mundo. O homem estava convertido em instrumento de domínio dos poderosos, originando uma angústia vital. Daí as interrogações que lhes eram pertinentes e próprias: Qual é o sentido da existência? Da morte? Da dor? Da liberdade? Do desespero? Da angústia?

Toda a história da Alemanha pode ser vista como uma contribuição à evolução do pensamento existencialista. Percorrendo a história, torna-se claro que a Alemanha tem sido atacada e tem atacado. Sua cultura é formada pela guerra. É no período de 1871 (com a guerra contra a França vencida, o rei Guilherme I da Prússia foi proclamado imperador alemão; neste mesmo ano, Otto Von Bismarck conseguiu unificar todos os principados e reinos alemães num só estado) até a II Guerra Mundial que mais intensamente se formou o pensamento existencialista.

O movimento existencialista francês, por sua vez, foi desenvolvido após a II Guerra Mundial, numa Europa mergulhada numa destruição e crise geral (política, social, econômica, moral, financeira...). Antes da II Guerra, os franceses se orgulhavam de seu país como uma potência mundial: possuíam colônias em expansão, uma rica história e um final vitorioso na I Guerra Mundial. Os franceses consideravam seu país a salvo e seguro. Entretanto, tudo mudou após a II Guerra Mundial.

A partir desses dois países, o pensamento existencialista irradia-se pelo continente europeu, espalhando-se por todo o mundo. A experiência traumática da guerra gerou um ambiente de angústia e desespero. O ser humano, descrente dos valores burgueses tradicionais e da capacidade de solucionar racionalmente as contradições da sociedade, buscou nessa corrente filosófica um estilo de vida, uma forma de comportamento, que exprimisse uma reação contra o racionalismo, o idealismo e o kantismo, e ainda contra o materialismo e o positivismo, que não deram uma resposta satisfatória aos problemas fundamentais da filosofia. O existencialismo irrompeu, como vimos, na Alemanha, primeiramente com os pensamentos de Kierkegaard e em seguida, com Husserl; e na França, com Bergson, que rompeu com os vínculos do materialismo evolucionista do século XIX.

ABBAGNANO (1970, v. XIV, p. 180 -181) ensina que:

os precedentes históricos próximos do existencialismo são a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Kierkegaard. Da fenomenologia de Husserl ele aproveitou a *ontologia*, ou seja, a concepção de um ser (mundo) que se revela melhor ou pior ao homem segundo estruturas que constituem os modos de ser do próprio homem. E da filosofia de Kierkegaard aproveitou a categoria fundamental de que se serve na análise da existência, isto é, a da *possibilidade*, entendida no seu caráter ameaçador devido ao fato de tornar problemática a relação do homem com o mundo e de excluir de tal relação a garantia de um sucesso infalível.

Mais recentemente, a sistematização do Existencialismo é lançada por Martin Heidegger, que seguiu suas coordenadas em sua obra *O Ser e o Tempo*. Em relação a esses pensadores, João RIBEIRO JÚNIOR (2003, p. 45), em seu livro *Introdução ao Existencialismo*, fala-nos que:

Se compararmos Husserl com Heidegger veremos que a formação de Husserl vem da Matemática e que ele não se importou muito com a História (mesmo com a História da Filosofia), enquanto Heidegger, em o *O Ser e O Tempo*, mostra uma cultura histórica. Husserl é um racionalista puro, que concebe a filosofia como ciência rigorosa; Heidegger é um filósofo preocupado com os problemas da existência humana.

Hoje, contudo, essa corrente filosófica está associada ao pensador do século XX, Jean-Paul Sartre. O nome em si, desta corrente filosófica, foi dado por Sartre, embora a expressão 'existência filosófica' tivesse sido usada inicialmente por Karl Jaspers, que pertencia à mesma linha de pensamento. Os existencialistas diferiam amplamente entre eles em muitos pontos filosóficos básicos, mas compartilhavam uma preocupação com a liberdade humana e a responsabilidade pessoal, e insistiram na importância da necessidade individual para fazer escolhas.

A França foi o centro do existencialismo político e este foi moldado pelas experiências e emoções da Resistência Francesa, refúgio dos maiores pensadores franceses.

Sartre e outros filósofos já eram socialistas. Albert Camus e Sartre, ambos integrantes da Resistência Francesa, eram reconhecidos como existencialistas influentes. Usaram sua fama de escritores de ficção para promover suas idéias.

Influenciado pela escola fenomenológica de Husserl e Heidegger, Jean-Paul Sartre, defendeu um Existencialismo ateu e um sujeito absolutamente livre, antes de tudo. Para este pensador, a hipótese “Deus” corre o risco de limitar a liberdade e, assim, a responsabilidade do homem. Sartre preocupa-se em descrever o que pode ser descrito no nível de uma experiência direta do indivíduo por ele próprio; para isso, opta pelo método fenomenológico de Husserl, pois este método situa-se no plano das certezas imediatas da consciência, isto é, da luta do ser humano para construir sua liberdade.

Para ele, só existe autenticamente aquele que se escolhe livremente, que se faz a si mesmo, que é a sua própria obra. Para existir, necessário se faz escolher o que se quer ser.

O homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro. Um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente. [...] O homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser. [...] Cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. [...] O homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos (SARTRE, 1987, p. 6-14).

Por esta razão, somente em relação ao ser humano a existência precede a essência, porque somente o homem é livre, tem poder para fazer escolhas. Tendo optado, sabe-se o que ele escolheu, ou seja, o que a sua escolha resultou para ele, a sua essência. “Posso sempre escolher, mas devo saber que, se eu não escolher, escolho ainda” (ibid., p. 15). E ainda por meio da escolha o indivíduo está condenado a ser livre, “o homem é livre, o homem é liberdade” (ibid., p. 9).

Portanto, Sartre instaura uma ruptura com o pensamento filosófico tradicional, que era voltado para as idéias abstratas. Interessa-se pelas situações concretas do ser humano na sua vida cotidiana e pelos seus estados afetivos, como a solidão, a angústia, o desespero, a náusea. Seu Existencialismo aponta diretamente para o abismo que existe entre a verdade abstrata e a realidade existencial do homem. Segundo ele, o universo todo e o ser humano no universo constituem um absurdo realizado, uma realidade que está aí sem razão, sem ter essência alguma, sem por que nem para quê. É o existencialismo do absurdo, pensamento este também defendido por Albert Camus, para quem a história e a existência humana carecem de significação e de propósito, mas que se enfrenta com o problema de ter que atuar neste mundo absurdo. Camus foi o expoente mais significativo do Existencialismo literário, cujas parábolas mostram o indivíduo colocado em face de seu destino.

Já em Gabriel Marcel temos o inverso desse pensamento. Apresenta um existencialismo francamente cristão, para quem o 'eu' se identifica com a atividade moral, isto é, com aquela atividade por meio da qual ele procura realizar o seu ser ideal. Para este filósofo, a existência humana inclui a existência do *outro* ou da realidade concreta exterior. O homem não pode pensar sem pensar o *outro*, sob pena de anular o pensamento. Assim, duvidar do *outro* é duvidar da existência do outro.

Nessa linha de pensamento, temos a obra de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que, por meio da análise de resultados das investigações da psicologia experimental, evitando a negação da possibilidade da existência e da sua liberdade finita, preocupa-se com a relação entre o homem (consciência) e o mundo (natureza), contribuindo, ainda, com a introdução da lingüística na filosofia, por meio da linguagem tomada de presença corporal.

Nesse contexto, outra figura desponta, trazendo consigo a preocupação com a natureza humana:

a existência do homem, a experiência da vida como existência pessoal é a intuição fundamental de Emmanuel Mounier.[...] é uma filosofia da pessoa, se não se acrescentasse imediatamente que a referência é ao modo muito particular e à importância central que a existência pessoal ocupa num pensamento dado e às demais conseqüências que, a partir do centro significante, conferem ao todo um profundo sentido filosófico. (SEVERINO, 2001, p. 30).

Além desses pensadores citados, outros que colaboraram para modelar o ponto de vista existencialista foram Friederich Nietzsche, Simone de Beauvoir, Jean Hippolyte dentre outros. Kierkegaard é o expoente do existencialismo religioso, numa abordagem muito pessoal da religião que enfatiza fé e compromisso e tende a minimizar a teologia e o lugar da razão na religião. Kierkegaard atacou os teólogos de sua época por tentarem indicar que o cristianismo foi uma religião totalmente racional, sustentando, em troca, que a fé é importante exatamente porque é irracional, e até mesmo absurda. O importante, argumentou, não é a questão objetiva de se Deus de fato existe, mas a verdade subjetiva de um compromisso próprio diante de uma incerteza objetiva. Embora a obra de Kierkegaard tenha inspirado uma influente escola de existencialistas religiosos do século XX (incluindo Paul Tillich, Martin Buber, Karl Barth e Gabriel Marcel), a postura existencialista é talvez mais frequentemente associada a pensadores ateus, para quem a crença religiosa parecia um ato de covardia ou como chama Camus, um “suicídio filosófico”.

Para que se possa elucidar essa trama de tendências e pensadores, recorremos a Emmanuel Mounier que, em seu livro *Introdução aos Existencialismos*, apresenta uma classificação dos filósofos existencialistas, recorrendo à metáfora de uma árvore.

Na raiz da árvore estão: Sócrates, filósofo da antiga Grécia, fazendo apelo ao “conhece-te a ti mesmo”; os estóicos gregos e romanos, enaltecendo o domínio humano de si

próprio, face às adversidades da vida e do destino; Santo Agostinho e São Bernardo, propondo um cristianismo vivido e que leve o ser humano à sua conversão religiosa, face às sistematizações teóricas da religião vigentes em sua época.

No tronco da árvore estão os filósofos franceses: Pascal, lembrando que o desenvolvimento dado às ciências naturais havia feito esquecer o homem diante da vida e da morte; Maine de Biran, mostrando que é preciso compreender o indivíduo enquanto uma unidade corpo-alma. Está ainda o filósofo dinamarquês Kierkegaard, considerado pelos historiadores como o pai da filosofia existencialista moderna, mostrando como a razão é impotente para, sozinha, justificar o sentido da existência humana; ela necessita de Deus que vem em auxílio do sujeito que se encontra no abandono injustificado. Encontra-se ainda, neste tronco, a fenomenologia que, desde o seu fundador, o alemão Edmund Husserl, toma como objetivo principal da filosofia o projeto de constituição da ciência do vivido. Esse projeto difere das ciências positivas no estudo do homem, pois nestas, o indivíduo é apenas considerado no seu aspecto factual e objetivo. A ciência do vivido deve abordar o vivido nele mesmo, isto é, enquanto consciência, subjetividade, corporeidade, historicidade, liberdade.

Do tronco da árvore separam-se dois ramos principais e divergentes: um que se desenvolve com os autores de inspiração religiosa, influenciados, direta ou indiretamente, pela fenomenologia existencial. Dentre esses autores citamos: Max Scheller, Karl Jasper, Paul-Louis Landsberg, Nicolas Berdiaeff, Gabriel Marcel e o próprio Mounier. O outro galho se desenvolve com os autores que se afastam explicitamente das inspirações religiosas: Jean Paul Sartre, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, Maurice Merleau-Ponty, Jean Hippolyte, Simone de Beauvoir e Albert Camus.

Existem alguns traços comuns em todos esses autores, para que possamos agrupá-los sob a denominação de existencialistas. Todos concordam que a filosofia da existência seja a

negação da filosofia concebida como sistema da existência, no que esta possui de mais fundamental e concreto, os momentos vividos.

Todos concordam, também, que o fato de existir não pode ser conhecido nele mesmo, como um dado objetivo da ciência: o caráter essencial da existência é a subjetividade. Assim, não se pode definir ou conceituar a subjetividade, como faz a ciência natural. Só se pode descrevê-la, apreendê-la e compreendê-la sob a forma de uma história pessoal, dirá Kierkegaard, ou sob a forma da temporalidade, dirá Heidegger.

O existencialismo do século XX é amplamente definido, mais em sua forma do que em sua expressão, por um movimento conhecido como fenomenologia, originado por Edmund Husserl e perseguido no domínio existencial por seu aluno Martin Heidegger. Muito da própria filosofia de Husserl esteve restrita a questões abstratas e impessoais, na teoria do conhecimento e princípios da matemática. Seu método era encontrar e examinar as estruturas fundamentais da experiência, com o intuito de estabelecer verdades universais para a consciência básica. Heidegger tomou emprestado o método fenomenológico e aplicou-o a problemas pessoais, ou seja, questões como os seres humanos deveriam viver, o que eles são e o sentido da vida e da morte, sua radical finitude. A fenomenologia, para Heidegger, torna-se um método para descobrir o seu ser, um caminho para enxergar o que é indispensável para si mesmo. Em sua visão, não há separação entre mente e corpo, não há consciência separada do mundo. Encontra a si mesmo no mundo 'desamparado'. O problema é desvendar o que fazer consigo mesmo.

Seguindo Husserl e Heidegger, Sartre utilizou o método fenomenológico para defender sua tese central, na qual os seres humanos são essencialmente livres, livres para escolher, mas não-livres para não escolher, e livres para negar as características dadas pelo mundo, sendo a liberdade a fonte da sua tragédia. Seu contemporâneo Albert Camus tomou de

Heidegger a idéia de ser abandonado no mundo e dividiu com Sartre a idéia de que o mundo não dá sentido aos indivíduos. Camus conclui que o mundo é 'absurdo', um termo que foi utilizado para representar todo pensamento existencialista. Sartre manifesta uma renovada confiança no significado do ser humano e na importância da liberdade e da responsabilidade que continuam a representar um ingrediente essencial no seu pensamento filosófico.

Esta corrente existencialista, seja estilo de vida, idéias, formas de comportamento e de ser, de sentir a vida, quando irradiou pelo mundo, chegou também ao sul do Equador. No Brasil, em inícios dos anos cinquenta, tal movimento tornou-se tão fascinante e popular a ponto de ter inspirado marchinhas carnavalescas como a clássica *Chiquita Bacana* que era da Martinica, vestia-se com uma casca de banana e amava a liberdade acima de tudo, como era próprio da forma existencialista de conduzir a vida. A intenção era satirizar acontecimentos da realidade, fez enorme sucesso, pois uma:

[...] existencialista, com toda razão
só faz o que manda
o seu coração.

(João de Barro e Alberto Ribeiro)

Na verdade, a idéia popularmente divulgada do existencialista era distorcida, tinha uma conotação de ironia e humor, contestados que eram pelo espírito de seriedade dos burgueses. Tudo que se desviasse do procedimento usual, das regras estabelecidas, do equilíbrio entre o certo e o errado, era considerado existencialista.

No Brasil, já na década de 60, desponta um movimento chamado tropicalismo, espécie de existencialismo à brasileira, do qual Caetano Veloso e Gilberto Gil, dentre outros, foram notáveis expressões.

Sem lenço, sem documento,
nada no bolso ou nas mãos,
eu quero seguir vivendo, amor!
Eu vou!
Por que não?
Por que não?

(Caetano Veloso, *Alegria, alegria*)

[...] meu caminho pelo mundo
eu mesmo traço [...]

(Gilberto Gil, *Aquele abraço*)

Damo-nos conta de que há um *nada* em nosso interior. Esse *nada* é o futuro. O futuro aparece como uma série de ações possíveis em que um ‘eu’ deve decidir, com autonomia, por suas escolhas. O nosso passado é *nada*, não temos lenço, nem documento, nosso destino é desconhecido, mas eu mesmo traço.

Mas foi sobretudo na literatura que o movimento ganhou maior expressão, estabelecendo e difundindo num maior público os principais valores do existencialismo. Assimilou, evidentemente, influências dos pensadores europeus, conforme informa e esclarece Antônio Joaquim SEVERINO (2001, p. 131) em “*A filosofia contemporânea no Brasil*”:

O existencialismo na filosofia brasileira faz-se presente fundamentalmente pela grande influência de Heidegger [...] Cabe observar, entretanto, que, excetuado o caso de Heidegger, pensamento com certa elaboração técnica, o pensamento existencialista de origem francesa é muito presente na cultura brasileira como postura diante do mundo, como uma atitude existencial. Bastante divulgado entre os estudantes universitários e intelectuais, sobretudo nas décadas de 50 e 60, bastante lido numa abordagem mais literária do que técnico-filosófica, sua assimilação e vivenciação devem-se mais a uma sensibilidade de natureza emocional do que propriamente reflexiva e crítica.

Em Santa Catarina, no movimento renovador do Círculo de Arte Moderna ou Grupo Sul, nas décadas de 40 e 50, Sartre foi muito apreciado e inclusive representado e o

Existencialismo marcou fortemente alguns escritores, como Silveira de Souza e Salim Miguel. Também Miro Morais, que participou do Grupo Sul, mas tornou-se escritor mais tarde, revela marcante influência das idéias existencialistas.

Na sua obra literária *A coroa no reino das possibilidades* revela um meio de atuar mais eficazmente sobre as pessoas através da exploração imaginativa de idéias que, defrontadas com as próprias experiências vividas por nós, leitores, levam-nos à reflexão sobre o significado do mundo e o lugar do homem neste mundo, remete-nos ao vó da existência humana, seus rumos, seus destinos, suas possibilidades. É a angústia diante da imprescindível escolha.

Vivemos a vacilação da puberdade. Estamos cheios de tédio diante das indefinições dos dias futuros. O saldo das experiências vividas apenas nos desperta a necessidade de ordenarmos racionalmente nossos esforços. Contudo não sabemos a direção a tomar. Enquanto isso, vivemos o grande momento de caos, o desespero que precede um vago encontro aflitadamente desejado. Vivemos o desconforto de termos que proceder a grande mudança, sem que nos tenham dado endereço certo.

Sabemos, contudo, algo importante: o que acontecer já não poderá ser em conluio com o passado. Este será apenas referência. Não uma repetição de princípio. Não podemos ser simplesmente sucessivos. Quando o homem atinge a consciência de si, o primeiro passo para o grande vó a que se sente impelido, começa no momento em que rompe com seu ninho. O seu compromisso é saltar em direção ao seu destino, vestir as pesadas asas que o conduzirão lentamente em direção à sua vontade. Já iniciamos esse despertar da razão, essa evasão do império dos mortos. Falta-nos agora permitir que nossas asas cresçam e escolher os rumos (MORAIS, 1981, p. 19-20).

A literatura, aliada à filosofia, multiplica a força convincente de teses filosóficas, porém dota-as de uma forma sedutora, imaginativa e principalmente participativa, no caso dos existencialistas. De passagem, lembremo-nos, na Literatura Portuguesa, o caso de Vergílio Ferreira como nos romances *Aparição*, *Para Sempre* e outros, obras em que percebemos evidente a inclinação para os problemas de ordem existencial e filosófica.

Em romances, contos e peças, escritores atingem um número superior de pessoas, despertam sensibilidade e reflexão diante do seu existir e o existir do outro. Henri PEYRI

(1975, p. 202) acredita que “[...] escrever é outra maneira de querer liberdade [...]”, enquanto Camus profetiza: “Se você quer ser filósofo, escreva romances”.

O certo é que, entre filosofia e literatura, todas as figuras de uma pluralidade de relações podem ocorrer e não se poderia eliminá-las sem pena ou perda, pois sempre se poderá extrair o filosófico do literário ou apontar as condições discursivas do enunciado filosófico e mostrar que ali há uma poética.

3.3 TERCEIRO LANCE: TEMAS COMUNS, PLURAIS POSIÇÕES

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.

Merleau-Ponty

O movimento existencialista foi considerado multiforme, pois agregou pensadores tão importantes e diversos como Husserl, Jaspers, Marcel, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Albert Camus, ainda que a maior parte deles sempre tenha negado pertencer a tal corrente. Portanto, não há um Existencialismo, mas vários. Não há propriamente o Existencialismo, como se fosse uma escola filosófica definida. É mais correto falarmos em “clima existencialista”, já que cada pensador dessa corrente tem uma abordagem muito própria, original. Entretanto, para além dessas diferenças, é em certas maneiras de abordar os problemas que residem a força e a unidade deste pensamento filosófico.

Devido à diversidade de posições associadas aos seus pensadores, o termo *existencialismo* é impossível de ser definido com precisão. Certos temas comuns, no entanto, podem ser identificados, pois há um núcleo de preocupações comuns à maioria dos existencialistas. A denominação desta corrente, por si só, sugere o tema principal: a angústia

na existência individual e, conseqüentemente, na subjetividade, liberdade individual e escolha.

Existencialismo tem uma pluralidade de sentidos vagos e difusos, devido ao uso abusivo que se tem feito dele. Assim, podemos falar de uma literatura existencialista ou de uma atitude existencialista ante a vida; com o tempo, podemos convertê-lo em moda, onde há, primeiramente, o anticonvencional e certa forma de vestirmos que contraria as normas padrões da sociedade, o que, talvez, tenha ocorrido com o tropicalismo de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Movimento pouco sistemático e muito heterogêneo, os existencialistas respiram uma atmosfera comum de desgosto e desassossego. Sentem-se impelidos num mundo que já não oferece segurança, só catástrofes.

Nesse pessimismo comum, não é tarefa fácil determinarmos que autores podem ser incluídos neste movimento. Segundo Nicola ABBAGNANO(1970, p. 284), um existencialista italiano, podemos distinguir três formas de existencialismo:

1. um existencialismo de traço pessimista – cujos máximos expoentes são Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jasper (1883-1969) e Jean-Paul Sartre (1905- 1980).
2. um existencialismo otimista e teológico – que está representado por L. Lavelle (1951), Gabriel Marcel (1973) e Renato Le Senne (1954).
3. um existencialismo não direcionado a nenhuma das posturas anteriores- que está sustentado pelo próprio Abbagnano, e por M. Merleau-Ponty, Albert Camus, E. Paci e no pensamento mais recente de Sartre.

Na dificuldade de uma classificação inerente ao existencialismo como movimento filosófico, melhor será que destaquemos alguns temas ou atitudes que foram mais ou menos comuns a todos.

O ponto de vista básico existencialista é de que **a existência precede a essência**. Conforme mencionamos anteriormente, as noções de *essência* e *existência* contrapõem-se,

pois, por essência de uma coisa, entende-se que é aquilo que essa coisa é e sua finalidade. A essência não implica obrigatoriamente a existência concreta do objeto, posso pensá-lo, idealizá-lo, arquitetá-lo, ou seja, o objeto tem possibilidade de existir. Já a existência tem algo de concreto. No ser humano, a existência precede a essência, pois ele será aquilo que fizer de sua vida, não havendo nada, além dele mesmo, de sua vontade, que determine seu destino. O indivíduo é um sujeito consciente, ao invés de uma coisa a ser pronunciada ou manipulada. Ele existe como um ser que tem consciência e não em acordo com nenhuma definição, essência, generalização ou sistema. O existencialismo diz que o homem não é nada mais que sua existência consciente. O indivíduo não foi planejado por alguém para uma finalidade. Isto se faz em sua própria existência. No começo, não é nada, apenas uma ‘possibilidade de ser’. A partir dessa pura existência, o homem se faz a si mesmo e cria a sua essência. Isso explica o princípio sartriano de que ‘a existência precede a essência’.

Somos responsáveis pelo mundo, porque o elegemos. O homem é o único legislador de sua vida, e a única lei de sua existência diz apenas: “escolhe-te a ti mesmo”. Ou então, como prefere Jules Lequier (1814-1862): “Fazer e, ao fazer, fazer-se”. A cada momento o homem deve escolher o seu Ser, lançando-se continuamente a seus possíveis e constituindo pouco a pouco a sua essência, através dessas escolhas, contando, para agir, somente com a voz da sua consciência. Assim, o homem, que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele faz em fase de cada situação concreta. Em nenhum momento da vida de um homem se pode afirmar que ele é isso ou aquilo, de uma vez para sempre. Como o homem inventa perpetuamente o seu Ser, sua definição jamais se completa em vida, e se conserva sempre em aberto até sua morte (PERDIGÃO, 1995, p. 90 – 91).

Dessa forma, importante para essa corrente de pensamento é a preocupação com a **liberdade**, já que somente no ser humano ela é possível; ao contrário dos outros seres, o homem não é determinado.

No existencialismo de Jean-Paul Sartre este é o tema que mais mereceu atenção e reflexão, aplicado significativamente na vida toda do indivíduo. Este existir, escolhido e

criado, é construído através da liberdade. Está nas mãos de cada um, este é seu privilégio. É nesse processo de livre escolha, a cada dia, de nossa essência, que constituímos a existência humana. E não só a nossa própria vida, mas de toda humanidade, pois, com nossa vida, estamos construindo nossa essência humana: “Queremos a liberdade pela liberdade através de cada circunstância em particular. E, ao quisermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros e que a liberdade dos outros depende da nossa”, reconhece Jean-Paul SARTRE (1987, p.19).

O homem é um ser que não pode querer senão a sua liberdade e que reconhece também que não pode querer senão a liberdade dos outros. Daí que ninguém é livre sozinho.

O indivíduo é livre. Constrói-se tudo até mesmo os nossos valores, regras e imposições.

Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas [...] o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo quanto fizer (SARTRE, 1987, p. 9).

Portanto, a **escolha** figura como um dos fundamentais temas do existencialismo, pois a principal distinção da humanidade, é a liberdade de escolha. Os pensadores têm afirmado que os seres humanos não têm uma natureza ou essência fixa, como os outros animais e plantas. Cada ser humano toma decisões que criam a sua própria natureza. Escolher é o centro da existência humana e é inevitável. Até a recusa da escolha é uma escolha. A liberdade de escolha acarreta o compromisso e a responsabilidade. Porque as pessoas são livres para escolher seus próprios caminhos, os existencialistas têm argumentado que elas precisam aceitar o risco e a responsabilidade de seguir seu compromisso, para onde quer que ele leve.

O indivíduo busca um propósito para sua existência e permanece sob o total domínio dos sentidos, dos sentimentos. Convicto de que é inteiramente livre, vive ao sabor dos

impulsos, procurando desfrutar cada instante da vida, entregando-se a todos os prazeres e sensações, visto que percebe que tudo é fugaz, passageiro, que as emoções vividas jamais se repetirão. Vive sob o signo da escolha, conceito que ocupará, conforme anunciamos anteriormente, lugar de destaque na doutrina existencialista, em especial na corrente sartriana.

Conseqüentemente, a total liberdade de optar, de fazer escolhas em que o indivíduo se confronta a cada momento, leva-o à **angústia**, sentimento de aflição, uma generalizada inquietação, medo ou pavor. Os existencialistas foram particularmente sensíveis à questão da angústia humana. Destacam que ficamos aflitos quando aceitamos o fato de que pertence a cada um a liberdade de construir sua própria essência. Toda responsabilidade será minha pelo êxito ou pelo fracasso dessa construção.

Em relação a esse tema, Kierkegaard afirmou que é espiritualmente crucial reconhecer que cada um experimenta não apenas o medo de objetos específicos, mas também de um sentimento de apreensão, o que ele chama de horror. Ele interpretou isso como uma maneira que Deus encontrou de chamar cada indivíduo para marcar um compromisso com um modo de vida pessoal. O tema angústia ressurge num papel importante no trabalho do filósofo alemão do século XX, Heidegger. Para ele, a angústia leva ao confronto do indivíduo com o nada e com a impossibilidade de encontrar justificativas para as escolhas que ele deve fazer. Brota do nada e é o medo do vazio da existência humana. Na filosofia de Sartre, a palavra náusea é usada para o indivíduo reconhecer a gratuidade das coisas, a falta de propósito e finalidade do mundo e dos homens. Também é usada para o reconhecimento da total liberdade de optar, de fazer escolhas que confronta o indivíduo a cada momento.

Todo esse processo de liberdade e escolhas leva o sujeito ao **individualismo**. Já no século XIX, o dinamarquês Kierkegaard, que foi o primeiro pensador a se chamar existencial, insistia que o mais alto bem para o indivíduo é achar a sua própria vocação. Têm-se defendido

e repetido a tese de Kierkegaard, que diz que cada um precisa escolher o seu próprio caminho, sem o auxílio de padrões universais. Contra a visão tradicional de que a escolha envolve um julgamento objetivo do certo e errado, os existencialistas têm argumentado que nenhuma base racional ou objetiva pode ser encontrada nas decisões morais.

No século XX, Sartre propôs e defendeu a soberania da **subjetividade**, que permite ao ser humano escolher a cada passo o seu caminho. Este pensador, como os demais existencialistas têm seguido Kierkegaard ao enfatizar a importância da ação individual em decidir questões de moralidade e verdade. Eles têm insistido, conseqüentemente, que a experiência individual e a ação de acordo com as suas próprias convicções são essenciais para se chegar à verdade. Essa ênfase na perspectiva do indivíduo também tem feito com que os existencialistas suspeitem do raciocínio sistemático. Eles têm afirmado que a clareza racional é desejável onde quer que seja, mas a mais importante questão na vida não é acessível à razão ou à ciência.

Sendo assim, há o culto ao subjetivismo, ou seja, da liberdade individual como alicerce central do projeto humano. Em síntese, defendem que só podemos nos apropriar da realidade subjetivamente.

Outro tema que permeia o pensamento existencialista é a **não-existência** ou o **vazio**. Se nenhuma essência me define e se, como um existencialista, rejeito todas as filosofias, ciências, teorias políticas e religiões que fracassam em refletir minha existência como ser consciente e empenhado em impingir uma estrutura essencialista específica sobre mim e meu mundo, então não há nada que estruture meu mundo. Sem estrutura do conhecimento, valor moral e relação humana, eu me encontro na angústia, à beira do abismo, no vazio.

Relacionado com o tema da não-existência está o tema existencialista da **morte**. A morte é a limitação máxima da existência, é a demonstração da radical finitude humana e

conduz ao nada final. O sujeito inconsciente tenta viver como se a morte não fosse atual, tentando escapar à sua realidade. Mas Heidegger diz que nós somos seres para a morte e que ela é nosso mais autêntico e significativo momento, minha potencialidade pessoal, na qual eu sozinho devo padecer. O existencialista francês Jean-Paul Sartre diz que a morte é a total não-existência. A morte é tão absurda como o nascimento, não é o momento final e autêntico da vida, não é nada mais que o aniquilamento de minha existência como ser consciente. Não é o que confere significado à vida, e sim, o acontecimento que lhe retira qualquer sentido.

Enquanto estamos vivos, decidimos o que somos, damos um sentido ao nosso passado e aos nossos projetos. Mortos, como que ficamos à disposição dos outros, reduzidos à condição de puro passado, coisa dada e acabada. Nossos atos ficam para trás, petrificados, fixados em destino irremediável, para que deles o juízo alheio faça o que bem entender. A morte representa a vitória do ponto-de-vista do Outro sobre mim. Nossa subjetividade exterioriza-se, torna-se pura 'objetividade' para o Outro. Uma vida morta é uma vida da qual o Outro se faz guardião.[...] Com a morte, alcançamos enfim a nossa unicidade de pessoa, totalizamo-nos como ser individualizado, porque a morte é a única coisa que ninguém pode fazer por mim (PERDIGÃO, 1995, p. 100-101).

A morte é apenas outra testemunha do **absurdo** da existência humana, sendo este outro relevante tema da doutrina existencialista. O existencialista diz: eu sou minha própria existência, mas essa existência é absurda. Qual é o sentido de existir? Existir como um ser humano é inexplicável, e totalmente absurdo. O mundo, como nós o conhecemos, é irracional e absurdo, ou pelo menos está além de nossa total compreensão. Cada um de nós apenas está aqui, lançado nesse tempo e espaço – mas por que agora? Por que aqui? Kierkegaard perguntou. Por nenhuma razão, sem uma conexão necessária, apenas contingencialmente. Então minha vida é um fato contingente absurdo.

E sendo o espírito finito, vive na **alienação** de sua consciência verdadeira, de sua própria liberdade. Há também a alienação que existe na sociedade: a individual dos seres humanos que perseguem seus próprios desejos na separação dos verdadeiros trabalhos

institucionais de sua sociedade, onde são controlados pela astúcia da razão. Há também a alienação que se desenvolve na sociedade civil entre a pequena classe rica e o crescente descontentamento de uma grande classe de trabalhadores empobrecidos. A mais profunda de todas alienações, no pensamento de Hegel, é a alienação ou separação entre minha consciência e seus objetivos, na qual eu estou ciente do objetivo e procuro, numa variedade de caminhos, superá-la. Nós somos confinados por um mundo de coisas que são obscuras a nós e as quais não podemos compreender. A própria ciência nos alienou da natureza, pelo extravasamento da alta especialização e conceitos matematizados, leis, teorias, e tecnologias que são ininteligíveis ao não-especialista e ao leigo. Esses produtos da ciência agora se posicionam entre nós e a natureza.

Esses são alguns dos perturbadores e provocativos temas que podem ser encontrados no existencialismo contemporâneo. Se essa é de fato a condição humana, se esse é um retrato real do mundo no qual o sujeito humano absurdamente se encontra, como é possível viver nele? Não há saída para a ansiedade e o desespero? Esse nada é absurdo? Há algum existencialista que possa nos dizer como viver em tal mundo absurdo e sem esperança? Há uma ética existencialista, uma moral filosófica para nos dizer o que é bom, o que pode ser dito como certo ou errado nesse mundo sem sentido?

Os indivíduos estão inseridos na existência por apenas um curto tempo. Por ser limitado, o tempo exige que decisões sejam feitas. As pessoas são livres para fazê-las. Mas os fatos mesmos são uma questão de escolha. Os indivíduos escolhem os critérios pelos quais eles decidem o rumo de suas vidas ou empreendimentos particulares. As flores, os animais, as pedras, tudo existe. Mas as pessoas existem de uma forma diferente. Os indivíduos são únicos, capazes de pensar sobre si mesmos, sobre o mundo no qual eles se encontram e de

fazer escolhas. Eles podem escolher, porque são livres, e as opções feitas estabelecem o futuro no qual eles se projetam.

Outros temas pertencentes ao contexto existencialista ainda poderiam ser abordados, tais como a **solidão**, a **mística da derrota**, o **individualismo exagerado**, o **isolamento**, o **trágico**, o **destino**, a **má-fé**, o **pessimismo**, a **degradação**, dentre outros. No entanto, esses conceitos não são tomados como universais dentro das obras existencialistas, apenas um ou outro autor os considerava como relevantes dentro dessa corrente de pensamento.

Apesar das divergências que os separam entre as diversas facetas existencialistas, o ideal continua a vigorar, o ideal de procurar compreender antes de tudo o ser que somos nós.

3.4 UM LANCE À FRENTE: É POSSÍVEL PRECISAR O EXISTENCIALISMO?

Não escolhemos existir, mas, uma vez lançados no mundo ao nascer, somos responsáveis por tudo o que fazemos. A liberdade é uma espécie de matéria-prima da existência e, assim, um dos ingredientes de nosso mal-estar para com o mundo.

Hélio Schwartzman

O existencialismo foi e é uma experiência original. Um pensamento diverso, polêmico que, diante do idealismo, do racionalismo em geral e das várias formas do irracionalismo, converteu a essência da fenomenologia husserliana em existência.

Será simultaneamente a expressão da vida e o meio de que nos servimos para vivê-la, de forma que não pode ser apenas um sistema objetivo olhado de fora, mas uma realidade viva e pessoal, uma realidade que aprecia no seu justo valor os homens: virtuosos ou canalhas, covardes ou heróis, porque é desses elementos que é constituído o ápice de nossa realidade existencial, considerada em sua totalidade e em sua gravidade.

O pensamento existencialista não contém outra coisa, não é outra coisa, senão o estudo profundo, impiedoso e até cruel, das diversas formas da luta do indivíduo consigo próprio para a conquista da existência, que é o ato de conquistar o próprio “eu” em busca da sua individualidade e liberdade.

A grande contribuição do *Existencialismo* consiste em dar relevância ao problema central do homem, qual seja, pôr em realce o ser, reivindicando para si a autonomia dos seus atos. Não é por menos que um dos trabalhos de Sartre se intitula *O existencialismo é um humanismo*, pois é a filosofia capaz de tornar a vida humana digna de ser vivida.

Após caminharmos e saltarmos de pedra em pedra pelo universo do *Existencialismo*, podemos agora, divisar com mais clareza, essa corrente de pensamento na literatura de Miro Morais e mais precisamente na sua primeira obra, *A coroa no reino das possibilidades*.

É o nosso próximo lance.

4 ARREMESSO DAS PRIMEIRAS PEÇAS

Das qualidades necessárias ao jogo de xadrez,
duas essenciais: vista pronta e a paciência beneditina,
qualidades preciosas na vida que também é um
xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas,
outras perdidas, outras nulas.

Machado de Assis

4.1 POSSIBILIDADE DE LANCES

Estamos diante do grande tabuleiro e, apesar disso, não cremos que o mundo apresentado pelo escritor catarinense Miro Moraes, em sua primeira obra *A coroa no reino das possibilidades*, seja preto e branco; não nos dá a impressão de monotonia, pelo contrário, nos embriaga pela beleza das cores, nos oferece a multiplicidade de perspectivas e reflexões, um verdadeiro caleidoscópio de idéias. No entanto, há uma relação forte com o jogo de xadrez, no que diz respeito a imprevisibilidade de combinações, as inexauríveis possibilidades de movimentos, a compreensão do inter-relacionamento das peças e os procedimentos de olhar, avaliar a posição, refletir, tomar uma decisão, examinar as possíveis respostas, ponderar de novo e só então, efetuar o lance.

Desse modo, o autor nesta sua primeira obra, nos coloca, através de sua elaborada e reflexiva literatura, frente a um grande tabuleiro, como antecipa o próprio título da obra: *A coroa no reino das possibilidades*. Este, por si só, é um enigma a ser decifrado e antecipa a idéia de uma narrativa bastante complexa. Tal como num jogo de xadrez, o narrador-personagem move suas peças, estuda as várias possibilidades e, refletindo, deseja ver coroado de êxito cada lance.

Sua narrativa, já de início, é um desafio. Uma das primeiras evidências na obra é a inter-relação entre o literário e o filosófico. Quanto ao aspecto literário, Miro Moraes não

acentuou apenas o tratamento artístico da linguagem, mas também o plano da invenção ficcional. Contraria o modelo estabelecido tradicionalmente: o texto é articulado em 20 capítulos-contos, numa estrutura fragmentada, em que os acontecimentos, entrelaçados ou não, constituem a trajetória de reconstrução de mundo do narrador-personagem. A continuidade dos acontecimentos não segue o ritmo temporal, o modo como o autor encadeia as ações é que dá seqüência e significação aos fatos. Estas pequenas histórias interligam-se também pelo fio condutor dos questionamentos do narrador-personagem e pelo espaço em que ocorrem as ações, o que não impede que os textos possam ser lidos e compreendidos independentemente uns dos outros. Se há questionamentos, reflexões de e sobre temas que, pertinentes ao ser humano, transcendem os limites do indivíduo, eis o que configura o aspecto filosófico. Então, há o desdobramento do literário no filosófico.

Observa-se uma verdadeira contaminação desses dois aspectos, pois os limites se perdem por inteiro, o que amplia o espaço para questionar o homem e o seu estar no mundo. O autor apresenta uma série de reflexões a respeito do sentido da existência:

Por algum tempo, todos os mistérios se anulam. Nada é obscuro ao entendimento. O ritmo infalível continua, eu sei. Mas vida e morte não são dúvidas, nem angústias. São simplesmente espaços que se iluminam e escurecem, para tornar à luz logo a seguir. São simplesmente formas que se congregam e se consomem, para outra vez agirem, dentro de uma ordem indissolúvel. É este o verdadeiro arbítrio, a verdadeira liberdade de ser. [...] Essa verdade ressoa em mim e me integra ao imensurável. Seria estúpida a angústia diante dela, se existir não me tolhe nada. Antes, me dá o direito a assumir tamanhas dimensões (MORAIS, 1981, p. 108).

Desde o velho mundo grego e colocando-nos de um ponto de vista de um mundo que só sabe pensar o presente, postulou-se e ainda se postula uma certa unidade da literatura com a filosofia, ou talvez, a sua mistura, a sua interpenetração.

Tudo passa pela linguagem, instrumento certo e perturbador, comum aos dois segmentos. Mais que isso, a relação literatura/filosofia passa por um elemento vago e precioso

que autoriza todas as transitividades, a ultrapassagem de fronteiras, as idas e vindas. Mais importante do que saber onde se está é poder transitar, é a possibilidade de passagem. Por isso, entre emoções, reflexões e entendimentos, essas duas experiências de pensamento não cessam de se atrair, se afastar e se cruzar e, por vezes, se confundir, alimentando a tensão nunca resolvida entre pontos indissoluvelmente ligados na coexistência e no emaranhado do relacionamento que vincula literatura e filosofia.

É preciso lembrar aqui a formação acadêmica do escritor Miro Morais. Ao terminar de escrever *A coroa no reino das possibilidades*, contava com trinta anos aproximadamente e finalizava o curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. As idéias e os ideais de pensadores que na época mais se salientavam eram da vertente existencialista. Não podemos deixar de observar, em seus textos, a influência exercida pelas obras de Sartre ou pela literatura de Albert Camus.

Nos seus contos há a indefinição das fronteiras e de que, embora apresente transtextualidade entre a literatura e a filosofia, nem uma nem a outra deixa de ser ela mesma e ter sua elevada responsabilidade para com o leitor.

Notamos, no fragmento apresentado anteriormente, sua preocupação com temas como vida e morte, angústia, fragmentação da vida e seus acontecimentos e enfim, liberdade. Desde já, visualizamos a problemática existencialista, por apresentar um indivíduo desencantado e solitário, em busca de espaço para exercer sua liberdade e rever sua condição humana. Problemática esta instaurada também à página 19 da mesma obra: “Contudo não sabemos a direção a tomar. Enquanto isso, vivemos o grande momento de caos, o desespero que precede um vago encontro aflitadamente desejado. Vivemos o desconforto de termos que proceder a grande mudança, sem que nos tenham dado endereço certo.”

O pensamento existencialista insiste nas “situações-limite” e na conseqüente angústia. Isto se torna claro na literatura de Miro Morais. O compromisso de consciência do existencialista exige que este apresente, em cada obra, um problema filosófico ou moral. Trata-se, no geral, do desenvolvimento de uma “situação-limite”, que conduz ao absurdo, um absurdo interior, causa e não conseqüência da incomunicabilidade social.

Assim, *A coroa no reino das possibilidades* apresenta uma literatura voltada para as preocupações filosóficas, estruturadas lado a lado e em torno de acontecimentos vividos pelo narrador-personagem. As reflexões giram em torno da existência, ou seja, a maneira de ser peculiarmente pessoa humana. Em outros termos, o ser é existência, é o “eu”, o “ser-para-si”, isto é, o único ser que a possui. Se tem essência, ela é sua existência ou resulta de sua existência. O existir coincide, pois, com a temporalidade. O existencialismo é a análise ou descrição do próprio “eu” e de suas experiências mediatas e imediatas. Neste contexto, o ser humano cria-se livremente. Em suma, ele é a sua liberdade.

Assumirmo-nos integralmente, para não ficarmos, como estas velhas paredes, na dependência do que vem de fora para sermos. Quando tudo ao nosso redor se desfigura, quando tudo está em agonia e ainda nada se fez para reconstrução, ainda resta o mais importante, sob total deliberação nossa, para ser salvo ou perder-se - ainda resta o eu. [...] E para que o eu possa transcender a tudo e brotar suas raízes de dentro de si, a realidade metafísica do homem manifesta leis mais fortes que as heranças e condicionamentos temporais (MORAIS, 1981, p. 23).

É aí que o leitor precisa interagir, co-participar, atribuindo sentido a essas ações e reflexões. É o primeiro arremesso no tabuleiro, já que o desenvolvimento de uma partida de xadrez, se planejada e sensata, começa com o primeiro lance. Coincidentemente, também nesse jogo, cada jogador dispõe de vinte possibilidades para o lance de abertura. É preciso colocar antes de tudo os peões em marcha, a fim de desimpedir o caminho às outras peças.

E assim, passando de pedra em pedra, somos instigados sobre a tragédia de existir: “o aprender a existir, longe das profecias, dos catálogos...” (p.08) do mundo civilizado que nos massacra, em oposição a um mundo primitivo, onde há “impérios fundados na pureza, na liberdade e no amor” (p.90). Salim Miguel inicia o prefácio na segunda edição deste livro, falando justamente sobre isso:

A desintegração da personalidade humana e a tragédia do existir num mundo massificado e em decomposição; a conseqüente (ou inconseqüente) procura de novos valores numa outra sociedade (ou forma de vida) mais pura, primitiva e ou em formação – eis a raiz da experiência que, em termos de ficção, intenta realizar o escritor catarinense Miro Morais.

É o arremesso em direção ao isolamento, ao silêncio, à contemplação da natureza, à volta para dentro de si mesmo, o olhar sobre o comportamento humano. Enfim, o estudo de possibilidades em busca da conquista da liberdade. Se as possibilidades são vagas; as incertezas, vacilações e absurdos são muitos, e nós leitores nos sentimos igualmente balançados diante dessa ilusão que é o existir. E quanto mais lances praticarmos, mais indagações acerca da condição do ser e da vida nos sobrevêm.

4.2 O PRIMEIRO BOTE

Vivia-se preso por um embaçado pensamento, uma insinuação de dor, a meio passo da queda infinita. Não era exatamente o mofo em que se vivia que levava as pessoas a optarem pelo suicídio entre a leitura de um mau romance e um bocejo, mas a certeza de que todos os dias futuros seriam exatamente a continuidade de tudo aquilo. [...] Todas as incertezas e todas as submissões haviam consumido anos, momento a momento da minha vida. O sol nascia e se punha e eu continuava como um pequeno inseto dentro do bando (MORAIS, 1981, p.03 -04).

De início, é possível posicionar o protagonista no centro deslocado de um universo fragmentado e multifacetado a debater-se com opressões, repressões, modelos e ideologias; a

conflitar-se com o cotidiano e seus pequenos acontecimentos triviais, seu tédio, sua rotina massificante, sua opacidade, sua absurdidade. O dia-a-dia configura um tirano que exige incessantemente o ser humano por inteiro, enreda-o numa atitude avassaladora de sentidos e de planos.

Por tudo isso, o indivíduo não tem a capacidade cognitiva de apreender todos os sentidos dos horizontes que o rodeiam porque ele mesmo é uma constituição labiríntica contendo múltiplas entradas. Daí sentir-se perdido, tapeado, e por isso, perturbado, e também pelo fato de que cabe somente a ele tentar organizar o caos, como afirma Sartre: “[...] tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido sozinho, injustificável e sem desculpas” (SARTRE, 1997, p. 84).

Nestes tempos difíceis, quase todos nós somos colhidos nas malhas de algum conflito. A maioria dos que vivem nesta difícil civilização é vítima de embates.

Não importa o ponto de partida ou os caminhos que é preciso percorrer no sentido de desenredarmos nossos próprios conflitos. O que importa é o redescobrimto de cada indivíduo.

Em cada um, em cada mente, há fatores culturais desempenhando papéis fundamentais e influenciando significativamente nas relações do tripé: o eu, o outro, o mundo. Na realidade humana tal qual se apresenta nas sociedades existentes, nossas relações com o outro se baseiam no conflito.

A sociedade é feita de mudanças vertiginosas e de incertezas e o ser humano sofre com o conflito da constante readaptação e da ininterrupta necessidade de assumir e mudar de atitude, ou seja, tocado incessantemente por essas mudanças ele precisa continuamente administrar o tempo e rever sua posição, suas escolhas e concepções, o que supõe um

constante reajustamento e, daí, as crises existenciais/pessoais pela constatação de que para o homem pós-moderno resta apenas a noção de impotência diante da crise contemporânea.

O narrador-personagem de *A coroa no reino das possibilidades*, dada sua resolução de instalar-se no interior da Ilha, renegando todo o conforto e garantia da vida urbana, e sua tomada de decisão de cortar laços afetivos, entra em conflito do EU com o MUNDO exterior.

Suprimir o conflito é uma idéia utópica uma vez que, modernamente, a sociedade vive em um contínuo estado de desencontro. A crescente secularização da vida, o agravamento dos antagonismos sociais, o agudo espírito de competição a extrema heterogeneidade, o profundo choque de interesses formam um contexto em que a idéia de sociedade adquire um perfil difuso e impreciso. A vida decorre pelos extremos e, se de um lado avulta a noção de globalização, de fim de fronteiras, de outro, constata-se que cada um constrói para si uma muralha invisível, mas que não impede que se perceba o quão rígidos são os limites espaciais que cada indivíduo define para si em relação aos outros.

A partir daí, é como se o protagonista precisasse reaprender a viver. A ser auto-suficiente em suas necessidades e, por fim, ter sua independência e liberdade. Miro Morais manifesta esse seu destino, conforme citado anteriormente: “o aprender a existir, longe das profecias, dos catálogos [...]” (p. 08).

Temos aí o primeiro movimento do narrador-personagem em direção ao isolamento, numa fuga desesperada do mundo mecanizado, corrido, opressivo da grande cidade onde reina o mofo, a monotonia do dia-a-dia e nenhuma perspectiva disso tudo mudar. Imerso na multidão, o indivíduo não é mais que um elemento indistinto de uma massa, não pode cultivar um sentimento de pertencimento. Vive sozinho, exilado e errante no mundo em meio à multidão que não lhe é nada. Como um deslocado que sofre o silêncio de todas as coisas em

meio ao barulho do mundo. Justifica-se esse processo com a fala do protagonista que nos diz: “O sol nascia e se punha e eu continuava como um pequeno inseto dentro do bando” (p. 04).

Tudo leva irremissivelmente à solidão e ao isolamento, em que cada um se empenha em assegurar os seus direitos pessoais e sua exclusividade. A estrutura emocional do ser humano se caracteriza por um encouraçamento e isso acentua as ações egocêntricas e uma postura solitária e altamente individual.

Agora o espaço se desagrega e se expande: o tempo se torna descontínuo; e o mundo, o todo, se desfaz em pedaços. Dispersão do homem errante em um espaço que também se dispersa, errante em sua própria dispersão. Em um universo que se desfia e se separa de si, totalidade que deixou de ser pensável, exceto como ausência ou como coleção de fragmentos heterogêneos, o eu também se desagrega (SARTRE, 1987, p. XII).

O espaço urbano não é mais sinônimo de urbanidade como acontecia nas antigas cidades, mas reflete fisicamente as inquietudes confusas da contemporaneidade. Hoje reina uma nova temporalidade, a da invisibilidade, da loucura, do concreto e do metálico, uma loucura que ameaça mesmo aquela loucura íntima que através das eras arremessou e inspirou o homem à fascinação do belo. Hoje reina o mundo tecnicista, tecnológico, funcionalista, mercantilista, o que fragiliza a sociedade pela emergência do individualismo.

A desesperança no mundo civilizado é um produto final de conflitos não resolvidos, tendo suas raízes mais fundas no desespero de jamais se conseguir ser sincero e indiviso. Filósofos de todos os tempos têm acentuado a importância cardinal de sermos nós mesmos e o desespero que acompanha a sensação de termos os passos tolhidos nessa direção. Talvez a resposta mais profunda tenha sido dada por Sören Kierkegaard, em *The Sickness unto Death* ele diz que todo desespero é fundamentalmente um desespero de sermos nós mesmos, ou ainda na concepção de John MACMURRAY(1938, p. 56): “Que outro significado pode ter nossa existência senão o sermos nós mesmos, plena e completamente?”

A identidade do ser humano está sempre em transformação, sem deixar jamais de ser o mesmo. Ele é, e continua sendo, único em sua história, seu percurso, sua biografia, sua maneira de buscar sentido para a existência.

O que aumenta a amplitude do conflito, é que as atitudes não ficam restritas ao campo das relações humanas, mas se espalham gradualmente pela personalidade inteira. Elas acabam abarcando não só as relações da pessoa com as demais, mas igualmente suas relações consigo próprio e com a vida em geral. É fundamental a sensação de se estar preso em meio a embates, como um pássaro em uma rede, sem qualquer possibilidade visível de algum dia desenredar-se. Vem daí a necessidade de debater-se até encontrar uma saída, pois quanto melhor percebermos o infinito impacto causado à personalidade pelos conflitos, tão mais convincente se revela a exigência de resolvê-los verdadeiramente.

Dessa forma, só existe um caminho: os conflitos só podem ser resolvidos modificando as condições internas da personalidade que propiciaram seu nascimento. Esse é um caminho radical e também penoso, em face das dificuldades de modificar qualquer coisa dentro de nós mesmos. Só é possível aproximar-se disso na medida em que os conflitos forem resolvidos. Acredita-se que a personalidade humana possa mudar. Todos nós conservamos a capacidade de mudança, mesmo de aspectos fundamentais, enquanto vivemos. Isto significa também uma oportunidade para amadurecer e desenvolver-se.

Conforme comentado anteriormente neste trabalho, o indivíduo se faz em sua própria existência. Em referência a esse tema, Paulo PERDIGÃO (1995, p. 90-91) comenta que: “Em nenhum momento da vida de um homem se pode afirmar que ele é isso ou aquilo, de uma vez para sempre. Como o homem inventa perpetuamente o seu Ser, sua definição jamais se completa em vida, e se conserva sempre em aberto até a morte”.

Assim, esse é um processo ininterrupto pelo qual o ser humano está perenemente se construindo, pois é por causa de sua incompletude que ele poderá sempre vir-a-ser, e é por esta razão mesma que poderá se descobrir no outro. É, ainda, porque o indivíduo, segundo Otavio PAZ (1972, p. 109), “é o ser em perpétua possibilidade de ser completamente, cumprindo-se assim em seu não-acabamento”.

Então o personagem corre, com coragem resoluta, em busca do reconhecimento da individualidade, numa mudança comportamental, deixando para trás as regalias e segurança da vida na cidade. A consciência da existência é um privilégio do ser humano; entretanto, essa consciência é altamente rara. Ele age contrariamente à massa dos homens, que se concentra nas coisas cotidianas e estas condicionam o seu bem-estar. Confere-se esse fato no conto “Como se deu a grande morte” (p. 04): “Para tanto, ia destruindo tudo que se referia a mim até ali. Naquele instante usufruía os últimos momentos de vida. [...] Para trás ficariam todas as coisas que eu havia visto e tocado”.

E como se morresse para aquela vida, renasce para outra. Mesmo simbolicamente, o narrador-personagem tem na sua “morte” a possibilidade de passar de um mundo para outro, não só geograficamente, do civilizado ao natural, primitivo, mas sobretudo, na sua condição de existir, de relacionar-se com os demais, na sua relação e identificação com a natureza, na sua sobrevivência. Se há alheamento, este o purifica da “morte” e o prepara para nova vida.

Nessa viagem, nenhuma escolha se pode fazer sem angústia. Poderíamos concordar que existir é opção, como afirma Kierkegaard, ou ainda que existir é escolher-se, porque na verdade, a opção recai unicamente sobre nós mesmos. Qualquer opção, na qual realizo a mim mesmo, é uma possibilidade.

“Tomar uma decisão pressupõe a vontade e a capacidade de assumir a responsabilidade correspondente. Isso abrange o risco de tomar uma decisão errada e a

disposição para agüentar as conseqüências, sem procurar inculpar os outros”, argumenta Karen HORNEY (1987, p. 26) em sua obra *Nossos conflitos interiores* e ainda ratifica a idéia, dizendo que “Viver conscientemente conflitos, apesar de doloroso, pode ser um dom inestimável. Quanto mais enfrentarmos nossos próprios conflitos e procurarmos nossas próprias soluções, tanto mais ganharemos em liberdade e vigor interiores”.

Mas isso não se faz sem risco. É justamente esse ato de escolher e de escolher a escolha, ou seja, de se escolher livremente a si mesmo, que possa, por sua vez, servir para definir a sua existência.

O narrador-personagem dirige-se a sua amante, no derradeiro encontro, ainda na cidade:

Ela me olhava como um animal prestes a morrer e que nos últimos instantes de vida adquire consciência de si e da grandeza de todas as coisas. -Tenho a impressão de que vou morrer agora. Eu cresci demais nesses dias, meu amor. Agora sinto-me maior que o mundo. Tudo existe pela primeira vez e creio que sou a única testemunha disso. É bonito demais para continuar existindo. Sinto que vou morrer. [...] Agora, de posse de um ponto de referência da verdade eu havia optado pelo renascimento. Para tanto, ia destruindo tudo que se referia a mim até ali. Naquele instante usufruía os últimos instantes de vida. A morte de fato já havia se consumado, mas só agora o corpo ia ser transportado para o local do seu renascimento. Para trás ficariam todas as coisas que eu havia visto e tocado. [...] -Também eu nasci para grandes lutas e é por isso que vou embora, minha querida. Aqui estão todos morrendo por cansaço de viver a morte deve ser a coisa mais grandiosa que pode ocorrer a muita gente. É um acontecimento formidável. Mas acontece que eu quero antes viver(MORAIS, 1981, p.04-05).

E o personagem criado por Miro Moraes retira-se do meio urbano, indo viver em terras de Sambaqui, ao longo do mar. O lugar não é nem ao menos uma vila de pescadores, é apenas mar, praia, morros e pedras.

As coisas simples começam a ser valorizadas, evidenciando a oposição dos dois mundos propostos pelo autor, o civilizado das cidades, com suas angústias existenciais e suas

contradições e o primitivo, cruel e áspero, mas ingênuo, simples e principalmente livre, dos pescadores:

Uma canoa como esta também tem seu valor, não tem? Claro que tem. Não precisa estrada, não precisa nada. A gente fica assim, em cima do mar, boiando, indo para onde se quer. Não tem encruzilhada pra gente se perder. De qualquer lugar, dentro do mar, se vê a casa da gente acima do costão, e quando se está em casa, a gente vê os cardumes passando (ibid. p. 13).

Isto significa emergir de “um reino ideal fraudulento” (p.74) para penetrar nos “impérios fundados na pureza, na liberdade, na justiça, na verdade e no amor” (p.90). E conforme a sabedoria simples e profunda do pescador Nozinho disse-nos que “todos os caminhos levam ao mesmo portão, mas sempre é bom parar quando está no escuro, para não dar voltas à toa” (p. 90). Esta sábia conclusão leva o narrador a questionar-se sobre os valores da razão:

Agora, me pergunto se vale a pena ter olhos tão claros à luz da razão e tão vastos abismos na alma? A cada nova verdade tateada, segue-se uma maior fome do espírito, porque ao alcançarmos intelectualmente algo, nossa alma, por sua natureza infinita, sente desejos mais ilimitados. Todas as verdades universais possuídas pela razão, não são senão alimento mesquinho para o nosso espírito. Por isso, tantas vezes, sentindo fome incondicionada, perguntei em desespero, por que foi dado ao pássaro abandonar seu ninho para viver nas alturas e só ao homem a consciência trágica do impossível? (MORAIS, 1981, p. 90-91).

A possibilidade de buscar nas idéias, no raciocínio lógico, o rumo certo a seguir fica assim descartada. Nas histórias contadas, que à primeira vista parecem fragmentadas, mas que, na verdade, mantêm continuidade e organicidade, o autor realiza uma trama de tipos humanos, personagens que logo se humanizam, casos comuns ou trágicos, enveredando, por vezes, ao místico.

Não podemos deixar de observar que coube à literatura, primeiro em numerosos países da Europa, notadamente na França, depois nas Américas do Norte e Sul, estabelecer e

difundir num vasto público os principais valores do Existencialismo. Certamente essa influência afetou o fazer literário do autor em questão, pois o personagem principal de *A coroa no reino das possibilidades*, chega a citar no interior da história, nomes como Nietzsche, Sartre, Henry Müller:

Nas minhas leituras encontro sempre a marca de uma feroz tentativa para que o homem redescubra sua grandeza, reapareça para a vida, reconquiste enfim os espaços desarticulados pelas artimanhas do mundo. Seja em Henry Müller, Büchner, Sartre, céptico ou idealista, deparamos sempre com acusações ao comportamento humano [...] os sábios jamais se preocupam em viver, sacrificando tudo, Nietzsche, filósofo, sábio, repositório de idéias, uma beleza; mas Nietzsche, criatura humana, senhor de uma vida e de uma alma, um fracasso (ibid. p. 90-91).

Sobre este assunto, Henri Peyre, em seu artigo intitulado *Humanismo Existencial: Reflexos na Literatura*, em *Psicologia Existencial-Humanista* de Thomas Greening (1975, p.193,199), argumenta que:

A literatura é um meio de atuar mais eficazmente sobre as pessoas, através da exploração imaginativa de idéias, dotando-as de uma forma sedutora e concreta que, de outro modo, permaneceriam inanimadas. Mediante a dramatização de conflitos, leitores e expectadores sentem-se envolvidos. [...] o homem de letras sobreviverá talvez ao filósofo, seus contos afetam um número incontavelmente superior de pessoas e agem sobre a sensibilidade e a vida interior delas de um modo mais duradouro do que seus volumosos ensaios filosóficos.

A exemplo de autores consagrados, na obra em estudo também se percebe a relevante preocupação com reflexões acerca da condição humana. Nesse tema, envolvemo-nos completamente, pelas nossas próprias experiências, daí seu caráter de atemporalidade e o assunto apresentar-se de forma atualíssima.

Miro Morais faz emergir, em *A coroa no reino das possibilidades*, um sujeito artesão da sua própria existência através de um processo que não deixa de comportar riscos. É certo que emerge também a fragilidade do homem que apreende, e se surpreende com o

exercício da sua liberdade e o desespero de ter que decidir por si mesmo. O substrato dessa fragilidade é uma solidão ou uma incomunicabilidade com o outro, que torna esse sujeito estrangeiro à existência e ao outro e isso é capaz de levá-lo à angústia do nada. Esta situação é acentuada no início da obra, tão logo o narrador-personagem chega a sua nova morada, ou seja, logo após seu “renascimento”.

Nos primeiros dias a beleza alvoroçava-me. Eu vivia só e, sem mais testemunho, embebedando-me com o céu escancarado de azul, o mar bordado de luz e sombras. Aquelas coisas estavam ali sempre, mas sempre me atingiam com um impulso inesperado. E sem poder acomodar a um só tempo todas aquelas vibrações intensas, toda aquela sutil sedução que era o próprio hálito da paisagem, ficava atônito, a alma errante, a alimentar-se de tudo [...] tinham diante de si senão um simples inseto em transformação para alguns vôos mais altos [...] um homem sem qualquer ambição, despojado de qualquer histórico digno de observação, uma reprodução de milhões de cópias tentando aprender a existir [...] (MORAIS, 1981, p. 07-08).

Pelo exposto e pelos fragmentos da obra apresentados, nos deparamos de imediato com algumas das temáticas da corrente existencialista: o isolamento, o silêncio, a volta para as questões da condição humana, a escolha e sobretudo, a liberdade.

Logo, podemos realizar um entrecruzamento entre esta obra de Miro Morais e a filosofia existencialista, visto que a temática desta aflora página a página, conto a conto, personagem a personagem, reflexão a reflexão, afinal.

Muitos são os indícios da influência da filosofia existencial na literatura do autor, pois o que ressalta, já nas primeiras leituras é o encontro do homem consigo mesmo: “[...] era preciso ser fiel a si mesmo, integrar-se na natureza, deixar que a vida se cumprisse por si mesma, em comunhão com tudo que o cercava e não fazê-la um processo de reclamar explicações” (p. 44).

O escritor, ao interligar essas histórias, através de reflexões filosóficas, procura compreender e interpretar a origem das coisas, busca respostas para si próprio e para o leitor. Tudo em busca da reconstituição de um painel existencial.

4.3 A EXISTÊNCIA ARMA SUAS ESTRATÉGIAS

A grandeza de um homem reside em sua decisão de ser maior do que sua condição humana. E, se sua condição é injusta, só existe para ele um modo de superá-la, que é ser ele próprio um justo.

Albert Camus

A lógica do jogo de xadrez é imaginar como cercar o adversário, criar armadilhas e formas de escapar das ciladas do oponente. Cada jogador só pode realizar um lance por vez, alternado entre um e outro parceiro. As jogadas precisam ser pensadas para se tentar prever o que o outro jogador vai fazer. Além disso, a dinâmica do jogo é muito complexa, pois cada lance pode mudar a configuração e levar a novas situações que não havia anteriormente.

Assim é a leitura de *A coroa no reino das possibilidades*: de um lado o narrador-personagem com seus conflitos, indagações, encontros e desencontros. Seu mundo é o reino das possibilidades: infinito, possível, permanente? E de outro nós, leitores, que passamos a nos entrever com os questionamentos feitos pelo “Homem” (assim chamado pelos seus novos companheiros, pescadores, gente muito simples do interior da Ilha; o uso do termo dá-nos idéia de universalidade, o “Homem”, assim nomeado, representaria toda a Humanidade).

Apesar dos opostos, convergimos para um mesmo mundo, o seu mundo, que na verdade é o nosso mundo, pois o texto não se oferece à simples contemplação. Assumimos um compromisso em relação à obra, tornamo-nos também um produtor de significados.

Entremos no jogo para ver as possibilidades.

Dentre os temas da filosofia existencialista, figura o da busca incessante da **liberdade**, como bandeira dentro desse pensamento, e Miro Morais a põe ao vento logo no início de seu romance, tornando-o norteador de toda a obra e para o qual o narrador-personagem se propõe a refletir o tempo todo.

Quando o homem atinge a consciência de si, o primeiro passo para o grande vôo a que se sente impelido, começa no momento em que rompe com seu ninho. O seu compromisso é saltar em direção ao seu destino, vestir as pesadas asas que o conduzirão lentamente em direção à sua vontade. Já iniciamos esse despertar da razão, essa invasão do império dos mortos. Falta-nos agora permitir que nossas asas cresçam e escolher os rumos (MORAIS, 1981, p. 20).

Liberdade é um assunto que tem ocupado tanto os filósofos e pensadores quanto cada mortal comum, desde questões da mais alta intelectualidade até os pequenos eventos da vida cotidiana. Isto a partir do momento em que o indivíduo iniciou seu longo caminho pela autoconsciência, do encontro com o “eu” e adquiriu a necessidade incontestável da autodeterminação e do direito para tal fim. Tal processo está presente no fragmento da obra em estudo, apresentado anteriormente. O protagonista, ciente de ter atingido certo grau de consciência de si, rompe com seu mundo civilizado e parte em busca de seu destino.

Assim, qual a diferença entre o homem e as coisas? É que só o humano é livre. O ser humano nada mais é do que o seu projeto. A palavra *pro-jeto* significa, etimologicamente, “ser lançado adiante”, assim como o sufixo *ex* da palavra *existir* significa “fora”. Só o homem existe porque o seu existir é um “para-si”, sendo consciente, o indivíduo é um “ser-para-si” pois é auto-reflexivo, pensa sobre si mesmo, é capaz de pôr-se “fora” de si. Portanto, a consciência do homem o distingue das coisas e dos animais, que são “em-si”, ou seja, como não são conscientes de si, também não são capazes de se colocar “do lado de fora” para se auto-examinarem.

O que acontece ao ser humano quando se percebe “para-si”, aberto à possibilidade de construir ele próprio a sua existência? Descobre que, não havendo essência ou modelo para lhe orientar o caminho, seu futuro se encontra disponível e aberto, estando portanto, irremediavelmente “condenado a ser livre”.

Se o indivíduo é livre, é conseqüentemente responsável por tudo àquilo que escolhe e faz. A liberdade só possui significado na ação, na capacidade do ser humano em operar modificações no real.

Essa liberdade de escolha não significa que o sujeito viva a agir ao acaso, de qualquer maneira, imprevisivelmente, fazendo não importa o que queira, a qualquer momento, obedecendo a impulsos arbitrários e caprichosos. Há uma coerência interna, uma maneira própria de ser de cada pessoa. Isso porque cada um dos seus atos abriga uma significação mais profunda, uma escolha, que fundamenta todas as suas deliberações. A única liberdade que não temos é justamente a liberdade para não escolher sermos livres.

Daí decorre que, por sermos livres, somos **angústia**. Eis outro tópico discutido entre os pensadores existencialistas, principalmente Sartre, que salienta que a angústia resulta da revelação da nossa própria liberdade sem obstáculos, limitada apenas por si mesma, fonte absoluta de todo sentido.

Por outro lado, orienta para a liberdade como possibilidade de transcendência de si, como constitutivo essencial do ser humano, e que, neste movimento, o homem necessita do **outro** para realizar escolhas pessoais engajadas e conseqüentes, sendo que, conforme a qualidade, a direção que estabelece para o conjunto de decisões que constituem a sua existência, o ser caracteriza-se como indivíduo, não sendo possível a desvinculação da sua relação com o outro. Além disso, na escolha das inúmeras alternativas ofertadas pela realidade, a atitude dele está decisivamente articulada com o momento, o meio, o interesse, a

noção de ética, de valor, dentre outros. Sendo que o conjunto de todos estes aspectos, possibilidades e solicitações, dentro da eventualidade da vida, constitui o esforço para pensar a realidade a partir da exigência de que o existir tenha um sentido, comportando, inelutavelmente, a angústia frente ao mundo e à existência.

Assim, Miro Morais se revela existencialista também abordando este tema, a angústia:

O que nos desnorreia neste instante é exatamente a consciência de tantos fracassos, a visão de tantos destroços. Tememos anulá-los, desejamos torná-los válidos como experiências nossas. Não sabemos deles nos desintegrar e eles nos dificultam os passos. [...] Vivemos a vacilação da puberdade. Estamos cheios de tédio diante das indefinições dos dias futuros. Contudo não sabemos a direção a tomar. Enquanto isso, vivemos o grande momento de caos, o desespero que precede um vago encontro aflitadamente desejado. Vivemos o desconforto de termos que proceder a grande mudança, sem que nos tenham dado endereço certo (MORAIS, 1981, p.19).

A angústia, portanto, é a experiência vivida em face da descoberta da liberdade. Para que ela ocorra, será preciso que a nossa reflexão nos separe da nossa decisão e do nosso passado, nos isolando num presente instantâneo. Só aí há angústia. Temos a autonomia absoluta de nosso querer, pois a autonomia implica não o drama desse sentimento, numa correta compreensão do tempo, mas antes a questão da responsabilidade.

Responsabilidade é tomada por Sartre no sentido de consciência. Trata-se da consciência de que a situação só existe pela liberdade, ela não é separada e anterior a nós, ela só existe por nós, exatamente na medida em que nossa liberdade faz aparecer desta ou daquela maneira.

Eis o conceito de **escolha**, outro tópico extensamente discutido entre os existencialistas. A vida é permanente escolha, e, com cada uma delas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a que recorrer para

orientar as nossas opções: “Vivemos o desconforto de termos que proceder a grande mudança, sem que nos tenham dado endereço certo” (p. 19), reflete o protagonista de *A coroa no reino das possibilidades*.

Em *A descoberta do mundo*, Clarice LISPECTOR (1984, p. 693) tenta esclarecer-nos sobre o tema:

O que é angústia? Um rapaz fez-me essa pergunta difícil de ser respondida. Pois depende do angustiado. Para alguns incautos, inclusive, é palavra de que se orgulham de pronunciar, como se com ela subissem de categoria – o que também é uma forma de angústia. Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia – e a fuga é outra angústia. Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai. Esse mesmo rapaz perguntou-me: você não acha que há um vazio sinistro em tudo? Há sim. Enquanto se espera que o coração entenda.

Nada nos diz que decisão tomar, exceto a voz da consciência. A liberdade que somos é o único fundamento a que possamos nos apegar. Não sofremos imposições de fora, nós é que exigimos e construímos o valor. Os valores dependem de cada um e são aquilo que decidimos que sejam. Para que o certo e o errado existam, é preciso que a nossa consciência intencione constituí-los como tais.

Para Sartre, a consciência para atingir as coisas tem que conter **o nada**, o não-ser. Assim, ela é capaz de imaginar, de transcender os fatos imediatos. É através da imaginação que a consciência cria mentalmente as coisas e as reconstitui quando não estão fisicamente presentes.

A angústia, sentimento decisivo da experiência existencial, é consequência disso. Intensamente atrelada aos valores do nada, da escolha e decisões da consciência. Sören KIERKEGAARD (1968, p. 05) inquietava-se: “Que efeitos tem o nada? O nada engendra a angústia”. Observamos sempre o estreito efeito de um valor sobre outro e o pensador ainda

argumenta: “Todos estes conceitos se referem a algo concreto. No entanto, a angústia é a realidade da liberdade enquanto possibilidade frente à possibilidade”.

Apontamos, em *A coroa no reino das possibilidades*, o seguinte trecho como exemplificação dessa imbricação de valores:

Mas no momento em que me comunico com o passado e comparo com o mundo que me rodeia neste instante, vejo que tenho que começar a viver no vazio e que malgrado eu possa ser informado de tudo que houve, minha consciência exige que eu assumo o comando da vida sem qualquer implicação com o que já houve.[...] Só então dá sentido aos seus sofrimentos e alegrias, e em todos os minutos, quer no avanço quer no recuo, sua existência se justifica com o mesmo valor. Sem essa consciência de si, não pode haver opção e sem opção, como se pode dar sentido à história? [...] Diante de nós está a beleza e todas as suas possibilidades de vir a ser (MORAIS, 1981, p. 21, 23, 24).

O termo angústia, em filosofia, se define como o conjunto de fenômenos afetivos dominados por uma sensação interna de opressão e de estreitamento, como um sentimento característico dos estados melancólicos que se apresenta à consciência como uma dor e sobretudo como um vago medo, o sujeito tem medo da sua própria ação e sofre com o pensamento de executá-la.

A era contemporânea é comparada a era do vazio existencial em que o imobilismo da vida, a dor de ver passar o tempo enquanto a vida continua sempre a mesma e sem vibração, sustentando indefinidamente esse estado de monotonia e mesmice é uma temática que avassala a vida do homem moderno.

Em suma, repete-se aqui o que foi dito antes acerca da liberdade: do mesmo modo que não nos escolhemos livres, também não nos escolhemos responsáveis; mas como tudo que nos acontece, ocorre por nossa liberdade, também tudo o que nos sucede implica nossa responsabilidade.

No romance *A coroa no reino das possibilidades*, de onde vem a angústia que perpassa pelas ações e reflexões do protagonista?

Primeiramente é preciso posicioná-lo numa esfera espaço-social, isto é, o narrador-personagem vive num meio urbano atormentado pelas correrias do progresso e do avanço da tecnologia, faz carreira no meio burguês e a sua atividade profissional é meramente burocrática. Em sua vida cotidiana, mergulha numa espécie de anonimato que anula a singularidade de sua existência. Perde-se no meio dos outros, torna-se massa, alheia-se de si mesmo. Com os sentimentos embotados, incapaz de livrar-se dos hábitos e opiniões que lhe são impostos, sua consciência é atormentada por medos e ansiedades. A esse estado chama-se de existência inautêntica, é sofrer uma queda. Esta, por sua vez, é um estado de decadência, de derrelição e de desamparo.

Na minha sala todos os arquivos estavam cheios, sem espaço para uma folha de papel. Isso impedia que se fizesse qualquer coisa e de resto, um pequeno gesto podia ser fatal. Tanto que certa tarde, uma senhora que sentava ao meu lado há uns três anos e cujo nome nunca me ocorreu perguntar, ao ser surpreendida por um bocejo [...] não tivera sequer o tempo necessário para esvaziar os intestinos antes de morrer, como pretendia. [...] Não era exatamente o mofo em que se vivia que levava as pessoas a optarem pelo suicídio entre a leitura de um mau romance e um bocejo, mas a certeza de que todos os dias futuros seriam exatamente a continuidade de tudo aquilo (MORAIS, 1981, p. 03).

A experiência cotidiana transcorre no âmbito da impessoalidade. Detém-se na superficialidade. Exemplo disso é o protagonista não saber sequer o nome da senhora, sua companheira de trabalho há uns três anos.

Outra forma de inautenticidade manifesta-se no mundo artificial, criado pela burocrática relação social em que vive. Confunde-se com gráficos, arquivos e planejamentos. Sua vida profissional é conduzida num sistema rotineiro e seus atos não são autênticos: “Quando já não havia mais espaço para um gráfico nas paredes e uma folha de papel em meus arquivos, numa daquelas reuniões levantei-me e desapareci” (ibid. p. 3-4).

Parte, então, o narrador-personagem em direção à morte. Uma morte simbólica, imaginária. Leva o leitor a conhecer o seu mundo idealizado: mais belo, mais justo e menos violento. Arrasta-o a redescobrir a natureza e o gosto pela vida.

Para tanto, ia destruindo tudo que se referia a mim até ali. Naquele instante usufruía os últimos momentos de vida. A morte de fato já havia se consumado, mas só agora o corpo ia ser transportado para o local do seu renascimento. Para trás ficariam todas as coisas que eu havia visto e tocado. [...] Aqui estão todos morrendo por cansaço de viver. A morte deve ser a coisa mais grandiosa que pode ocorrer a muita gente. É um acontecimento formidável. Qualquer dia eles marcarão a hora e darão festas. Mas acontece que eu quero antes viver. Vou embora. [...] Nos primeiros dias a beleza alvoroçava-me. Eu vivia só e, sem mais testemunho, embebedando-me com o céu escancarado de azul, o mar bordado de luz e sombras, as nuvens preguiçosas simulando seres efêmeros entre os distantes contornos dos montes cinzentos.[...] Amanhecia purificado da morte e do mundo (MORAIS, 1981, p. 4-5-7).

Um dos temas existencialistas mais discutido pelos pensadores é o da **morte**. Como não sofrer a angústia perante a idéia da morte? Como afirmar o sentido da vida diante do absurdo da morte, que reduz a nada tudo o que se alcançou no esforço de construção do eu? Ela é sempre o limite do humano, é um aspecto da realidade que não podemos ultrapassar.

Apenas o ser humano se angustia, o mais antigo dos seus sentimentos penetra no mais íntimo de sua existência. A angústia ante o nada conduz o indivíduo à existência autêntica. Para atingi-la, superando, assim, o estado de queda, de degradação, ele deve interiorizar o pensamento da morte.

Mesmo morto apenas simbolicamente, o narrador-personagem de *A coroa no reino das possibilidades* busca encontrar um sentido para manter-se física e psicologicamente vivo: “O pior está espalhado por tudo” ou “Às vezes, eu sinto o cheiro da vida. Um cheiro podre. É o da morte” (p. 53-54).

Reflete ao longo dos capítulos-contos sobre o tema, conforme explícito neste episódio em que o protagonista se refere ao Velho Nozinho, seu companheiro de pesca:

A morte e o nascimento, coisas tantas vezes por ele testemunhadas, surgem apenas como acontecimentos necessários a uma ordem no tempo. Aceita humildemente. Mas ainda assim, por mais absurdo que isso seja, tem suas noções pessoais sobre o melhor uso do tempo que consome a vida. É uma lógica incompreensível para a maioria dos homens, mas para ele é um dos mais severos pontos de honra (MORAIS, 1981, p.106).

Viver e morrer são a descoberta da finitude humana, de nossa temporalidade e de nossa identidade. O homem é a única espécie que tem a consciência e a certeza do fato de sua transitoriedade e isso o faz temer a morte. Mesmo a angústia frente à intrínseca e extrema possibilidade de existir – o morrer – deve fatalmente conduzir a perceber que cada momento da vida é irrecuperável e, por isso, tem que ser aproveitado. A vida constitui, enfim, o conjunto de forças que resistem à morte, a perspectiva de um final irrevogável. Sartre admite que a morte:

[...] tem sido sempre considerada – com ou sem razão, o que ainda não podemos determinar – o termo final da vida humana [...] mas já não é mais o grande incognoscível que limita o humano, [é apenas] um fato contingente que, enquanto tal, escapa-me por princípio e pertence originalmente à minha facticidade [...] A morte é um puro fato, como o nascimento (SARTRE, 1997, p.652–658).

Ao pensar a morte como um puro fato, Sartre pensa-a como uma consequência natural da vida, um fenômeno último, que, como acontecimento contingente, nada mais revela senão acerca de nós mesmos. Enquanto vivos, somos tempo e mudança, estamos sendo. A **existência precede a essência** prega a filosofia existencialista, significando com isso que nossa essência é a síntese final do todo de nossa existência. E então concluímos com as palavras de Sêneca: “Quem não souber morrer bem, terá vivido mal”.

Ainda podemos resgatar, em *A coroa no reino das possibilidades*, questionamentos do protagonista neste mesmo tom, que lembra Sartre:

Por algum tempo, todos os mistérios se anulam. Nada é obscuro ao entendimento. O ritmo infalível continua, eu sei. Mas vida e morte não são dúvidas, nem angústias. São simplesmente espaços que se iluminam e escurecem, para tornar à luz logo a seguir. São simplesmente formas que se congregam e se consomem, para outra vez agirem, dentro de uma ordem indissolúvel. É este o verdadeiro arbítrio, a verdadeira liberdade de ser (MORAIS, 1981, p. 108).

E este tema, a morte, segue presente na vida do protagonista tanto em suas reflexões como na realidade. Primeiro acontece a morte de D. Candinha, cujo capítulo-conto intitula-se “Para aprender a festejar a morte”. Festeira que foi em vida, a morte para ela foi uma despedida poética: “Que lindos velórios estes, em que todos prestam homenagem sem prantos, àqueles que souberam sorrir para a vida. [...] Ao lado da velha Candinha ninguém chorava, porque a dor pertence à vida” (p. 85-86).

No conto “A coroa no reino das possibilidades (II)”, último e decisivo episódio na caminhada existencial do protagonista, o vemos desolado ante a angústia da morte do seu amigo, o velho Nozinho:

Era eu que morria naquele momento. Eu e todos os homens. E enquanto morria, nada mais ficava a salvo da minha dor. Porque eu havia renunciado a tudo para ficar livre à Vida e à Morte e nas minhas mãos, aquele que me dera tantos ensinamentos de humildade e serenidade, aquele que realmente nada possuía e nada aspirou, lutava em desespero para não perder o que nunca de fato fora seu.[...] Era aquela imensurável solidão que sua morte espalhou sobre a terra, misturando-se a todas as coisas e obrigando-me a respirá-la, a vê-la, a tateá-la e degluti-la a cada instante (MORAIS, 1981, p. 118-119).

Enquanto estamos vivos, decidimos o que somos, damos um sentido ao nosso passado e aos nossos projetos. Mortos, como que ficamos à disposição dos outros, reduzidos à condição de puro passado, coisa dada e acabada. Nossos atos ficam para trás, petrificados, fixados em destino irremediável, para que deles o juízo alheio faça o que bem entender. A morte representa a vitória do ponto-de-vista do Outro sobre mim. Nossa subjetividade

exterioriza-se, torna-se pura objetividade para o Outro. Estar morto é ser uma presa dos outros. Uma vida morta é uma vida da qual o Outro se faz guardião.

Contudo, morrer é um ato solitário. Morre-se só: a essência da morte é a solidão. O morto parte sozinho, os vivos ficam sozinhos ao perdê-lo. Viver é estar com os outros. Vive-se com outrem: a essência da vida é a intercorporeidade e a intersubjetividade. Os vivos estão entrelaçados: estamos com os outros e eles estão conosco, somos para os outros e eles são para nós.

Conclusão esta a que já havia chegado o narrador-personagem, à página 85, quando diz: “Com este acontecimento fico sabendo que esta gente nasce e vive só, sem disso fazer uma tragédia, mas a morte reúne em torno de seus despojos tudo o que de vivo e gente existe nas redondezas”.

A morte do amigo Nozinho configura-se para o personagem como alavanca que desenlça os seus questionamentos. Vê, na possibilidade da criação do filho do amigo, ressurgir o milagre da vida, é a continuidade do velho: “Se ele der igual ao meu finado marido, o homem pode acreditar que vai ser um bom homem” (p. 121), disse-lhe a viúva ao entregar-lhe a criança.

O protagonista conclui que sua vida, mais do que nunca, estaria presa àquelas pessoas e àquele lugar:

E no meio a tudo isso, terei que continuar emergindo a cada instante em direção à vida. Vagas promessas de permutas e certeza de abandonos. No limiar de cada hostilidade a nova ânsia de outra possibilidade. Seria olhar cada dia como se olha o mar e esperar que do segredo das suas águas colha-se o grande peixe sonhado (MORAIS, 1981, p. 119).

Há angústias em relação ao porvir, entretanto há também esperanças de um mundo mais solidário e justo.

Alguns outros aspectos do Existencialismo podemos ainda indicar na obra de Miro Morais. Inicialmente visualizaremos no texto o **isolamento** e **alheamento** do protagonista que logo se revela no conto “O santo pelo silêncio em seu amor ao pássaro” (p. 24):

A razão me levou a abandonar a tragédia coletiva, a massificação do sofrimento inútil. Passei a viver a dor que só a mim pertence, uma dor que ganha dignidade na medida em que assume uma finalidade e lentamente a realiza. Não poderia sofrer simplesmente por sofrer, destruir-me simplesmente porque o momento é de ruínas. Não poderia odiar simplesmente porque todos odeiam nem amar por uma exigência inconsciente. Neste momento todos sofrem e odeiam à toa. Deixam-se consumir de fora para dentro. Angustiam-se dentro da noite sem um ponto que os conduza à aurora. Vivem a vigília do medo, da incerteza e do desencanto.

Outra necessidade pronunciada pelo narrador-personagem é a do **retiro**. Até os livros podem ser encarados como intrusos, como algo que vem de fora, do mundo civilizado. Percebe-se este aspecto no conto “Sobre o valor do diálogo com os peixes” (p. 90-91):

O tempo em que nisso me ocupo deveria ser consumido na leitura dos livros para cá trazidos e ainda não abertos. Porque chego a me perguntar, verdadeiramente, para que ler? Nas minhas leituras encontro sempre a marca de uma feroz tentativa para que o homem redescubra sua grandeza, reapareça para a vida, reconquiste enfim, os passos desarticulados pelas artimanhas do mundo. [...] Todas as verdades universais possuídas pela razão, não são senão alimento mesquinho para o nosso espírito. [...] E não há livro que supere em sabedoria, em prazer, em beleza, uma boa pescaria de caniço. Sobre tudo se for uma pescaria à sombra de um jambeiro, sobre um trono de pedras, pés flutuando à superfície do mar, águas calmas, sugerindo paciência com a espera do peixe e cigarras cantando [...] porque dentro deste espaço do mundo, qualquer esforço mental ofende a natureza, que impõe ao nosso espírito ordem e paz. Vida.

A esses temas, segue-se pela **busca do silêncio** e conseqüente **volta ao primitivismo**. Através das possibilidades que sucessivamente vão se descortinando aos olhos do narrador-personagem, este busca o silêncio que o conduz a um encantamento sem limites e à sua comunhão com a natureza: “[...] este silêncio que preexistiu a tudo e que a tudo sobreviverá, que foi o caminho percorrido pela perfeição para que as coisas se fizessem

presentes e possíveis” (p. 26), que permite o abandono integral da criatura e a ventura de experimentar “[...] o sabor do sublime” (p.26). Logo, “[...] torna mais íntima e generosa a vida e a paz” (p.25) e “[...] começam a saltar as verdades, os caminhos vão se abrindo para o sonhado encontro” (p. 26), ou seja, o **encontro do homem consigo mesmo**, aliás, outro tema do Existencialismo, que indica a fuga ao razoável, ao coletivo e à intelectualidade.

O seu silêncio consagra o encantamento de uma solidão que não conhece a si mesma, tornando mais íntima e generosa a vida e a paz. Em seu silêncio, humildemente assiste ao deslumbramento íntimo que multiplica amorosamente as coisas ao seu redor. Só os que vivem a paz podem perceber a sua beleza e se enrolar no seu imenso manto.[...] Depois de tantas conquistas e lutas há ainda homens tão distantes de si mesmos, quanto seus mais remotos ancestrais, da capacidade humana de descobrirem a palavra.[...]

No silêncio iluminado, pelo qual a natureza infiltra-se na nossa couraça humana e escancara todas as portas das suas grandezas, surge outra vez o grande filão de ouro, redescobrimo-se no chão arenoso. Não há qualquer conceito convencional de limites, tudo é uma e só substância. Meu corpo assume a um só tempo as formas líquidas do mar, rodeando continentes inteiros, segue a quietude do azul imenso, onde ressoam todos os risos e queixas de todos os homens e através da luz avança os tempos, onde assiste surgirem seres ainda não nascidos sem perder o diálogo com os primeiros homens, os filhos da luz, recém-saídos do fundo das primitivas florestas. Nada se impõe. Não há compromisso com coisa alguma. Não sou apenas livre, sou a própria liberdade. Um corpo a que todas as formas e prazeres aderem, sem confundir-se com ele que se transmuta em cores, perfumes, sons e sabores, sem perder o domínio de si (p. 25, 26, 107).

Para ilustrar a concepção existencialista em relação à **contemplação da natureza**, buscamos na obra, o seguinte fragmento que se encontra à página 24, no conto “O santo pelo silêncio em seu amor ao pássaro”:

Diante de nós está o mar estagnado, a luz da tarde redescobrimo cores, o azul que os olhos realizam nas vastas distâncias, os espaços vazios, ventre aberto da natureza, pronto à revelação do quer que seja. Diante de nós está a beleza e todas as possibilidades de vir a ser. Os enigmas parecem agora revelar belezas antes imperceptíveis. O ar se desperta num magnífico sentimento de amor, tecendo a perfeição de todas as coisas. Não há nenhum conflito na natureza. E por ela possuídos, possuímos a concórdia com o mundo. Basta apenas escutar este silêncio e se deixar conduzir por seus assombros.

Estes aspectos como o **isolamento**, o **silêncio**, a **volta ao primitivismo**, a **contemplação da natureza**, a **volta para dentro de si mesmo** levam conseqüentemente o protagonista à **solidão**, outro assunto abordado intensivamente pelos existencialistas e que no romance de Miro Morais é ilustrado pela história de Pe. Donato, cuja “[...] solidão que interrompe todos os atos da natureza, que atrofia todo o alento da criação, foi aos poucos consumindo todas as suas forças” (p. 69) e confrontando-se com a própria vida solitária do protagonista, coloca em dúvida as vantagens de uma vida isolada, pois para o religioso “[...] a solidão acabou de consumir sua substância humana [...] a solidão o devolvera a um estado primitivo, em que todas as coisas são prodígios capazes de exigir profundas meditações e assombros” (p. 63).

O narrador-personagem chega a voltar ao mundo civilizado à procura de uma resposta. Entretanto, só quando retorna ao seu isolamento “[...] a vida voltou a alargar os seus limites [...] onde o silêncio revela a exata grandeza de tudo o que acontece” (p. 80).

No caso do protagonista existiu uma solidão positiva, integradora do ser, que o ajudou a se encontrar. Ao contrário da solidão vivida por Pe. Donato, que foi desagradadora, negativa, levando-o ao abandono e à morte.

Assim, diz Sartre: “o homem se perde tentando se encontrar, e só pode se encontrar perdendo-se”. E esta foi exatamente a caminhada do protagonista. Vivendo como possibilidade de ser, como algo que está prestes a ser e nunca o é inteiramente, o ser humano se descobre sempre para além, e vê a realização do seu Ser como totalidade em constante adiamento, indefinidamente para lá de seu alcance. Somos eternamente aquele que se anuncia a si mesmo aquilo que deve ser e ainda não é.

E ainda citando Sartre: “O homem deve ser inventado todos os dias, pois é o único ser em que a existência precede a essência. E assim ocorre porque só o homem é livre. Existe.

E existindo, ele tem que escolher que ‘inventar’ a cada momento, aquilo que será no instante seguinte”. E é o próprio protagonista de *A coroa no reino das possibilidades* que compreende por fim que “[...] não há qualquer conceito convencional de limites, tudo é uma só substância. [...] Por algum tempo todos os mistérios se anulam. Nada é obscuro ao entendimento. O ritmo infalível continua”. (p. 108) e conclui: “A vida é busca contínua, um processo aberto para o futuro”.

5 FINAL DE PARTIDA

Há poucas peças sobre o tabuleiro e nesta fase do jogo é que o rei tem papel importante. Dirige-se ao centro do tabuleiro, protegendo seus peões e tenta promovê-los.

Neste momento, o valor simbólico sobressai na criação literária de Miro Moraes, aspecto que nos instiga desde o título de seu primeiro romance: *A coroa no reino das possibilidades*. E cremos que este mundo todo é como um tabuleiro de xadrez: uma casa é branca, outra é preta e assim representa o duplo estado de vida ou morte, do bem e do mal, do mundo civilizado ou do primitivo, do instinto ou da razão. Oposições estas questionadas pelo narrador-personagem ao longo de todo o romance, pois este se constitui ao todo de um grande painel que contrapõe o mundo primitivo do interior da Ilha ao mundo civilizado, opressor e tecnicista da cidade e abrange, a partir daí, os desdobramentos de sentimentos, condutas e ações que isso acarreta. E como no jogo de xadrez, representa, antes de qualquer coisa, forças que se complementam nas várias realidades apresentadas. Todo o drama do protagonista nasce mesmo da contradição, dos antagonismos de seu mundo, cheio de significados específicos.

Necessário se faz também rememorarmos que a vida é fragmentária, são rápidos momentos, uns claros outros escurecidos, simultâneos, e que nós, seres humanos, precisamos

vivê-los, convivê-los e absorvê-los vida afora. Analogia que observamos na própria estrutura fragmentada do livro, composto em capítulos-contos in(ter)dependentes e acabados em si. Revela-nos, dessa forma, outra marca simbólica do escritor, pois na vida como na história contada há o fragmentário. Tudo gira em torno da necessidade de atingir a plenitude de compreensão da vida e seu relacionamento com os outros e o mundo. A aproximação de ambos, o vivido e o ficcional, é a busca de um mistério intocável: o ser, a existência e a própria identidade.

Ouvindo os ruídos que ecoam entre as pedras e o mar de Sambaqui, lugar paradisíaco onde ocorrem as ações de *A coroa no reino das possibilidades*, é grande, e talvez inevitável, a tentação de fazermos entrar em ressonância os pensamentos e questionamentos feitos pelo protagonista do romance e a filosofia existencialista. Lado a lado temos, como indivíduos desse mundo, também nossas angústias, escolhas, responsabilidades em nossos atos; assim, nossas experiências cotidianas emergem a cada página virada, tornando o encontro, por vezes, perturbador, embora provocante, trazendo descobertas concretas cada vez mais surpreendentes e mais fascinantes. E conforme adentrávamos neste mundo, mais nos deparávamos com temas da existência e do existente, pelo que a obra sugere de autoreflexividade e de autocrítica. Essa é a leitura criativa, que cabe a cada um de nós, leitores. Também é produção do desejo, pois cada um lê com seus fantasmas, seus medos, suas paixões. A nós cabe parte dessa criação que é o livro, e sua leitura é enriquecida sempre de novos sentidos.

Esse processo para BORGES (1985, p. 11) configura-se em: “Pegar um livro e abri-lo contém a possibilidade do fato estético. Que são as palavras impressas em um livro? Nada, absolutamente. Que é um livro se não o abrimos? Mas, se o lermos, acontece uma coisa rara: creio que ele muda a cada instante”.

Se por um lado o romance aponta, em suas longas passagens dissertativas, a tendência de aproximar-se da filosofia existencialista, isso não diminui a poesia e a fluência da história contada, que se lê com prazer e sofreguidão. Há uma busca de relação de caráter tanto ‘inter’ como transtextual, capaz de configurar um espaço intervalar de reflexão, situado entre a literatura e a filosofia, cada segmento com seus espaços e importâncias.

Logo, filosofamos juntos, o protagonista e nós leitores, sem pretendermos chegar a um ponto final. Ler e interpretar um texto requer a procura de uma posição fora ou dentro dele, conforme as relações que com ele se estabelecem. O indivíduo, pelo próprio fato de ser homem, deseja ansiosamente entender-se a si próprio, entender o outro e entender o mundo em que vive. Esse anseio faz parte do ser humano e confirma a temática da filosofia existencialista de modo evidente neste romance. “O homem se perde tentando se encontrar, e só pode se encontrar perdendo-se”, lembra Sartre.

E assim, Miro Morais tende a surpreender-nos. Sua obra constitui um estímulo essencial para a reflexão e a cada leitura extraímos novas conotações para o que foi lido anteriormente. Escrita numa linguagem simples, exata, sem jeito de envelhecer, rompe com a arte tradicional da época, aborda a situação humana experimentada pelo indivíduo enquanto ser subjugado pela força terrível da existência. Seja nos seus questionamentos sobre o sentido do eu, das coisas, do mundo, ou seja, na linguagem puramente poética, carregada de simbologia e elementos metafóricos, o escritor revela uma concepção de mundo tipicamente existencialista, à medida em que trata de problemas como o desejo de ser livre, a aceitação da vida e da morte ou as condições das relações humanas.

Como cidadão, viveu em uma época catastrófica, política e socialmente. Lembremos que o panorama histórico de fundo é a situação brasileira da década de 60, representado pelo medo e pelo cerceamento das liberdades individuais dos cidadãos brasileiros. Viveu uma

conjuntura política repressiva, agitada, inquieta, diante das inseguranças e desordens de todo tipo, que se seguiu ao atemorizante período de ditadura militar no Brasil. Os tempos são de crise da sociedade brasileira, que enfrenta o autoritarismo do Estado, de um lado, e vive os prenúncios dos movimentos libertários europeus, de outro. Em face do momento vivido, político e existencial, decorre o sentimento de frustração e vazio, tão conhecidos dos pensadores existencialistas. Se os tempos são de repressão e inseguranças, conseqüentemente temos, nesta época, uma censura atuante, o que impulsionava os escritores a utilizarem intensamente a linguagem simbólica ou se expressarem por metáforas.

Espelhado nesse contexto, emerge no protagonista de *A coroa no reino das possibilidades* um tipo que evade da vida social e seus condicionamentos. Sua jornada tem início num ato transgressor e constitui-lhe um estilo de vida onde o retiro e a solidão poderiam restituí-lo como ser humano livre, já que a situação histórica do momento constringia à ação. O sujeito mergulha no anonimato, para resgatar seus primórdios e começar a existir novamente a partir do nada.

O narrador-personagem se dispôs, de bom grado, a correr o risco de abandonar atitudes que lhe propiciavam uma sensação de segurança e a dar o salto ao desconhecido, à procura de novas atitudes diante de si e dos demais companheiros da vila dos pescadores, pessoas que decisivamente contribuíram para que ele encontrasse o caminho do retorno à vida simples. Seja na simplicidade de Zeca, que traz consigo a sabedoria nata ou em Nozinho, que em seus diálogos e atitudes arrebatava com a sabedoria da vivência, ensinando-lhes a humildade e a serenidade. Ao desvencilhar-se, conscientemente, de suas amarras anteriores, prova o gosto do que é sentir-se livre. Ao término das narrativas o percebemos preparado para o convívio contínuo diante da sua condição humana e das angústias do viver.

A angústia nascida do espetáculo de um mundo conturbado, que impõe a obrigação de procurar fixar sob uma forma coerente as razões de existir, o que supõe consciência e atitude. Se sentido houver para a existência, o homem, e ele só, poderá encontrar, aponta Albert Camus em sua obra *A peste*(1998).

O escritor mostra-se consciente em relação ao sistema social vigente. O mundo mítico dos pescadores e seus sistemas de valores vêm à tona para mostrar ao protagonista da história uma nova realidade. Neste convívio “aprendeu a serenidade e os caminhos do retorno, onde foi encontrar as revelações que as coisas exibiram desde o primeiro momento da luz” (MORAIS, 1982, p.8). Este reconhece como única saída para o ser humano viver em sua totalidade existencial, a participação nos problemas, e então passa de objeto a sujeito da história. O romance aponta para uma nova concepção de sujeito, não mais identificado com uma racionalidade que se acredita soberana. Rejeita um simples existir egoísta e solitário em relação aos demais e elege o engajamento coletivo, o que justifica seus atos, pois o personagem em nenhum momento fica de fora dos acontecimentos. Falando de si, ouvindo os outros, dando, recebendo, ajudando, procura atingir o que há de mais remoto e verdadeiro no homem. O espaço social, enquanto sistema de valores, projeta-se, dessa maneira, na psicologia do personagem. Os fatos do enredo acontecem na Ilha de Santa Catarina, incluindo mesmo episódios históricos e a ânsia de libertação e de autenticidade experimentada pelo protagonista, e assim, a temática toma dimensões universais.

Incontestável é o fato de que o mundo é palco de fracassos e ruínas, que a angústia constitui a própria essência do mundo. O ser humano vive contingencialmente sua existência, busca incansavelmente algo que está sempre mais além. Isto porque “corremos rumo a nós mesmos, e somos, por esta razão, o ser que jamais se pode alcançar”, argumenta SARTRE (1997, p. 267). Apesar disso, o homem é um ser aberto para o mundo, para a complexidade da

sua condição humana, um ser do acaso, do risco, da crise, um explorador dos espaços, e Sartre ainda socorre dizendo: “Um homem nada é se não for um contestador”.

Portanto, o irrefutável é que a literatura e a filosofia encontram meios para um profícuo diálogo ao abordar o mesmo enfoque: a existência humana. A pergunta “quem é o homem” continua a surgir. Isto continua sendo o que há de mais estranho ao homem. E esse questionamento leva-nos a reconhecer na obra uma intensa esperança nos dias que virão, apesar das angústias, há a possibilidade de um mundo mais humano.

Tanto a literatura como a filosofia falam do mundo e do ser humano que nele está, tais como se apresentam ao próprio homem. Como verdadeiros e constantes desafios, são necessários, pois a própria existência humana é um empreendimento inesgotável, que deve ser sempre recomeçado e cada vez melhor compreendido. Recordemos que todo homem é um Sísifo, fadado a recomeçar eternamente à procura de resposta ao questionamento que lhe é natural, que faz parte do ser humano.

E retornando ao nosso tabuleiro, lembremo-nos de que o rei é considerado a peça mais importante do jogo de xadrez; enquanto houver rei, o jogo continua. Jogo imprevisível, com número de possibilidades infinitas. Sempre surgirão novas e surpreendentes continuações. Na nossa existencialidade, há essa superação, não chegamos também a uma conclusão. E parafraseando Otavio Paz, é possível dizer que nem a literatura nem a filosofia estabelecem ou fundamentam alguma coisa, salvo a própria interrogação.

Assim também é a criação literária de Miro Morais, que não se esgota, sem solução definitiva e inauguradora de novas ficções. Jogando ao contrário, desconstruindo os fatos, refletindo, avançando e recuando as pedras, seu personagem nos revela as possibilidades de viver no grande tabuleiro, superando as angústias e frustrações apresentadas em sua caminhada existencial.

Além desta atitude existencialista, temos no escritor um existencialismo como ponto de vista e expressão, pois é assim também que ele escancara a vida e sua busca contínua, tecendo reconsiderações sobre o seu sentido e a instância entre acabar uma etapa e recomeçar algo. Há uma mensagem humana e social, relevantemente positiva, esperançosa diante da vida e do seu futuro, que em sua arte, enfrenta e expressa magistralmente.

Canta uma canção bonita
Falando da vida em ré maior
Canta uma canção daquelas
De filosofia, mundo bem melhor

Oswaldo Montenegro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.
- ALMEIDA, Fernando José de. **Sartre: é proibido proibir**. São Paulo: FTD, 1988.
- ANTONELLI, Ronaldo. Miro, um premiado autor catarinense. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 dezembro 1982. Ilustrada, p. 37.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.
- BORGES, Jorge Luís. **Cinco visões pessoais**. Trad. Maria Rosinha Ramos da Silva. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- CALDEIRA, Almiro. O reino e a coroa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 3 abril 1982. Letras e Livros.
- CAMUS, Albert. **Actuelles**. Paris: Gallimard, 1953.
- _____. **O avesso e o direito**. Trad.de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **O estrangeiro**. Tradução Maria Jacintha. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. **A Peste**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. A personagem do romance. In **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CARVALHO, Geraldo. Um novo contista, **O Norte**, Recife, 23 abril 1968.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CONTRERA, Walter. O senhor da palavra. **Visão**, 04 julho 1983.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

- Dois catarinenses no Rio, **O Jornal**. Rio de Janeiro, 30 agosto 1968.
- DOUBEK, Josef. **Xadrez para principiantes**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- FISCHER, J. **Como é fácil aprender xadrez**. Porto Alegre: Ríguel, 1985.
- FRAGATTA, Júlio. **A fenomenologia de Husserl**. Braga: Livraria Cruz, 1985.
- FRANÇA, Carlos. **Psicologia Fenomenológica : uma das maneiras de se fazer**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa: Vega Universidade, 1972.
- GIANUCA, Renato. Milênios de conquistas são ainda milênios de misérias. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 junho 1968. Caderno de Sábado.
- GILES, Thomas Ransom. **O que é filosofar?** São Paulo: EPU, 1987.
- _____. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.
- GREENING, Thomas C. (Org.). **Psicologia Existencial-Humanista**. Tradução de Eduardo de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- HOHLFELDT, Antônio. **A literatura catarinense em busca da identidade – o conto**. Porto Alegre: Movimento ; Brasília: INL, 1985.
- _____. **A literatura catarinense em busca da identidade – o romance**. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: FCC/Ed. da UFSC, 1994.
- HORNEY, Karen. **Nossos conflitos interiores**. Tradução Octávio Alves Velho. São Paulo: DIFEL, 1987.
- JOLIVET, Régis. **As doutrinas Existencialistas**. Porto: Tavares Martins, 1961.
- JUNKES, Lauro. **Aníbal Nunes Pires e o grupo Sul**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Ed. Lunardelli, 1982.
- _____. **A literatura de Santa Catarina: síntese informativa**. Florianópolis: Ed. Autor/Ed. da UFSC, 1992.
- _____. **Autoridade e Escritura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- _____. **O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.
- KIERKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.

- Lançamentos. **Fatos e Fotos**, 24 outubro 1968.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MACHADO, Janete Gaspar. **A literatura em Santa Catarina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- MACMURRAY, Jonh. *Reason and emotion*. New York: Appleton-Century, 1938.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MELO, Osvaldo Ferreira de (Coord). **História Sócio-Cultural de Florianópolis**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto/I.H.G.S.C./Lunardelli, 1991.
- MENDONÇA, Eduardo Prado de. **O mundo precisa de filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1981.
- MIGUEL, Salim. **O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1990.
- _____. **Gente da Terra**. Florianópolis: Lunardelli, 2004.
- _____. Livros. **Jornal Santa Catarina**, Florianópolis, 15 outubro 1981.
- Miro Morais, autor de SC, lança obra na Capital. **O Estado**, Florianópolis, 15 outubro 1981. Literatura.
- MORAIS, Miro. **A coroa no reino das possibilidades**. Florianópolis: FCC Edições, 1981.
- _____. **Cândido Assassino**. Florianópolis: FCC Edições, 1983.
- MOUNIER, Emmanuel. **Introdução dos Existencialismos**. [s.l.: s.n.].
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.
- NASCIMENTO, Esdras do. Miro Morais, um autor contra a massificação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 junho 1968.
- NEVES, Gustavo. Prosa de Domingo. **O Estado**, Florianópolis, 31 março 1968.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

- PEREIRA, Otaviano José. **Aristóteles: o equilíbrio do ser**. São Paulo: FTD, 1991.
- PONTES, M. Jogo da vida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 março 1982. Especial.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **Introdução ao Existencialismo**. Campinas: Edicamp, 2003.
- SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- SACHET, Celestino. **A Literatura Catarinense**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- _____. (Org.). **Antologia de autores catarinenses**. Rio de Janeiro: Laudes, 1997.
- SANTAELLA, Antônio. A propósito de um livro premiado. **O Estado**, Florianópolis, 12 abril 1983, p. 14.
- SANTOS, Pedro Sérgio dos. **O que é Xadrez**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. *Os Pensadores*, São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. **O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdiggão, Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **Que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SHITSUKA, Ricardo et al. **Xadrez e a estratégia no dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2004.
- SOARES, Iaponan. **Panorama do conto catarinense**. Porto Alegre: Movimento: Brasília: INL, 1974.
- SOUZA, Silveira de. Miro Morais. **O Estado**. Florianópolis, 12 fevereiro 1984, p. 24.
- TODD, Olivier. **Albert Camus: uma vida**. Tradução de Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- TRIFUNOVITCH, Petar; VUKOVITCH, Sava. **ABC do Xadrez**. Lisboa: Presença, 1981.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina, a ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- VIEIRA, Luiz Antonio. Para um conceito de catarinidade. **Boi de Mamão**. Florianópolis, outubro de 1981, n. 05.

WOLFF, Joca (Org.). **Indicador catarinense de escritores**. Florianópolis: FCC/Paralelo 27, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1 – LANÇAMENTOS

ANEXO 2 – MIRO MORAIS, AUTOR DE SC, LANÇA OBRA NA CAPITAL

ANEXO 3 – DOIS CATARINENSES NO RIO

ANEXO 4 – UM NOVO CONTISTA

ANEXO 5 – MIRO MORAIS, UM AUTOR CONTRA A MASSIFICAÇÃO

ANEXO 6 – COMO JULGAR O LIVRO DE MIRO MORAIS

ANEXO 7 – PROSA DE DOMINGO

ANEXO 8 – LIVROS

ANEXO 9 – PARA UM CONCEITO DE CATARINIDADE

ANEXO 10 – JOGO DA VIDA

ANEXO 11 – O REINO E A COROA

ANEXO 12 - MIRO, UM PREMIADO AUTOR CATARINENSE

ANEXO 13 – A PROPÓSITO DE UM LIVRO PREMIADO

ANEXO 14 – MIRO MORAIS

ANEXO 15 – O SENHOR DA PALAVRA

ANEXO 16 - MILÊNIO DE CONQUISTAS SÃO AINDA MILÊNIO DE MISÉRIAS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)